

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE GESTÃO E NEGÓCIOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

NATHÁLIA SANTOS FRANQUEIRO

**DIÁSPORAS CONTEMPORÂNEAS: AS EXPERIÊNCIAS DE REFUGIADOS DA
VIOLÊNCIA E IMIGRANTES ECONÔMICOS EM UBERLÂNDIA/MG**

UBERLÂNDIA

2020

NATHÁLIA SANTOS FRANQUEIRO

**DIÁSPORAS CONTEMPORÂNEAS: AS EXPERIÊNCIAS DE REFUGIADOS DA
VIOLÊNCIA E IMIGRANTES ECONÔMICOS EM UBERLÂNDIA/MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração, da Faculdade de Gestão e Negócios, Universidade Federal de Uberlândia – UFU, como parte dos requisitos para obtenção de título de Mestre em Administração.

Linha de Pesquisa: Sociedade, Desenvolvimento e Regionalidade.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cintia Rodrigues de Oliveira Medeiros

UBERLÂNDIA
2020

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

F835 Franqueiro, Nathália Santos, 1992-
2020 Diásporas Contemporâneas: As Experiências de Refugiados da
Violência e Imigrantes Econômicos em Uberlândia/MG [recurso
eletrônico] / Nathália Santos Franqueiro. - 2020.

Orientadora: Cintia Rodrigues de Oliveira Medeiros.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Pós-graduação em Administração.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.49>

Inclui bibliografia.

1. Administração. I. Medeiros, Cintia Rodrigues de Oliveira ,
1963-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-
graduação em Administração. III. Título.

CDU: 658

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Administração
 Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 5M, Sala 109 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: (34) 3239-4525 - www.fagen.ufu.br - ppgaadm@fagen.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Administração				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico PPGA - Número 226				
Data:	30 de janeiro de 2020	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	17:00
Matrícula do Discente:	11812ADM016				
Nome do Discente:	Nathália Santos Franqueiro				
Título do Trabalho:	DIÁSPORAS CONTEMPORÂNEAS: EXPERIÊNCIAS DE REFUGIADOS DA VIOLÊNCIA E DE IMIGRANTES ECONÔMICOS EM UBERLÂNDIA				
Área de concentração:	Regionalidade e Gestão				
Linha de pesquisa:	Sociedade, Desenvolvimento e Regionalidade				
Projeto de Pesquisa de vinculação:					

Reuniu-se no Bloco 1F, sala 223, Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Administração, assim composta: Professores Doutores: André Francisco de Alcântara Fagundes (FAGEN/UFU), Rodrigo Miranda (FAGEN/UFU), Manolita Correia Lima (ESPM) e Cintia Rodrigues de Oliveira Medeiros orientador(a) do(a) candidato(a). Ressalta-se que as Professoras Dra. Cintia Rodrigues de Oliveira Medeiros e Dra Manolita Correia Lima participaram da defesa por meio de webconferência, o professor Dr. André Francisco de Alcântara Fagundes participou enviando o parecer e os demais membros da banca e o(a) aluno(a) participaram in loco.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, a Prof(a). Dr(a). Cintia Rodrigues de Oliveira Medeiros, apresentou a Comissão Examinadora e o(a) candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao(a) Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do(a) Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a)

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Cintia Rodrigues de Oliveira Medeiros, Professor(a) do Magistério Superior**, em 30/01/2020, às 16:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rodrigo Miranda, Professor(a) do Magistério Superior**, em 30/01/2020, às 16:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **André Francisco Alcântara Fagundes, Professor(a) do Magistério Superior**, em 03/02/2020, às 09:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Manolita Correia Lima, Usuário Externo**, em 10/02/2020, às 12:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1832708** e o código CRC **C244CBE6**.

AGRADECIMENTOS

Enfim, chego ao término da dissertação. Ter cursado o mestrado foi, sem dúvida, uma das experiências mais marcantes e de maior valor que tive a oportunidade de experienciar em minha vida. Foi uma transformação em nível intelectual e enquanto pessoa. Trabalhei com um tema que, apesar de espinhoso e desafiador, me identifiquei e me proporcionou estar em contato com meu público de pesquisa semanalmente, durante todo o segundo ano de mestrado, de tal modo que se tornou uma grande experiência humanizadora, de muitos aprendizados e transformação pessoal.

Certamente devo dirigir meus primeiros agradecimentos à Deus que, do momento que recebi o resultado da aprovação para cursar o mestrado e, estava na condição de imigrante, do outro lado do oceano, até o momento que finalizei esta dissertação, Ele foi o responsável por cada direcionamento. Ele foi o meu guia e me concedeu sabedoria e constância para que eu pudesse desempenhar minhas atividades enquanto pesquisadora, me encorajou e sempre me faz sentir sua que sua presença é uma constante em minha vida.

Quando digo que me identifiquei com o meu tema, quero dizer, principalmente, que foi uma experiência ímpar ter conhecido pessoas, de tantas nacionalidades distintas, que gentilmente abriram a porta de suas casas para mim e me permitiram conhecer um pouco de suas vidas e suas dificuldades. Pessoas que se emocionaram ao me confiarem suas, difíceis, histórias. Registro aqui o meu respeito, admiração e, principalmente, gratidão à cada uma dessas pessoas.

Também não poderia deixar de agradecer à ONG TAARE. Instituição que apareceu por acaso em minha vida, em meio a uma palestra na UFU, no início do ano de 2019, logo após eu ter escolhido o meu tema de dissertação. Para minha surpresa, tive a oportunidade de fazer parte, enquanto voluntária, de um trabalho que considero muito bonito, responsável por ajudar a vida de tantos refugiados e imigrantes, seja com aulas de português, doações, indicações de emprego ou de tantas outras formas. Ter feito parte da ONG, durante o ano de 2019, me permitiu ter contato com refugiados e imigrantes semanalmente e me auxiliou a obter dados, para minha pesquisa, por meio da observação participante, além do contato com estrangeiros que, gentilmente, me concederam entrevistas. Agradeço à presidente da ONG Kelly Moraes e à Profa. Dra. Vivianne Peixoto da Silva, pelo apoio de sempre e por aceitarem que eu pudesse desempenhar algumas das minhas atividades enquanto pesquisadora em meio ao trabalho como voluntária.

Também agradeço, de forma especial, à Laura Carrilo Borges, professora de português e voluntária da ONG, por prontamente se dispor a me ajudar a conseguir contatos de pessoas para que eu pudesse entrevistar e, como se não bastasse, me acompanhou na maioria das entrevistas que realizei. Laura, sem o seu precioso auxílio, o período de coleta de dados de minha dissertação teria sido bastante espinhoso e desafiador, agradeço sua ajuda e companhia nas entrevistas.

Agradecendo também à FAGEN que me acolhe como discente desde 2010, quando iniciei a graduação em Administração na UFU e, posteriormente, ao PPGA, pela possibilidade de retornar à UFU em 2018 e cursar um mestrado de qualidade. Prossigo agradecendo imensamente à minha orientadora Profa. Dra. Cintia Rodrigues de Oliveira Medeiros, a qual nutro um apreço e admiração enormes, pelo exemplo de pessoa e profissional que é. Mestre, muito obrigada pela honra em ter sido sua orientanda, por seus valiosos ensinamentos que transformaram minha visão de mundo. Agradeço sua, sempre, disponibilidade em me orientar, seu profissionalismo, sua dedicação, amizade, e, sobretudo, sua paciência por me auxiliar, mesmo em aspectos tão elementares, advindos de uma pesquisadora ainda iniciante. Tenho em mim um imenso orgulho e felicidade pelo privilégio em ter tido sua orientação.

Agradeço também a todos os demais professores e servidores do PPGA, os quais não mencionarei nomes por medo de que minha memória falhe em me esquecer de alguém importante, mas que, sem dúvidas, me propiciaram importantes ensinamentos, além de um ambiente amistoso para trabalhar e a consequente formação de muitas amizades. Aos meus professores, em especial, agradeço a dedicação de cada um de vocês por fornecerem, a todos os discentes, ensinamentos importantes e de qualidade, por serem exemplos de profissionais, especialmente, para aqueles que pretendem seguir a área da docência, que impacta e influencia a vida de tantos estudantes. Profissão que considero de uma nobreza única e a qual pretendo seguir.

Agradeço aos componentes da banca, professor Dr. André Francisco Alcântara Fagundes e professor Dr. Rodrigo Miranda, por terem aceitado o convite para avaliar meu trabalho e por serem exemplos de profissionais e de pessoas, os quais tive o privilégio de receber ensinamentos desde a graduação. Registro aqui meu agradecimento também à professora Dra. Manolita Correia, por gentilmente ter também aceitado o convite pra compor a banca desta dissertação. Profa. Manolita, apesar de não ter tido a oportunidade de ser sua aluna, já acompanhei palestras suas e li alguns dos seus trabalhos os quais não me deixaram dúvida do seu profissionalismo e da certeza de que tenho outra grande profissional avaliando esta dissertação.

Ainda no campo acadêmico, agradeço às amigadas que fiz no mestrado, pessoas que possuem meu respeito e admiração. Um abraço àqueles que se tornaram meus amigos pessoais e compartilharam suas histórias de vida comigo: Lucas, Juliane, Eunice, Rodolfo, Eduardo, Ana Flávia, Larissa, Duterval, que bom ter a amizade de vocês. Ao Lucas Stocco, em especial, agradeço sua paciência em me ouvir em momentos de dificuldade com o mestrado ou com algum aspecto relacionado à minha vida pessoal. Obrigada também pela grande ajuda em me ensinar questões mais técnicas da academia, em ler e reler minha dissertação/ artigos e apontar melhorias, por fim, em compartilhar comigo oportunidades para o meu desenvolvimento profissional, assim como foram nossas tutorias durante o programa Doutor Legal. Obrigada, meu amigo, te desejo muito sucesso e reconhecimento em sua jornada acadêmica e profissional.

Enfim, nenhum dos meus sonhos seriam possíveis de serem concretizados sem a presença minha linda e abençoada família. Aos meus pais, Helcio e Leila, minha gratidão eterna por serem grandes incentivadores dos meus estudos e dos meus objetivos de vida, por muitas vezes acreditarem mais em meu talento e potencial que eu mesma. Agradeço a ajuda, apoio e carinho que recebo diariamente de vocês. São vocês meus eternos professores. Às minhas irmãs, Lara e Aline, vocês são presentes valiosos que Deus me deu. Obrigada pelo apoio em todos os momentos, pelo riso fácil nas comemorações, no dia a dia, e, pelos abraços e conselhos nas situações difíceis. Nossa família é benção, é união e é um presente dos céus! Obrigada por estarem junto a mim e por compreenderem minhas ausências quando precisei me dedicar aos estudos! Amo cada um de vocês de uma forma singular e especial!

Ao meu namorado, que entrou em minha vida no início do segundo ano do mestrado, obrigada por deixar o fardo do dia a dia mais leve, por ter me trazido sentimentos bons, por me encorajar, aconselhar e, de certa forma, vivenciar essa fase de maneira tão próxima a mim. Você sempre compreendeu minhas ausências em decorrência dos estudos e sempre me incentivou a ser uma versão melhor de mim mesma a cada dia. Obrigada pelo companheirismo, pelo amor e admiração mútua. Amo você!

A todos, muito obrigada!

RESUMO

A atual crise migratória é um fenômeno que gera ansiedade e temor no meio social. Por um lado, há aqueles que resistem em receber o “outro”, por medo de que ele possa perturbar a ordem de uma sociedade já estabelecida (Bauman, 2017). Por outro, há aqueles que necessitam da assistência de outros países, no geral, países do Norte Global e que, no entanto, o cenário encontrado é de descaso, humilhação e rejeição por parte de quem os recebe (Bauman, 2017). Nesse sentido, na tentativa de melhor compreender o drama vivenciado por refugiados e imigrantes econômicos ao buscar por melhores oportunidades de vida em outro país, enquanto experiência da diáspora, proponho a seguinte questão: De que modo as experiências construídas por imigrantes econômicos e refugiados da violência, no âmbito do trabalho, podem ser compreendidas enquanto fenômeno da diáspora? Refugiados e imigrantes são conceitos distintos, em que o primeiro é aquele que se vê obrigado a sair de seu país para salvar sua vida, sem possibilidade de retorno, enquanto o segundo é alguém que escolheu sair de seu local de origem, podendo retornar a qualquer momento (Freitas & Dantas, 2011). Nesta dissertação, portanto, estabeleci como objetivo geral compreender, comparativamente, de que modo as experiências construídas por essas pessoas, no âmbito do trabalho, podem ser entendidas como fenômeno da diáspora. Por se tratar de uma análise no âmbito organizacional, se faz necessário compreender que, assim como um *bright side*, as organizações também têm um *dark side*, que consiste em um lado sombrio, visando o lucro e consequentemente acarretando em consequências difíceis e prejudiciais para o bem-estar da sociedade, especialmente para grupos mais vulneráveis (Linstead, Maréchal & Griffin, 2014). Para o alcance dos resultados utilizei pesquisa de natureza etnográfica com observação participante em uma ONG que trabalha com refugiados e imigrantes econômicos na cidade de Uberlândia/MG, assim como entrevistas semiestruturadas com 16 pessoas, entre refugiados e imigrantes econômicos. Como resultado, teci interpretações sobre a exploração da vulnerabilidade de *outsiders* por estabelecidos no contexto do trabalho, evidenciando a colonialidade e relações de poder presentes no âmbito organizacional e constituintes do lado sombrio, ou *dark side*, das organizações.

Palavras-chave: Diáspora, Refugiados, Imigrantes Econômicos, Estabelecidos, *Outsiders*, Colonialidade, *Dark Side*

ABSTRACT

The current migration crisis is a phenomenon that generates anxiety and fear in the social environment. On one hand, there are those who resist receiving the "other" for fear that it may extinguish the well-being of an already established society (Bauman, 2017). On the other hand, there are those who need assistance from other countries, in general, Global North countries, and the scenario encountered is of negligence, humiliation and rejection by those who receive them (Bauman, 2017). Thus, in an attempt to better understand the drama experienced by refugees and economic immigrants as they seek for better life opportunities in another country, as a diaspora experience, I propose the following question: How do the experiences built by economic immigrants and refugees from violence, in the context of work, can be understood as a diaspora phenomenon? It is important to point out that refugees and immigrants are different concepts, in which the former is the one who is forced to leave his/her country to save his/her life, with no possibility of return, while the latter is someone who chose to leave his/her place of origin and can return at any time (Freitas & Dantas, 2011). In this dissertation, therefore, I proposed as a general objective to understand, comparatively, how the experiences built by these people, in the context of work, can be understood as a diaspora phenomenon. As it is related to the organizational level, it's necessary to understand that, as well as a bright side, organizations also have a dark side, aiming the profit and consequently leading to difficult consequences for the society's welfare, especially for the most vulnerable groups (Linstead, Maréchal & Griffin, 2014). To achieve the results, I used ethnographic research with participant observation in an NGO that works with refugees and economic immigrants in the city of Uberlandia/MG, as well as semi-structured interviews with 16 people, refugees and economic immigrants. As a result, I have interpreted the exploitation of outsiders' vulnerability as established in the work context, highlighting the coloniality and power relations present in the organizational context and part of the dark side of organizations.

Keywords: Diaspora, Refugees, Economic Immigrants, Established, Outsiders, Coloniality, Dark Side.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Frequência de palavras.....	48
---------------------------------------	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Número de documentos encontrados	23
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Síntese da revisão de literatura	38
Quadro 2- Entrevistados Refugiados e Imigrantes Econômicos.....	46
Quadro 3- Ocupação – Refugiados e Imigrantes Econômicos.....	71

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Contextualização: Obstáculos que permeiam a realidade vivenciada por refugiados e imigrantes econômicos	15
1.2 Objetivo geral	20
1.3 Objetivos específicos	20
1.4 Justificativas.....	20
1.5 Estrutura da dissertação	24
2 A PERSPECTIVA PÓS-COLONIAL COMO LENTE PARA O ESTUDO DE REFUGIADOS E IMIGRANTES ECONÔMICOS	25
2.1 A Perspectiva Pós-Colonial	25
2.2 Imigrantes Econômicos e Refugiados.....	27
2.2.1 A Colonialidade no Âmbito do Trabalho	34
2.3 Principais Estudos Sobre Imigrantes e Refugiados na abordagem Pós-Colonial	37
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS	40
3.1 Abordagem metodológica.....	40
3.2 Etapas da pesquisa	41
3.3 Material Empírico	42
3.4 Análise do material empírico	46
4 O QUE REVELAM AS NARRATIVAS DE REFUGIADOS E IMIGRANTES ECONÔMICOS.....	49
4.1 Motivações para sair de seus países de origem e a chegada em local estranho.....	49
4.1.1 Instabilidade econômica e política	49
4.1.2 Busca de sobrevivência pelo país de origem estar em guerra	52
4.1.3 Baixas oportunidades profissionais e financeiras no país de origem	54
4.1.3 Motivos de ordem emocional.....	55
4.1.4 O cruzamento das fronteiras e a chegada no Brasil como terra estranha.....	56
4.2 Os desafios advindos do processo da diáspora	60

4.2.1 A chegada em um país monolíngue: dificuldades com o idioma.....	60
4.2.2 O não-cidadão: dificuldades com a documentação.	61
4.2.3 O acolhimento em Uberlândia e a saudade do que ficou para trás	64
4.2.4 Desafios para conseguir trabalho	69
4.3 A exploração no âmbito do trabalho	72
4.3.1 Exploração financeira no trabalho.....	72
4.3.2 Exploração de mão de obra por meio de horas extras não pagas.....	77
4.3.3 Condição de trabalho análoga à escravidão	78
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	81
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: RELAÇÕES DE COLONIALIDADE ENTRE	
ESTABELECIDOS E OUTSIDERS.....	85
REFERÊNCIAS	88
APÊNDICE A	93

1 INTRODUÇÃO

“Seu Cristo é judeu. Seu carro é japonês.
Sua pizza é italiana. Sua democracia, grega.
Seu café, brasileiro. Seu feriado, turco.
Seus algarismos, arábicos. Suas letras, latinas.
Só o seu vizinho é estrangeiro”.

Zygmunt Bauman

A epígrafe de Zygmunt Bauman traz os dizeres de cartazes espalhados pelas ruas de Berlim, no ano de 1994 (Bauman, 2005a, p. 33). O cartaz traz implícita a ideia de globalização e parece ironizar a lealdade a estruturas rígidas. A mensagem vai ao encontro da temática proposta nesta dissertação e representa uma crítica ao etnocentrismo, que induz à aversão ao “outro”, sem, no entanto, perceber que o “outro” é também parte de si mesmo.

Complementar a essa ideia, Hall (2003) observa que as sociedades possuem origens diversas, e que, portanto, não podem se considerar “puras”, pois são resultado de uma fusão de povos e elementos culturais distintos, advindos das diásporas que acompanham a questão histórica. Ainda que o termo diáspora esteja relacionado ao fenômeno da migração humana, Hall (2003, pp. 32-33) define que o conceito está fundamentado sobre a ideia da “construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um ‘outro’ e de uma oposição rígida entre o de dentro e o de fora”.

As diásporas contemporâneas, então, se caracterizam pela rejeição e humilhação de minorias, se pautam na criação de fronteiras que ocasionam temores e ansiedade por parte daqueles que necessitam ou desejam cruzá-las. Bauman (2017) defende que, ao invés de muros, precisariam ser construídas pontes.

No intuito de compreender a realidade vivenciada por minorias, cujas vozes são silenciadas, me proponho a dissertar sobre os desafios enfrentados por refugiados e imigrantes¹, ao analisar as narrativas de pessoas que saíram de seus países em busca de melhores condições de vida em outro território, nesse caso, na cidade de Uberlândia.

Essas narrativas serão analisadas à luz do pós-colonialismo e da compreensão de aspectos relacionados ao colonialismo que ainda se faz presente, especialmente, no âmbito do trabalho, mas sem desconsiderar outros espaços sociais. De maneira geral, buscarei oferecer,

¹ Ainda que seja uma distinção socialmente construída, a diferença entre refugiados e imigrantes considerada nesta dissertação é aquela dada por Freitas e Dantas (2011), em que refugiado é alguém que se vê obrigado a deixar seu país, sem possibilidade de retorno, e o imigrante é aquele que escolhe mudar de território, sem impedimento para retornar ao seu país de origem.

de forma crítica, reflexões, considerações e interpretações sobre vivências sociais e culturais experienciadas por grupos de imigrantes e refugiados que vivem na cidade de Uberlândia.

Minha intenção nesta pesquisa, não é de falar pelo outro, mas sim, compreender, por meio de suas narrativas, dificuldades e vivências comuns a imigrantes e refugiados, de maneira a comparar essas experiências. Essas ideias são centrais para conduzir o problema de pesquisa o qual buscarei aqui responder.

1.1 Contextualização: Obstáculos que permeiam a realidade vivenciada por refugiados e imigrantes econômicos

Na história da humanidade, diversas foram as migrações realizadas pelo homem com o objetivo de se obter melhores condições de vida ou explorar o novo, o diferente, ainda que, por vezes, essa exploração tenha acontecido por meio da colonização e do uso da força sobre povos e territórios.

O contexto histórico está, então, permeado por diversos e distintos movimentos migratórios, de tal forma que essa intensa movimentação nunca deixou de acontecer, não apenas pela migração de pessoas, mas, também, pelo aumento da movimentação de mercadorias, informações, serviços e capitais, intensificando a diversidade e complexidade do mundo (Freitas & Dantas, 2011).

O termo diáspora, de forma geral, e, no sentido que será utilizado nesta dissertação, se refere à dispersão, deslocamento, espalhamento de povos, palavra que está associada a migração e colonização (Hall, 2003; Pereira, 2016). A diáspora refere-se, então, a um traço constitutivo da humanidade, e, sendo um fenômeno crescente, tornou-se motivo de atenção por parte de diversos países que resistem em receber determinados grupos de estrangeiros. A problemática entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, trazida pelo pós-colonialismo evidencia as relações desiguais e opressão que ainda se fazem presentes, frutos da colonização de povos, provenientes dos países do Norte, que se refletem em países do Sul².

As barreiras físicas impostas por países do Norte seriam algo paradoxal se considerarmos um mundo que estimula a mobilidade geográfica. As fronteiras estão cada vez mais abertas a um fluxo de mercadorias, capitais e serviços, no entanto, estão cada vez mais fechadas para o deslocamento de pessoas, especialmente se essas pessoas forem oriundas de

² A denominação Norte Global e Sul Global não se aplica a uma delimitação geográfica precisa, embora possa coincidir, mas representa, sim, as relações de poder no sistema global, em que países do Sul localizam-se na periferia do sistema capitalista industrial, sendo uma categoria dinâmica, mas em constante articulação dos países (Silva, 2015).

países do Sul, migrando em busca de melhores condições de vida, para países do Norte (Fernandes, 2013).

Sobre essa intensa movimentação de pessoas, Bauman (2017) argumenta que é grande o fluxo de refugiados que abandonam seus lares em busca de asilo em locais que o autor define como “campos de matança”, ou de imigrantes que se veem motivados a sair de seus países, onde não possuem perspectivas de melhoria das condições de vida, em busca de sonhos em local abundante de oportunidades. No entanto, para quem os recebe, eles sempre serão considerados *outsiders*, os quais são vistos com medo, estranhamento, desconfiança e ansiedade.

Informações veiculadas pela mídia sobre o alto número de pessoas na condição de refugiados são frequentes, não sendo incomum encontrar notícias que evidenciem esse fato: “Número de refugiados e migrantes da Venezuela no mundo atinge 3,4 milhões”, “Síria: mais de 11 milhões de pessoas precisarão de ajuda humanitária em 2019”, “Iêmen: 80% da população precisa de assistência e proteção humanitária”, “ONU: mais de 30 mil migrantes morreram no mundo em travessias irregulares entre 2014-2018”, “ONU pede resposta urgente de países europeus ao drama de migrantes no Mediterrâneo”, “Menos de 5% dos refugiados que buscam reassentamento foram atendidos em 2018” (ONU Brasil, 2019).

Além desses números, as notícias também relatam o drama vivenciado por refugiados ou imigrantes na tentativa de migração para outro país. Um dos símbolos que denotam o quão difícil e cruel é a realidade de refugiados, é a imagem de Alan Kurdi, o menino sírio de três anos de idade, encontrado em uma praia da Turquia, morto por afogamento, decorrente de uma embarcação que naufragou durante o momento de fuga das atrocidades do grupo autointitulado “Estado Islâmico”, deixando vários outros mortos que visavam encontrar refúgio na Europa (BBC-NEWS, 2015; G1, 2015). A imagem da criança morta deixa claro que as dificuldades vivenciadas pelos refugiados são muitas e estão presentes, inclusive, na vida dos mais indefesos.

Outro símbolo do drama vivenciado, neste caso, por imigrantes econômicos, é a imagem do pai Óscar e da filha Angie, de apenas 2 anos de idade, que foram encontrados mortos à margem de um rio, ao tentarem cruzar a fronteira do México para os Estados Unidos, na busca do “sonho americano” (G1, 2019). É alto o número de imigrantes que saem de seus países a fim de fugir da pobreza e conseguir melhores oportunidades em local mais desenvolvido, no entanto, é comum que muitos não sobrevivam, nem mesmo às travessias irregulares, já que entrar no país de forma legal e regularizada não é uma possibilidade para muitas dessas pessoas (BBC, 2019).

O drama vai além do alto número de refugiados e imigrantes que necessitam de assistência. Os países, principalmente europeus, que os recebem, consideram ser um “fardo” lidar com esses migrantes. Receber e garantir os direitos de refugiados é ainda mais complicado quando o país enfrenta problemas econômicos, como é o caso de países europeus, pois “muitos europeus estão desempregados e muitos outros rejeitam a possibilidade de trazer mais trabalhadores estrangeiros” (BBC, 2015). O cenário é de rejeição a determinados grupos de estrangeiros, independentemente de serem ou não refugiados (BBC, 2015).

A denominada “crise migratória” gera, então, um “pânico moral”, sentimento de medo descomunal de que algo possa perturbar a ordem da sociedade (Bauman, 2017). É possível corroborar essa tensão vivenciada, principalmente, pelos europeus, por meio da declaração de Nardelli (2015, p.1) ao *The Guardian*: “quase 40% dos europeus citam a imigração como a questão que mais preocupa a União Europeia, mais que qualquer outra questão”. Além disso, “a maioria dos europeus superestima que a população do país é composta por migrantes”, por exemplo, os britânicos consideram que 23% dos imigrantes chegam ao Reino Unido em busca de asilo, no entanto, esse número é inferior a 5% (Nardelli, 2015).

No Brasil, o número de estrangeiros que chegam em busca de refúgio mais que dobrou entre os anos de 2016 e 2017. Enquanto em 2016 foram registradas 10.308 solicitações de refúgio, no ano de 2017 esse número chegou a 33.866. Essas pessoas enfrentam uma longa lista de espera até que tenham seus pedidos analisados e aprovados ou negados, mas, até que isso aconteça, os direitos básicos, como: acesso à saúde, educação e carteira de trabalho, precisam ser garantidos. Conseguir um emprego, porém, não é tarefa fácil, muitos ficam desempregados por longo tempo, outros conseguem empregos sem estabilidade, os chamados “bicos” (Franco, 2018).

Os obstáculos enfrentados por refugiados e imigrantes no Brasil são vários. Um refugiado da República Democrática do Congo alega que “O Brasil não pode repetir com os refugiados o erro da escravidão” e relata a dificuldade de adaptação no país, bem como a baixa aceitação dos brasileiros em receber essas pessoas, tratando-as com indiferença (Mello, 2015).

Os percalços em conseguir um emprego também são grandes, visto que, quando refugiados e imigrantes econômicos encontram trabalho, na maioria das vezes, são postos abaixo da qualificação profissional que possuem e enfrentam condições precárias para se trabalhar (sem registro profissional), falta de estabilidade por encontrarem trabalhos temporários, além de sofrerem preconceitos e desculpas para não serem empregados (Mello, 2015).

Além das dificuldades para conseguir emprego e das condições insatisfatórias de trabalho encontradas por refugiados e imigrantes, essas pessoas também se deparam com exploração e opressão advinda daqueles que as empregam. A vulnerabilidade destes cidadãos, oriundos de outros países, facilita a exploração do trabalho, favorecendo ainda a má conduta organizacional cujas consequências são prejudiciais (Quijano, 2005).

Essa exploração e dominação ainda existentes no âmbito do trabalho e enfrentadas por imigrantes econômicos ³e refugiados podem ser compreendidas como frutos da origem colonial e do contexto histórico no qual emergem relações de poder e má conduta organizacional, caracterizando o lado sombrio ou *dark side* das organizações. A colonialidade é um meio de se analisar e compreender os motivos pelos quais ainda se faz presente a desigualdade e exploração dos mais fragilizados no contexto do trabalho, pessoas cujas vozes são silenciadas e seu sofrimento nem mesmo é notado pela sociedade (Banerjee, 2008; Limki, 2017; Quijano, 2005; Vaughan, 1999).

Os autores Linstead, Maréchal e Griffin (2014), definem que o termo *dark side* se trata da existência de um lado sombrio das organizações, fenômeno que pode ser encontrado dentro dos limites e práticas organizacionais e se refere à ações ou comportamentos anormais e desviantes das organizações, tornando seus processos simultaneamente funcionais e disfuncionais e trazendo consequências árduas e drásticas para o bem-estar social.

A partir de um panorama geral da situação enfrentada por imigrantes e, principalmente, refugiados, estabeleço que nesta pesquisa tratarei destes dois diferentes tipos de estrangeiros: o refugiado e o imigrante econômico. Os termos muitas vezes se confundem, no entanto, tratam-se de pessoas em situações distintas.

Nesta dissertação, utilizarei o conceito de Freitas e Dantas (2011, p.603), para quem o refugiado é “alguém que foi obrigado a deixar seu país para salvar sua vida, a de sua família ou para fugir da prisão, sem muita possibilidade de retorno”, em virtude de sua adequação ao contexto desta pesquisa, que se volta para as narrativas de pessoas que fugiram do seu país de origem para salvar suas vidas. Os autores complementam que se trata de uma situação em que há um imperativo de mudança de local sem possibilidade de negociação ou de volta, e que aqueles que estão em situação de exílio perdem vínculos relacionados à sua identidade e pertencimento a uma nação e cultura.

³ A noção do termo imigrante econômico nesta dissertação, é a mesma dada por Campbell (2018), em que o autor define que, dentre os vários motivos que levaram um imigrante a migrar para outro país, está a motivação econômica e melhoria nas condições financeiras de vida, ou seja, aqueles que saíram de seu país de origem com a finalidade de trabalhar no país de destino. É o **trabalho** que determina a motivação principal desses imigrantes.

O imigrante, por sua vez, segundo Freitas e Dantas (2011, p.603), “é alguém que escolheu viver em local diferente do de sua origem, sem impedimentos para retorno”, portanto, o imigrante difere-se do refugiado, principalmente, no sentido de que sair do seu país para estar ou viver em outro, trata-se de uma escolha e não uma imposição. Os motivos para tal escolha, segundo os autores, podem ser os mais diversos possíveis, desde viver uma aventura até a busca por melhores condições de vida. No caso desta dissertação, tratarei dos imigrantes os quais buscam por melhores condições de vida em outro local, conhecidos como imigrantes econômicos. Ainda que os conceitos sejam distintos para refugiados e imigrantes, é comum que notícias veiculadas pela mídia apresentem experiências e dificuldades similares vivenciadas por ambos, quando em outro país.

As experiências de refugiados e imigrantes estão, assim, associadas a um fenômeno sociocultural contemporâneo: a diáspora (Hall, 2003; Pereira, 2016). Esse termo tem sido utilizado, principalmente, para se referir à ideia de dispersão de povos de maneira forçada, resultando em exclusão do “outro”, o fenômeno se faz presente nos dias correntes à medida que refugiados e imigrantes econômicos se inserem nesse contexto de oposição rígida e hostilidade, advindos por aqueles que os recebem (Hall, 2003; Pereira, 2016).

A exclusão daqueles provenientes da diáspora, neste caso de refugiados e imigrantes, traz a ideia de que o país de destino, tido como lar para essas pessoas, é, simultaneamente, local de segurança e de terror (Brah, 1996). São pessoas fragilizadas que saem de países, onde viveram sob dominação política e econômica, a fim de buscar por melhores condições de vida ou sobrevivência, entretanto, enfrentam condições adversas, migrações traumáticas, quebra de vínculos com seu território de origem e opressão ao chegar em outro local (Silva & Xavier, 2018).

Diante do contexto apresentado, em que há uma manifestação de socorro, ainda que silenciosa, de minorias, perante um período conturbado da existência humana, o assunto dessa dissertação tem sua relevância a qual não se pode ignorar no meio acadêmico, já que manifesta denúncia social, além de crítica e reflexão frente ao fenômeno contemporâneo da crise migratória. É necessário dar voz ao tema e àqueles que necessitam que seus direitos mais elementares sejam garantidos, especialmente no âmbito do trabalho, para que tenham a possibilidade de reconstruir uma nova vida com dignidade.

Estabeleço, portanto, a seguinte questão orientadora, considerada o problema de pesquisa do presente estudo: De que modo as experiências construídas por imigrantes econômicos e refugiados da violência, no âmbito do trabalho, podem ser compreendidas enquanto fenômeno da diáspora? O que se pretende com esta pesquisa, então, é conhecer as

experiências sociais de imigrantes e refugiados no âmbito do trabalho, a fim de verificar padrões e relações de poder provenientes dessas experiências.

Uberlândia é considerada a terceira cidade de Minas Gerais com maior número de refugiados, ficando atrás apenas de Belo Horizonte e Contagem, de acordo com dados do Governo de Minas e da Polícia Federal (Dalmônica, 2018). Por se tratar de uma cidade representativa em termos de quantidade de refugiados, serão analisadas experiências no âmbito do trabalho de refugiados e imigrantes que se encontram em Uberlândia. Isso leva, então, à definição dos objetivos para a condução desta pesquisa:

1.2 Objetivo geral

Compreender, comparativamente, como são construídas as experiências sociais e culturais no âmbito do trabalho, por refugiados e imigrantes econômicos que optaram por viver em Uberlândia.

1.3 Objetivos específicos

- a) Conhecer as trajetórias pessoais e laborais de imigrantes e refugiados.
- b) Analisar, comparativamente, padrões que emergem dessas trajetórias, de modo a reconhecer relações de poder no âmbito do trabalho.
- c) Compreender o lado sombrio (*Dark Side*) das organizações, no que tange ao trabalho de imigrantes e refugiados, com base nas suas narrativas.

1.4 Justificativas

Justifico esta pesquisa em termos pessoais, teóricos, sociais e práticos. Como justificativa **pessoal**, minha escolha pelo tema advém de experiências que vivenciei na condição de imigrante, por duas vezes. Na primeira vez, minha motivação para imigrar foi de natureza educacional, quando estudei por seis meses em uma universidade em Santiago do Chile, como parte de um programa de mobilidade acadêmica universitária.

Na segunda vez, minha motivação principal foi profissional, quando trabalhei e estudei por sete meses em Dublin, na Irlanda. Em várias situações, percebi similaridade em ambas as

experiências no exterior, ao ser vista como *outsider* e no tratamento dirigido a mim pelos nativos, de modo que sempre foi mais fácil fazer amizades e ter contato mais próximo com pessoas que estavam na mesma situação que eu, ou seja, imigrantes, em sua maioria, provenientes de países, assim como o Brasil, classificados como subdesenvolvidos⁴.

Gostaria, porém, de dar enfoque em minha segunda vivência enquanto imigrante, em que vivi e trabalhei na Irlanda, experiência essa que me possibilitou perceber que, por trás do sonho de sair do país de origem e ir para um outro, que figura entre os países classificados como desenvolvidos, na convicção de que seria possível obter uma melhor condição de vida, se escondem várias nuances e dificuldades, principalmente no âmbito do trabalho, que pretendo discorrer ao longo desta dissertação.

Tive contato com várias outras nacionalidades que ali viviam, pois Dublin é um espaço heterogêneo, em que múltiplas culturas se reúnem. Essas pessoas estavam em busca de melhor qualidade de vida, e, os discursos que ouvi em relação às dificuldades experienciadas, muitas vezes se confundiam, especialmente se essas pessoas eram imigrantes de países do Sul.

Sendo assim, pauto minha escolha no interesse em compreender por meio das narrativas de imigrantes e refugiados, suas trajetórias pessoais e experiências no âmbito do trabalho, a fim de compreender casos de exploração ou relações de poder no contexto organizacional, além de dar voz à essas pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade e, muitas vezes, não possuem seu sofrimento nem mesmo notado, sendo tratados com indiferença por aqueles que não vivenciam as mesmas dificuldades. Essas questões são as principais direcionadoras na execução desta pesquisa.

Como justificativa **teórica**, possuo a pretensão de contribuir com o campo dos estudos organizacionais, em especial, o campo dos Estudos Críticos em Administração (*Critical Management Studies – CMS*), que se orienta para questionar as práticas organizacionais e descaracterizar aquilo que é tido como certo e imutável no âmbito do *management* e as consequências que resultam em problemas sociais (Parker, 2004).

Ainda que os temas relacionados à imigração e refugiados sejam bastante pesquisados e estudados, realizei um levantamento bibliográfico, entre janeiro e maio de 2019, com o intuito de encontrar trabalhos com o tema aqui proposto ou apontar lacunas/ausência de estudos sobre esta temática.

Realizei uma busca desses trabalhos em cinco plataformas diferentes: Scopus, Web Of Science, Scielo, SAGE *Publishing* e Spell. Minha opção por utilizar as plataformas Scopus,

⁴ A classificação de países em desenvolvidos ou subdesenvolvidos é reconhecidamente simplista (ver Sposito, 1994, por exemplo, entre outros), e o uso dessas denominações nesta dissertação segue os autores referenciados.

Web Of Science e Scielo justifica-se por essas estarem dentre os principais e mais consistentes índices bibliográficos multidisciplinares em nível internacional (Packer, 2011). A plataforma SAGE *Publishing* também é internacional e disponibiliza um número considerável de *journals* (mais de 1000), de distintas categorias. A plataforma Spell, por sua vez, foi utilizada por ser nacional e por se tratar de uma ferramenta virtual que disponibiliza periódicos nacionais das áreas de Administração Pública e de Empresas, Contabilidade e Turismo no Brasil.

Para todas as buscas efetuadas, considerei apenas trabalhos classificados como “*articles*”, publicados em *journals*, excluindo-se teses, dissertações e artigos publicados apenas em congressos, além disso, foram considerados apenas trabalhos no período de 2000 a 2019.

Três termos, considerados palavras-chave desta pesquisa, foram levados em consideração no momento do levantamento bibliográfico, sendo eles: “*refugee*”/“refugiado”, “*immigrant*”/“imigrante” e “*post-colonialism*”/“pós-colonialismo”. As palavras foram pesquisadas em inglês e português, a fim de atingir um maior número de trabalhos.

Inicialmente, apenas os termos “*refugee*” e “*post-colonialism*” foram considerados. Pesquisei, primeiramente, apenas o termo “*refugee*” e em seguida os termos “*refugee*” and “*post-colonialism*”. Num segundo momento, utilizei a mesma técnica de busca, pesquisando unicamente o termo “*immigrant*” e, em seguida, os termos combinados “*immigrant*” e “*post-colonialism*”. Os filtros foram aplicados para que as palavras fossem encontradas em títulos, resumos ou palavras-chave.

A quantidade de trabalhos encontrada foi bastante alta, quando pesquisado apenas o primeiro termo “*refugee*” ou “*immigrant*”. Quando inserido o termo “*post-colonialism*” na busca, a quantidade de trabalhos diminuiu consideravelmente. Nessa segunda pesquisa, em que inseri o termo “*post-colonialism*”, realizei uma leitura do resumo dos trabalhos que apareceram, com a finalidade de separar aqueles que mais se aproximavam da temática desta dissertação. A quantidade desses trabalhos, por plataforma de busca, está apresentada na Tabela 1.

Tabela 1 - Número de documentos encontrados

TERMO DE BUSCA	SCOPUS	WEB OF SCIENCE	SCIELO	SAGE	SPELL
<i>"Refugee"</i>	16.650 total	8.151 total	182 total	1.095 total	5 total
<i>"Refugee" and "Post-colonialism"</i>	25 total 6 relacionados ao tema	3 total 1 relacionado ao tema	-	2 total - relacionado ao tema	-
<i>"Immigrant"</i>	48.440 total	26.956 total	949 total	3991 total	15 total
<i>"Immigrant" and "Post-colonialism"</i>	44 total 5 Relacionados ao tema	2 total - relacionado ao tema	1 total - relacionado ao tema	1 total - relacionado ao tema	-

Nota: Elaborado pela autora

Apesar de 12 trabalhos terem sido selecionados como “relacionados ao tema”, apenas cinco foram selecionados para compor a revisão da literatura que apresentarei mais adiante, pois possuíam temáticas mais próximas ao tema aqui proposto. Não identifiquei, porém, em nenhuma das cinco plataformas, trabalhos publicados em periódicos que buscassem compreender, de forma crítica, as relações e condições no âmbito do trabalho enfrentadas por imigrantes e refugiados, no sentido de comparar as experiências vivenciadas por um e outro, a luz do pós-colonialismo e na área de Administração, o que faz com esta pesquisa contribua com essa lacuna.

Assim, é central para esta dissertação, as narrativas de refugiados que encontraram asilo na cidade de Uberlândia/MG e imigrantes que também vivem nessa cidade, a fim de comparar as experiências de trabalho vivenciadas por ambos, à luz da teoria do pós-colonialismo, contribuindo com o CMS. Esses resultados poderão adicionar contribuições teóricas ao campo de estudos organizacionais, mais especificamente sobre as relações de poder que emergem no âmbito do trabalho, quando os trabalhadores são imigrantes ou refugiados. Ainda, pelo fato de a pesquisa considerar aspectos da regionalidade, em conformidade com o foco de concentração da linha de pesquisa Sociedade, Desenvolvimento e Regionalidade do PPGA/UFU/FAGEN, contribuições relevantes sobre as dimensões sociais e culturais serão oferecidas.

No âmbito **prático**, justifico esta pesquisa por, potencialmente, promover reflexão aos leitores, assim como aos atuais e futuros gestores, de tal modo que oportunize possíveis mudanças nas relações de trabalho dentro das organizações. Com a finalidade de que diferenças sociais e culturais sejam valorizadas e a igualdade de oportunidades seja orientada para o tratamento de imigrantes e refugiados no local de trabalho, reconhecendo suas aptidões e

formação profissional, evitando a exclusão social e preconceitos provenientes do colonialismo que ainda se faz presente no agir e pensar da sociedade.

Em termos de justificativa **social**, esta pesquisa se caracteriza por estar munida de denúncia social, já que traz à tona as más práticas de organizações em relação a imigrantes e refugiados, que serão corroboradas por meio de entrevistas feitas com essas pessoas. Portanto, essa dissertação poderá promover reflexões sobre uma problemática social e sobre a responsabilização das organizações acerca das más condutas praticadas contra refugiados e imigrantes.

1.5 Estrutura da dissertação

Depois de ser apresentado, neste primeiro momento, o tema juntamente com um panorama sobre a situação enfrentada por refugiados e imigrantes econômicos, estrutura a dissertação da seguinte forma: No capítulo 2, “A perspectiva pós-colonial como lente para o estudo de refugiados e imigrantes econômicos” serão apresentados os conceitos de diferentes autores sobre o termo pós-colonialismo; em seguida, os conceitos iniciais sobre estudos culturais relacionados à globalização e estrangeiros, dando enfoque a refugiados e imigrantes, levando em consideração a perspectiva pós-colonialista. Na sequência, serão apresentadas abordagens teóricas sobre a colonialidade no âmbito do trabalho, resultando na exploração dos trabalhadores e da má conduta das organizações, gerando o que se denomina por *dark side* organizacional.

Posteriormente, exponho, no capítulo 3, os procedimentos metodológicos da dissertação, as abordagens adotadas, as etapas da pesquisa, o material empírico utilizado e o método adotado para a análise de resultados. No capítulo 4, apresento o que revelam as narrativas de imigrantes econômicos e refugiados. O capítulo foi dividido em três tópicos, no primeiro apresento as motivações dessas pessoas para saírem de seu país de origem, a trajetória e chegada no Brasil; no segundo tópico analiso os principais desafios advindos da diáspora e mencionados pelos entrevistados, no terceiro, analiso a exploração no âmbito do trabalho.

No capítulo 5 exponho as discussões decorrentes dos principais resultados encontrados e apresentados na análise de resultados. Por fim, no capítulo 6, apresento as considerações finais da pesquisa, com a finalidade de retornar o problema de pesquisa e objetivos gerais e específicos, além de apresentar as principais limitações e propostas para futuras pesquisas.

2 A PERSPECTIVA PÓS-COLONIAL COMO LENTE PARA O ESTUDO DE REFUGIADOS E IMIGRANTES ECONÔMICOS

Neste capítulo abordo as principais teorias relacionadas ao pós-colonialismo, conceitos relacionados a imigrantes e refugiados e, por fim, trago considerações de autores sobre a colonialidade no âmbito do trabalho. O objetivo principal desta etapa da pesquisa é fornecer sustentação teórica para as análises que me proponho realizar e, como consequência, responder ao problema de pesquisa e objetivos desta dissertação.

2.1 A Perspectiva Pós-Colonial

A teoria pós-colonial tem por finalidade a crítica e análise da dinâmica complexa e multifacetada do colonialismo ocidental (Banerjee & Prasad, 2008). A relação entre países denominados do **Norte** e do **Sul**, ou do **centro** e da **periferia**, ou ainda, países denominados **desenvolvidos** e **subdesenvolvidos**, ocorre a partir de um sistema de regulação econômica global, com raízes no colonialismo, de modo que os países ditos do Norte, são responsáveis por exercer formas de dominação complexas e profundas sobre os países do Sul (Said, 1993).

A teoria pós-colonial surge no sentido de indagar e promover reflexões sobre relações de opressão e dominação ainda existentes entre países do centro e da periferia. Rosa e Alcadipani (2013, p. 188) destacam que “o principal objetivo da teoria pós-colonial é refletir sobre a herança do colonialismo nas sociedades periféricas”. Medeiros (2013, p. 120) complementa ao afirmar que “essa teoria se centra na crítica às relações desiguais entre o Norte e o Sul”. Young (1998), por sua vez, aponta o caráter interdisciplinar do pós-colonialismo ao defini-lo como estudo acadêmico de natureza histórica, política e teórica dos problemas contemporâneos da globalização.

Diversos são os autores que contribuem com a crítica feita ao colonialismo (Banerjee & Prasad, 2008; Bhabha, 1994; Medeiros, 2013; Prasad, 1997; Rosa & Alcadipani, 2013; Said, 1993; Westwood, 2006; Young, 1998) portanto, há uma gama eclética de posições e teorias que contribuem com o mesmo tema, como, por exemplo, Said (1978), que foi um dos precursores do pós-colonialismo, ao condenar a relação Oriente e Ocidente em que o último exerce uma relação de poder, dominação e opressão ante o primeiro.

Segundo Said (1978), a ideologia colonial recai sobre a crença de que não-europeus são diferentes e inferiores, e, por isso, merecem ser explorados e colonizados. O autor também argumenta que o colonialismo não tem seu fim na desocupação territorial ou no contexto de

independência política, ele prevalece por meio de simbolismos e ideologias concebidas pelo colonizador.

Medeiros (2013, p.121) afirma que “essa teoria analisa não apenas as relações entre colonizador e colonizado, mas lança seus olhares para o modo como a construção do primeiro ocorre por meio da fabricação do segundo, em condições de hierarquização e outremização”. O termo outremização explica a ideia de um outro, desconhecido, diferente, consequentemente, inferior, ideia essa que também é discutida por Elias e Scotson (1964), em que os autores definem a relação entre estabelecidos e *outsiders*, bem como Simmel (2005) que traz a figura do estrangeiro, estranho à determinado local. Esses autores, Elias e Scotson (1964) e Simmel (2005), embora não façam parte do quadro teórico pós-colonial, também se debruçaram sobre as desigualdades de tratamento entre estrangeiros e nativos, em outras perspectivas, mas essas dialogam entre si.

A crítica em relação aos binarismos é trazida por Bhabha (1994). Binarismos designam opostos tais como, rico/pobre, público/privado, branco/negro, oriente/ocidente, nativo/estrangeiro. O autor apresenta então, a ideia de “espaços intermediários” (*in-between*), de tal modo que nesses espaços intermediários, o discurso não é delimitado por polaridades, o sujeito pode ter a possibilidade de formar uma auto-identidade, não fixada por padrões culturais e coloniais, com inúmeras possibilidades de significação.

O termo pós-colonialismo não se desenvolveu sem questionamentos. Young (1998), por exemplo, apresenta diversos questionamentos sobre o termo pós-colonialismo, buscando compreender a amplitude e limitações do assunto e sua semântica, assim como levanta reflexões e críticas sobre a abordagem. Westwood (2006) e Prasad (1997) argumentam que o pós-colonialismo representa instrumento para dar voz àqueles que foram silenciados, inferiorizados e oprimidos pelo colonialismo.

São os autores Banerjee e Prasad (2008) que afirmam que, muitas vezes, as relações no local de trabalho refletem relações de imperialismo e distanciamento cultural. Medeiros (2013) complementa ao afirmar que o discurso pós-colonial, além de servir para desvelar situações que envolvem o poder imperial, serve também para apontar a apropriação dos discursos ideológicos em que a vida local e organizacional se baseia. Dessa forma, “os discursos que sustentam a lógica capitalista mantêm as ideologias corporativas e gerenciais, bem como as formas de dominação e expropriação de bens materiais e imateriais, e o controle sobre a vida” (Medeiros, 2013, p. 122).

De forma geral, todas as diferentes posições dos distintos autores estão relacionadas aos efeitos do colonialismo, de modo que o pós-colonialismo surge no sentido de romper com o

etnocentrismo europeu e norte-americano. Os autores configuram um importante papel na formação de um pensamento crítico anticolonial, ao mesmo tempo em que dão voz àqueles que sofreram e sofrem com os efeitos da colonização.

Insere-se nesse pensamento crítico pós-colonial a discussão sobre refugiados e imigrantes, dentro de um contexto de globalização, que acirra a desigualdade e coloca esses estrangeiros em situação de vulnerabilidade ao serem tratados de forma hostil, humilhante e excludente, quando em outro território, unicamente por sua identidade enquanto refugiado ou imigrante econômico.

2.2 Imigrantes Econômicos e Refugiados

A fim de aprofundar a noção de poder e influência que existe dos países do Norte ante os países do Sul, se faz necessário explorar alguns conceitos. Começo com a ideia de globalização, fenômeno que se sustenta no discurso e crença comum de que vivemos em uma aldeia global, em que as fronteiras entre as nações estão diminuindo, a propagação instantânea de notícias realmente informa as pessoas e um mercado dito “global” é capaz de homogeneizar as relações. A globalização se refere a um processo que promete benefícios para todas as nações do mundo, sem que os “custos” advindos dela sejam necessariamente levados em consideração (Bauman, 1999; Santos, 2001).

Com raízes na lógica capitalista em expandir mercados e na relação de capital e força de trabalho, a globalização está ligada ao contínuo desenvolvimento dos países do Norte e tende a replicar e promover formas contemporâneas de colonização aos países do Sul, por esse motivo, pode ser compreendida como um processo político constituído por relações de poder, dominação e subordinação (Banerjee & Linstead, 2001).

O fenômeno da globalização, portanto, não significa igualdade global. As consequências são trágicas, especialmente para os países do Sul, que sofrem com o aumento da desigualdade, em que os ricos enriquecem ainda mais e os pobres possuem suas vidas desconsideradas, em meio ao “desenvolvimento” de uma sociedade, que o “global” é exaltado e o “local” é desprezado e colocado em posição de submissão (Banerjee & Linstead, 2001; Santos, 2001).

Junto à ideia de globalização e transformações políticas e econômicas num cenário global que privilegia uns em decorrência do prejuízo de outros, estão as diásporas. Ainda que os movimentos diaspóricos aconteçam de forma recorrente, novas configurações emergem no contexto contemporâneo, sem que o contexto histórico possa ser desconsiderado para compreensão do fenômeno (Cláudio, 2009).

O conceito clássico de diáspora se dá pela ideia de dispersão em massa de povos, por meio do deslocamento forçado ou incentivado, termo que está, também, relacionado à colonização (Cláudio, 2009; Hall, 2003; Reis, 2004). O povo judeu é um exemplo de grupo diaspórico, assim como suas fugas forçadas em decorrência do holocausto (Cláudio, 2009; Hall, 2003; Reis, 2004).

Os movimentos migratórios forçados de judeus pelo mundo e dos negros no período escravocrata são exemplos de dispersão forçada de povos e importantes para a contextualização histórica, além de fornecerem melhor compreensão ao conceito clássico da diáspora (Cláudio, 2009; Reis, 2004).

O entendimento sobre a perspectiva histórica se faz relevante na compreensão das diásporas na contemporaneidade (Cláudio, 2009). A diáspora contemporânea está atrelada a vivências dos migrantes da atualidade, de tal modo que alguns fatores contribuem para forçar essas pessoas a migrarem, como a pobreza ou a falta de oportunidades no país de origem (Cláudio, 2009; Hall, 2003). Embora existam autores que tragam outra abordagem ao termo diáspora contemporânea, como é o caso de Reis (2004), que define que as diásporas contemporâneas acontecem devido aos avanços tecnológicos nas comunicações e transportes e, além disso, de maneira não forçada.

A diáspora contemporânea abordada nesta dissertação advém, no entanto, do conceito de Hall (2003) e está relacionada aos movimentos diaspóricos das populações atuais, relacionados a deslocamentos forçados com o propósito de sair de uma situação de dificuldade econômica enfrentado no país de origem ou mesmo fugir em casos de violação de seus direitos humanos, ou seja, quando há risco à vida, esses fatores contribuem para a realidade contemporânea ao fenômeno.

Hall (2003) afirma que as migrações transnacionais, ou seja, aquelas que ultrapassam os limites geográficos de um país, sejam elas voluntárias ou forçadas, estão modificando a composição das culturas, afinal, “na situação da diáspora, as identidades tornam-se múltiplas” (Hall, 2003, p.27). Por esse motivo, ainda segundo o autor, a experiência da diáspora corresponde à heterogeneidade, diversidade e hibridismo. No entanto, em meio a essa mistura entre culturas, há relações de poder, já que as migrações ocorrem, em sua maioria, de países periféricos (do Sul), para os países de centro (do Norte), onde existem fronteiras que funcionam de maneira mais eficaz para migrantes marginalizados e pobres advindos de países do Sul (Cláudio, 2009).

Bauman (1999) destaca a relação “espaço/tempo” dentro do fenômeno da globalização. O autor afirma que, para os habitantes de países do Norte, as restrições territoriais são

praticamente inexistentes, pois a globalização permite que esses consigam transpor barreiras de forma rápida e facilitada, assim, o “espaço” e “tempo” não seria um problema para essas pessoas. O problema dos habitantes de países do Sul, por sua vez, reside no fato de que estão confinados no “espaço”, ou seja, possuem fronteiras geográficas difíceis de serem transpostas e, quando o são, acontecem, muitas vezes, por meios ilegais e dificultados para entrada e permanência em outro local, além disso, são recepcionados de forma degradante e humilhante.

A fim de complementar a ideia do tratamento dirigido aos estrangeiros, Elias e Scotson (2000) utilizam *establishment* ou *established* para designar aqueles pertencentes a uma sociedade, o que pode ser traduzido como “estabelecimento” ou “estabelecidos”. Refere-se a um grupo de indivíduos pertencentes a determinado local e que ocupam posições de notoriedade e poder, sendo reconhecidos entre si como uma sociedade melhor, de prestígio, um modelo a ser seguido pelos outros. Os outros seriam os *outsiders*, termo que pode ser traduzido como “os de fora”, pessoas que não são pertencentes a determinado grupo, aqueles considerados fora da “sociedade modelo”, e que não constituem um grupo social homogêneo e com laços fortes, tal qual os *established* (Elias & Scotson, 2000). Os *outsiders* são pessoas vistas e estigmatizadas pelo primeiro grupo como pessoas de menor valor humano (Bauman, 2017; Elias & Scotson, 2000).

Ainda segundo Elias e Scotson (2000), os estabelecidos, por serem pertencentes a um grupo coeso e com posições privilegiadas, conseguem impedir que os *outsiders* os alcancem, para isso, generalizam características negativas do grupo minoritário, representado pelos *outsiders*, a fim de garantir e dar continuidade à posição de notoriedade que possuem, enquanto estabelecidos.

Volkan (2017) corrobora a ideia apresentada por Elias e Scotson (2000) ao afirmar que indivíduos estabelecidos se sentem aterrorizados em pensar que, ao receber os *outsiders*, os costumes sociais de seu país, a economia e a identidade grupal dos nativos que lá vivem, serão contaminadas por aqueles considerados “os outros”.

De maneira complementar a essa ideia, é possível encontrar em Bauman (2017) a afirmação de que recém-chegados a um local são considerados estranhos, e estranhos sempre tendem a causar desconforto e ansiedade em uma sociedade já estabelecida em determinado local, ocasionando em um tratamento hostil e, até mesmo, perverso para esses novos habitantes.

Inerente à ideia da diáspora, portanto, está a aversão ao outro, já que o termo se trata de uma migração forçada e da ideia de exclusão perante a chegada do “outro” (Hall, 2003). O termo traz a ideia de oposição entre estabelecidos e *outsiders*, causando ansiedade e aversão

por aqueles que já estão estabelecidos e medo naqueles que a ação de cruzar a fronteira não se trata de uma opção, mas de um imperativo para salvar suas vidas.

Dentre os vários aspectos associados às diásporas contemporâneas, uma de suas ideias principais está associada à inserção de indivíduos diaspóricos em comunidades não diaspóricas e os impactos gerados tanto para quem chega em um novo local, quanto para quem os recebe. O ajustamento doloroso é sentido pelos *outsiders*, enquanto os estabelecidos possuem a tendência à exclusão dessas pessoas e preservação de suas raízes e valores culturais (Ben-Rafael, 2013).

Nesse sentido, além do temor e incômodo gerado perante a chegada do “outro”, também se faz presente o etnocentrismo, que corresponde à visão de mundo unilateral, pertencente aos estabelecidos. Está centrado na ideia de considerar seu grupo étnico, nação, nacionalidade e cultura superior e unicamente legítimo, visando a eliminação daquilo que não se enquadra no modelo compreendido como coerente e aceitável (Hermann, 2016).

As fronteiras construídas ao longo da história servem não apenas para separar fisicamente os grupos de estabelecidos dos *outsiders*, mas também para preservar a “pureza” de sua cultura, crenças e valores de serem contaminados pelos “outros” (Volkan, 2017). O autor destaca que a grande população de *outsiders* é vista como ameaça e ansiedade, além disso, os vários ataques terroristas que já ocorreram na Europa ocasionam sentimento de xenofobia generalizado, fazendo com que o grupo de estabelecidos desenvolva um preconceito hostil contra os recém-chegados (Volkan, 2017).

Ao migrarem para um novo local, essas pessoas são entendidas como estrangeiros. Simmel (2005) afirma que o “estrangeiro” ou “estranho” é sempre considerado como alguém de fora do grupo. Mesmo que esse compartilhe das mesmas regras sociais, como um membro ativo, ainda assim ele será encarado como não pertencente. Complementando essa definição, Freitas e Dantas (2011) definem por estrangeiro uma figura genérica, cuja classificação ignora suas multiplicidades, diversidades e peculiaridades.

As relações entre estabelecidos e *outsiders* se dão com um relativo distanciamento, há, portanto, uma certa tensão pela existência de algo não comum (Simmel, 2005). Ainda segundo Simmel (2005), o estrangeiro não necessariamente é alguém que ficará por tempo determinado em algum local, mas, sim, caracteriza-se como aquele que pode permanecer por tempo indeterminado.

O estrangeiro sempre será estrangeiro em relação aos outros, ou pode até mesmo se considerar um estrangeiro em relação a si mesmo, a depender de como vive sua experiência, de como compreende sua identidade e aceita sua condição. O fato é que a experiência como

estrangeiro é diferente para cada pessoa, da mesma forma que são distintas as razões que as levaram a estar em outro território (Freitas & Dantas, 2011; Kristeva, 1988).

A palavra estrangeiro não se abstém em um único significado, ela possui várias acepções. São considerados estrangeiros: turistas, profissionais expatriados, professores e estudantes em mobilidade internacional acadêmica, nômades digitais, cônjuges provenientes de outras culturas, imigrantes e refugiados (Freitas & Dantas, 2011). Cada uma dessas figuras possui diferentes motivações para ingressar em território “estranho”. Esta pesquisa dá enfoque, no entanto, na compreensão das duas últimas: os imigrantes e os refugiados.

Ainda que ambas as palavras sejam muitas vezes confundidas e utilizadas indistintamente, irei conceituá-las utilizando a definição de Freitas e Dantas (2011), que destacam que a figura do refugiado se refere a alguém cuja saída do país não foi desejada ou planejada, mas, sim, imposta para salvar sua vida ou a de sua família, sem possibilidade de retornar. Ainda que Hall (2003, p. 28) defina que “cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor”, no caso dos refugiados, a situação é mais complexa e nem sempre esse retorno é possível. O abandono de seu país está relacionado ao desaparecimento dos vínculos de filiação social, nacional e cultural que amparam sua identidade (Freitas & Dantas, 2011).

Diversos são os motivos os quais levam uma pessoa a entrar em um outro país na condição de refugiado, seja por guerras; instabilidade econômica; perseguições religiosas; processos políticos, como ditaduras; censura à opinião política; repressão às minorias. A Organização das Nações Unidas (ONU) tem enfrentado desafios crescentes para que esses refugiados sejam recebidos de forma humanitária. As ajudas humanitárias são pensadas para que os efeitos negativos sejam minimamente sentidos, no entanto, o que se percebe é que o respeito e a dignidade ainda não são comumente encontrados por essas pessoas (Freitas & Dantas, 2011).

Freitas e Dantas (2011) também apresentam uma definição para imigrantes, a qual utilizaremos nesta pesquisa. Para eles, imigrante, diferentemente de refugiado, é aquele que se planeja para viver em um outro local, sem impedimentos de retorno para seu país de origem. As razões podem ser diversas, desde buscar por uma aventura e por uma vivência cultural temporária em outro país, até a busca por melhor qualidade de vida, por exemplo, e consequente permanência naquele local.

Mais especificamente, a definição de imigrante utilizada nesta dissertação será a de imigrante econômico, que tem como principal razão para migrar a busca por emprego e por melhores condições de vida (Campbell, 2018). Esse tipo de imigrante é, geralmente,

proveniente de países subdesenvolvidos, que, no intuito de obter melhores condições financeiras, migra para um outro país, com a finalidade de trabalhar.

Pelo fato de a razão primária do imigrante econômico ser a de buscar por trabalho, o termo abrange aqueles que buscam por emprego, ou aqueles que estão empregados, ou pessoas que estiveram empregadas em atividades remuneratórias, fora de seus países de origem (OECD/ILO, 2018).

Ainda sobre a distinção dos termos de refugiados e imigrantes, Weiß (2018) argumenta que de acordo com o previsto em lei pelo direito internacional, enquanto o imigrante pode ser recusado e deportado na fronteira do país, o refugiado deve ser acolhido e protegido, ainda que temporariamente. No entanto, ainda que exista a lei, sua implementação não ocorre sem problemas, pois o alto fluxo de refugiados que buscam asilos em outros países representa um obstáculo no controle das fronteiras, além de serem considerados uma ameaça para a população, seja pelo medo de perderem seus postos de trabalho ou por serem considerados “estranhos”, levando à um distanciamento da população local e rejeição a essas pessoas (Bauman, 2017; BBC, 2015; Elias & Scotson, 2000; Weiß, 2018).

Outra questão que diferencia imigrantes e refugiados é que o refugiado é “um imigrante involuntário, vítima de questões políticas, guerra, ou catástrofe natural. Todo refugiado é naturalmente um imigrante, mas nem todo imigrante é um refugiado” (Juss, 2013, p. 311). Por essa questão, ainda que o refugiado seja também um imigrante, as consequências, dado a identidade a ele imposta, o coloca em uma posição de inferioridade ainda maior, pois, conforme afirmado por Bauman (2005b, p.98), “refugiados são refugio humano, sem função útil para desempenharem na terra em que chegaram e na qual permanecerão temporariamente, sem a intenção ou perspectiva realista de serem assimilados ou anexados ao novo corpo social”.

A identidade de uma pessoa possui forte ambivalência, podendo levar à emancipação ou à opressão (Bauman, 2005a). É nesse sentido que Hall (2003, p. 28) questiona “Como podemos conceber ou imaginar a identidade e o pertencimento, após a diáspora?” Segundo o autor, a identidade cultural é definida no nascimento, seja pelo local em que se nasce ou seja pela biologia constitutiva do ser. No entanto, fatores externos, tais como a pobreza, falta de oportunidades e violência, são alguns dos motivos que forçam pessoas a migrarem, ocasionando em dispersão e espalhamento.

Após a experiência da diáspora, ou seja, da migração para outro país, imigrantes e refugiados têm sua identidade atribuída pelos estabelecidos do local em que migraram, identidade esta que lhes foi imposta, sem que tivessem a possibilidade de abandoná-la. Além

de serem vistas com estranhamento e rejeição, pelo fato de serem *outsiders*, essas identidades trazem estereótipos que os desumanizam, humilham e rejeitam (Bauman, 2005a; Hall, 2003).

Essas pessoas, as quais se veem forçadas a sair de onde vivem e migrar para outro local, não possuem o direito de reivindicar a identidade a qual lhes foi atribuída, são denominadas como “sub-classe”. Para Bauman (2005a, p. 45), são pessoas “exiladas nas profundezas além dos limites da sociedade – fora daquele conjunto no interior do qual as identidades podem ser reivindicadas e, uma vez reivindicadas, supostamente respeitadas”. A essas pessoas é atribuída, também, a ideia de “lixo humano”, ou seja, são julgadas como desnecessárias ao bom funcionamento do sistema econômico capitalista e da estrutura social fixa e incontestável (Bauman, 2005a).

Ainda que possuam conceitos distintos, imigrantes e refugiados são identidades que enfrentam situações similares de rejeição, estereótipos e estranhamento dos habitantes locais, pois ambos são estrangeiros e, por esse motivo, ainda que tenham chegado a determinado local por motivos diferentes, enfrentam situações de discriminação e preconceito semelhantes em suas vivências.

Arendt (2013) chama a atenção para o fato de que, ainda que o termo refugiado seja um rótulo discriminante, um tanto quanto pejorativo, como se essas pessoas tivessem cometido um ato ilegal e, por isso, se viram obrigadas a deixar seus países de origem. A autora atenta seus leitores para expressões como “recém-chegados” ou “imigrantes”, que suavizam o fardo que carregam.

Em virtude das várias dificuldades que acompanham os refugiados, Arendt (2013) declara que a forma como escolheram viver é por meio do otimismo, precisam ser fortes e otimistas para reconstruir a vida em outro território, para levar adiante um futuro que ainda é incerto. A autora afirma, ainda, que quanto menor a liberdade desses refugiados, mais há necessidade de representar papéis e viver de fachada, para esconder fatos e inventar para si mesmos uma realidade mais leve e branda de ser vivida.

Ainda que tentem passar uma imagem positiva para a sociedade e para si mesmos, a realidade vivenciada por essas pessoas não é fácil, geralmente enfrentam vários desafios decorrentes da diáspora, estão traumatizadas, sozinhas, sem dinheiro e incapazes de falar a língua local (Phillips, 1997). Ainda assim, eles não reclamam dos desafios enfrentados no país de destino, pois, permanecem atrelados aos seus passados. Essa é uma maneira de não serem críticos com as condições presentes. E também os ajuda a terem uma identidade que não foi imposta por outros e que, portanto, eles podem reivindicar essa identidade para si. (Kaya, 2002).

No âmbito do trabalho a realidade também é difícil, elas enfrentam rejeição na busca por uma oportunidade profissional e, ao conseguir emprego, muitas vezes são exploradas e encaram situações de precariedade no ambiente organizacional que ainda reproduz situações que remetem ao colonialismo.

2.2.1 A Colonialidade no Âmbito do Trabalho

A colonialidade e a desigualdade presentes na globalização acirra, em vários sentidos, a exploração de habitantes de países do Sul por seus colonizadores, pertencentes à países do Norte. Abordarei aqui a dominação existente no âmbito do trabalho, proveniente da colonialidade que ainda existe nas relações organizacionais.

A origem colonial, em que os povos dominados foram colocados em posição de inferioridade, se tornou situação natural, duradora e estável, sendo estruturadas em torno da mentalidade e da relação entre capital-trabalho, ao mesmo tempo em que são contemporâneas e naturalizadas pelas organizações e sociedade. (Quijano, 2005).

Intrínseca à ideia de colonialidade, está a da divisão racial do trabalho, de tal modo que, no contexto histórico, aqueles entendidos como raça⁵ dominante (europeus, brancos, pertencentes à nobreza), podiam exercer suas funções de poder e autoridade frente àqueles tidos como raça dominada/inferior (nativos, negros, “amarelos”, mestiços). De maneira que, formas de controle de trabalho coloniais estiveram vinculadas à discriminação entre raças distintas (Quijano, 2005). O autor complementa essa ideia ao afirmar que a exploração articulada com a ideia de raça e trabalho foi feita de tal forma que ambas, exploração e raça, parecessem naturalmente associadas, por esse motivo, ainda nos dias atuais, essa associação tem sido feita de maneira bem-sucedida.

A ideia de raça dominante e raça dominada faz com que as nações desconsiderem, ao receber *outsiders*, o fato de que são cidadãos de um mundo globalizado e que, portanto, consomem produtos gerados por empresas globais. Além disso, esses imigrantes e refugiados podem contribuir com o país de diversas formas e exercer, positivamente, influência na economia do país de destino, sejam essas pessoas trabalhadoras ou empreendedoras, além de pagadoras de impostos (OECD/ILO, 2018). Por diferentes aspectos, essas pessoas podem

⁵ A ideia de raça, nesta dissertação, trata-se de um conceito socialmente construído e acompanha o uso na literatura explanado por Hall (2003, p. 69) que define o termo “raça” como “uma construção política e social”. O autor argumenta que se trata de uma categoria discursiva a qual se organizam relações de exploração, dominação, poder socioeconômico e exclusão, caracterizando o racismo.

auxiliar a estimular a economia do país, além de contribuir com maior diversidade dentro das organizações (OECD/ILO, 2018).

Um dos motivos pelos quais o país não se beneficia da contribuição dos *outsiders* para a economia do local de destino deve-se ao etnocentrismo ainda presente na mentalidade de nativos de países do Norte e que auxilia na compreensão do fato, das pessoas oriundas desses países se sentirem superiores em relação aos demais povos no mundo e, portanto, essas pessoas são colocadas em posição de inferiorização no âmbito do trabalho (Quijano, 2005). A perspectiva binária, bem como a relação Ocidente e Oriente, é proveniente do eurocentrismo e denota o domínio colonial europeu em relação ao mundo (Bhabha, 1994; Quijano, 2005; Said, 1978).

Ainda que países do Sul tenham alcançado a independência, esse não foi um processo em direção ao desenvolvimento, mas, sim, uma modificação do processo de colonialidade, de tal maneira que, não houve descolonização dos povos, pois a mentalidade colonial permanece (Quijano, 2005). Nessa perspectiva, faz-se comum que as minorias e aqueles considerados socialmente, ainda hoje, como “raças inferiores”, estejam em posição de submissão no âmbito do trabalho, sofrendo da dominação e exploração de seus superiores, de modo que a colonialidade é um meio de se compreender os motivos pelos quais ainda se fazem presente a desigualdade e subjugação dos mais vulneráveis no contexto do trabalho (Limki, 2017).

Exemplo dessa posição de submissão foi encontrada na pesquisa realizada pela Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD), em dez países, em que compara refugiados e imigrantes econômicos com os nativos de determinado local, em termos de diferentes aspectos relacionados ao trabalho. A pesquisa verificou que, frequentemente, a performance no âmbito do trabalho de refugiados e imigrantes econômicos é melhor que a dos nativos do local, no entanto, as condições a que esses refugiados e imigrantes são submetidos são inferiores, seus salários são menores e trabalham em posições que requerem baixa capacitação ou qualificação (OECD/ILO, 2018).

Se é comum que habitantes de países colonizados se sintam dominados e fragilizados por seus colonizadores, aqueles que saíram de seus países como refugiados ou imigrantes econômicos e buscam por melhores condições de vida em outro território se veem em posição ainda mais vulnerável. Ao ingressarem em outro país e serem rejeitados pelos nativos daquele local, imigrantes têm suas vozes silenciadas e se veem no que Bauman (2005a) refere como “sub-classe”.

Na urgência de busca por emprego, essas pessoas estão passíveis a serem submetidas até mesmo a condições de trabalho análogas à escravidão (Mascarenhas, Dias & Baptista,

2015). Não raro há notícias de grandes organizações que utilizam da mão de obra escrava de refugiados e imigrantes, principalmente, pelo fato de que essas se aproveitam da vulnerabilidade dessas pessoas para explorá-las (Mascarenhas, Dias & Baptista, 2015).

O fato de muitos imigrantes e refugiados possuírem seus status de migração irregular, ou estarem vivendo em condições muito precárias, os deixa ainda mais vulneráveis, fazendo com que sejam vítimas de discriminação nas mais diversas formas, seja trabalhando informalmente, em condições precárias ou arriscadas, recebendo um salário abaixo do condizente com sua função e de modo a não ter seus direitos garantidos (OECD/ILO, 2018).

A exploração de trabalhadores trata-se de instrumento de acumulação de capital, de modo que, sem que as organizações utilizem de forma abusiva do elo mais fraco da cadeia, determinados empreendimentos não teriam condições de competir com outros do mesmo setor de atividade, que assim também o fazem (Mascarenhas, Dias & Baptista, 2015).

O aproveitamento abusivo de funcionários em prol de obtenção de maiores retornos financeiros, tornou-se prática de gestão naturalizada em muitas organizações, Gaulejac (2007) chama a atenção para o fato de que as empresas se tornaram produtos meramente financeiros, pois é a lógica financeira que comanda todos os setores organizacionais, devido à pressão pelos números, competitividade e instrumentos de medida, não se importando com a moral e a ética ou com as consequências para o trabalhador.

A colonialidade que reflete no âmbito do trabalho se traduz na exploração de trabalhadores e em má conduta das organizações. Essa má conduta de trabalho e objetivos puramente financeiros obtidos a qualquer custo revela o *dark side*, termo para se referir ao lado sombrio organizacional, que designa, entre outras práticas corporativas, o desvio de conduta em determinada organização em prol de favorecer seus objetivos financeiros e individuais, ocasionando prejuízos e danos dentro e fora de seus limites organizacionais. O *dark side* se trata, portanto, de ações prejudiciais cometidas pelas organizações e que provocam danos em seu interior e na sociedade em que se inserem (Vaughan, 1999).

As relações de poder e autoridade no âmbito do trabalho advêm de um contexto histórico pautado pelo colonialismo, que explora grupos minoritários, ou as consideradas, no sentido colonial, “raças inferiores”, especialmente aqueles em situação de maior vulnerabilidade, como é o caso de refugiados e imigrantes econômicos. O *dark side* organizacional e o sofrimento desses trabalhadores representam práticas que ocasionam, de um lado, o enriquecimento financeiro às organizações e, de outro, prejuízos sociais para a sociedade. Por esse motivo, condutas prejudiciais e de extensos custos sociais à população ainda se fazem presentes na contemporaneidade e carecem de reflexão social e no âmbito gerencial.

2.3 Principais Estudos Sobre Imigrantes e Refugiados na abordagem Pós-Colonial

Após o levantamento bibliográfico e a busca pela literatura disponível, realizei a leitura dos resumos de cada um dos trabalhos encontrados na busca combinada de palavras e selecionei os textos que poderiam estar relacionados à temática aqui apresentada. Ao ler o trabalho como um todo e não apenas o resumo, considerei alguns artigos como relacionados ao tema e outros não, portanto, apenas cinco pesquisas foram selecionadas para a realização de uma revisão sistemática, que consiste em apresentar uma síntese da literatura disponível a fim de se obter maior familiaridade com o tema, avaliar a viabilidade do tema em questão e definir melhor o problema de pesquisa (Pereira & Galvão, 2014).

O quadro 1 apresento os principais trabalhos que se assemelham com a temática aqui proposta, no entanto, um dos aspectos que se sobressaiu é que há uma ausência de trabalhos com a temática **refugiados, imigrantes econômicos e pós-colonialismo** no âmbito da Administração. Dada a natureza multidisciplinar conferida ao tema, grande parte dos trabalhos são provenientes, principalmente, da área do Direito e Ciências Sociais. Além disso, há uma lacuna de trabalhos na área de Administração, portanto, para realizar esta pesquisa, utilizei autores multidisciplinares, principalmente de abordagem sociológica na construção do referencial teórico desta dissertação.

Dentre os artigos selecionados para revisão sistemática, dois deles analisaram leis que não favorecem refugiados ou imigrantes em situação de calamidade e que buscam por asilo, sendo essas leis passíveis de amplas interpretações, denotando o poder de países do Norte em aceitar ou recusar pessoas em situações de vulnerabilidade extrema, com base unicamente nos interesses da nação.

Outro artigo se interessou em analisar a voz de imigrantes de um país africano que vivem em país europeu, evidenciando serem rejeitados e rotulados como diferentes e estranhos, pelos nativos do local. Por fim, os dois últimos artigos analisados se preocuparam em ouvir a voz do colonizador. Na pesquisa os entrevistados eram provenientes de países europeus, e os resultados corroboram o fato de que esses se sentem naturalmente superiores em relação às nações por eles colonizadas e o desprezo que possuem pelos nativos desses países que exerceram seu poder e dominação. A maioria dos trabalhos destacados, como mostra o Quadro 1, envolveram pesquisa etnográfica.

O Quadro 1 reúne as informações sintetizadas dos cinco artigos que mais se relacionavam com a temática deste trabalho ou com metodologia similar àquela que pretendo utilizar:

Quadro 1 - Síntese da revisão de literatura

Título – Autor- Ano	Objetivo	Metodologia	Resultados
The Post-Colonial Refugee, Dublin II, and the End of Non-Refoulement JUSS, S. S. (2013)	Compreender se a lei que prevê o direito dos refugiados, pode ser considerada um exercício de "pós-colonialismo".	Estudos de caso	- Países europeus ainda possuem sistema colonial, - Utilizam de amplas interpretações e manipulações políticas para receber ou excluir refugiados, de acordo com os interesses de cada país, -Excluem vários pedidos de refúgio, usando a noção de “país seguro”.
Recognizing Refugee Status for Victims of Trafficking and the Myth of Progress JUSS, S. S. (2015)	Criticar leis que não favorecem vítimas de tráfico humano e sexual, que não possuem a possibilidade de retornar aos seus países de origem e buscam a lei dos refugiados para se proteger e se manter em um país europeu.	Revisão da literatura (e análise das leis).	- Crítica ao mito do progresso. -Apesar das leis para proteção de estrangeiros em situações em que necessitam de refúgio, a lei não é eficaz, sendo utilizada com subjetividade por quem a coloca em prática.
Europe is finished': migrants lives in Europe's capital at time of crisis LOFTSDÓTTIR, K. (2017)	Compreender a 'Europa' pela perspectiva dos Outsiders, mais especialmente, pela perspectiva de homens imigrantes nigerianos que estão em Bruxelas de forma ilegal.	Visitas etnográficas conduzidas em Bruxelas e uso da técnica de entrevistas.	-As narrativas dos entrevistados mostram que sua presença reflete ameaça perante o olhar europeu. - Alguns entrevistados veem a Europa como símbolo de esperança, outros, como local onde sonhos são destruídos. - Entrevistados buscam não ser encarados por um rótulo, como "migrantes sem rosto", mas sim como pessoas comuns.
'They Called Them Communists Then . . . What D'You Call 'Em Now? . . . Insurgents?'. Narratives of British Military Expatriates in the Context of the New Imperialism ROGALY, B.; TAYLOR, B. (2010)	Compreender, por meio de fala de colonizadores britânicos (expatriados militares), de que forma o passado colonial influência na vida contemporânea.	Entrevista (histórias de vida) e trabalho etnográfico	-A fala dos colonizadores britânicos deixa claro a superioridade do ocidente em relação ao oriente. -As falas denotam desprezo por nativos de países do Sul. - Colonizadores deixam claro que não querem imigrantes na Inglaterra, país em que vivem.

‘With Hard Work and Determination You Can Make it Here’: Narratives of Identity among German Immigrants in Post-Colonial Namibia ARMBRUSTER, H. (2008)	Possui como objetivo analisar a narrativa de alemães que vivem como imigrantes na Namíbia.	Pesquisa etnográfica com imigrantes alemães na Namíbia.	-A fala dos imigrantes alemães que vivem na Namíbia denota grau de superioridade frente os namibianos. -Imigrantes pensam possuir valores culturalmente superiores. -As entrevistas sugerem que, mesmo após tanto tempo vivendo no país, esses alemães ainda não iniciaram um processo de autorreflexão crítica.
--	---	--	---

Nota: Elaborado pela autora

A síntese das informações que apresentei no quadro 2 e a ausência de trabalhos, na área de Administração, que se relacionem à temática apresentada, aponta para a importância desta pesquisa, visto que essa pode preencher uma lacuna evidenciada na revisão sistemática de um tema que pode ser mais explorado na área de estudos críticos em Administração. Além disso, pela natureza do tema, é alta a potencialidade de autores de outras áreas, especialmente das Ciências Sociais, promoverem articulações teóricas com autores da Administração, fornecendo à pesquisa uma perspectiva multidisciplinar.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresento as características e aspectos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa. Descrevo as trajetórias percorridas para que o questionamento inicial, “De que modo as experiências construídas por imigrantes econômicos e refugiados da violência, no âmbito do trabalho, podem ser compreendidas como fenômeno da diáspora?”, pudesse ser respondido.

Este capítulo será estruturado da seguinte forma: Primeiramente, apresento as abordagens metodológicas, em seguida, o material empírico, e, por fim, apresento a análise do material empírico.

3.1 Abordagem metodológica

Em termos da abordagem da pesquisa, esta dissertação é de natureza qualitativa e interpretativa, pois busco analisar e interpretar, de forma crítica e comparativamente, as vivências de refugiados e imigrantes no âmbito do trabalho, pois o pesquisador constitui-se elemento fundamental na interpretação das informações coletadas (Flick, 2009). Corroborando essa ideia, Creswell (2014) define a pesquisa qualitativa como meio para compreender o significado dado pelos indivíduos a um determinado problema social, de tal forma que há importância no significado e interpretação individual sobre o que se pretende analisar.

A técnica a ser utilizada para compor o corpus de pesquisa, tanto com refugiados quanto com imigrantes econômicos, foi a entrevista do tipo semiestruturada, com um roteiro de perguntas pré-elaboradas para atingir os objetivos propostos. Além disso, esse tipo de entrevista, além de conter perguntas para guiar a conversa entre entrevistador e entrevistado, também pode fazer com que surjam informações complementares de forma mais livre (Manzini, 2004).

Além da entrevista, esta pesquisa também é de inspiração etnográfica, considerando minha participação junto a uma Organização Não Governamental (ONG), situada na cidade de Uberlândia, denominada Trabalho de Apoio e Assistência aos Refugiados Estrangeiros (TAARE). A pesquisa etnográfica consiste na familiarização do objeto estudado por meio de observação e interação social com o grupo (Godoy, 1995; Mascarenhas, 2002). Junto à etnografia, realizei a observação participante, que se propõe a “analisar com profundidade situações sociais para a compreensão e teorização de aspectos mais amplos da organização social” (Mascarenhas, 2002, p. 92). Denzin e Lincoln (2005) complementam que o produto da

pesquisa etnográfica não consegue ser separado de quem o produz, ambos estão profundamente atrelados, afinal, estão inseridos no mesmo ambiente: pesquisador e universo pesquisado, consequentemente, há uma impossibilidade de distanciamento social em relação ao objeto pesquisado. Assim, a pesquisa consiste também de observações feitas ao longo de seis meses na ONG, com visitas semanais, quando eu também ministrava, como voluntária, aulas de português para imigrantes e refugiados e, então, estive em meio ao cotidiano dessas pessoas.

A partir das observações feitas, redigi um diário de campo referente às anotações feitas durante o primeiro semestre de 2019, nas aulas de português, com um público de venezuelanos. São observações de situações cotidianas que aconteciam durante as aulas e comentários feitos pelos alunos que considerei serem relevantes. O diário de campo foi redigido totalizando 10 laudas, resultantes de 28 horas de observações.

No próximo tópico abordo sobre o material empírico utilizado nesta dissertação, quem foram as pessoas entrevistadas, o local em que se encontravam os atores envolvidos no processo de entrevistas, bem como o espaço em que a pesquisa foi conduzida.

3.2 Etapas da pesquisa

Como primeira etapa, realizei uma revisão da literatura a fim de definir o problema de pesquisa e o objetivo geral e específicos. Nessa revisão, não foram encontrados trabalhos com temática similar ou com o mesmo interesse de uma pesquisa crítica, foco desta dissertação, portanto, considero a existência de uma lacuna nos estudos sobre o tema, visto não ser identificados estudos que considerassem refugiados, imigrantes e pós-colonialismo em uma mesma pesquisa, fazendo a comparação entre imigrantes econômicos e refugiados.

Como segunda etapa, me propus a identificar os principais autores que trabalham com a temática de pós-colonialismo e aqueles que tratam sobre as temáticas imigrantes e refugiados, sendo seus estudos utilizados para a fundamentação teórica que fornece sustentação a esta dissertação.

Na terceira etapa, defini os procedimentos metodológicos a serem utilizados, os sujeitos de pesquisa, de que forma se teria acesso a essas pessoas e qual método seria utilizado para analisar as entrevistas e narrativas que seriam objeto de análise. Nesta etapa, o projeto de pesquisa foi enviado ao Comitê de Ética, tendo sido aprovado sob o parecer de número: 3.626.910.

Na quarta etapa, realizei a pesquisa de campo a fim de coletar os dados necessários, por meio de entrevistas e observação participante na ONG TAARE, para posterior interpretação e com a finalidade de alcançar os objetivos pretendidos desta pesquisa.

Por fim, na quinta etapa, procedi com a análise das entrevistas tendo como base o método de análise de narrativas.

3.3 Material Empírico

A fim de responder o objetivo geral proposto nesta dissertação: **Compreender, comparativamente, como são construídas as experiências sociais e culturais no âmbito do trabalho, por refugiados e imigrantes econômicos que optaram por viver em Uberlândia**, defini que o material empírico seria composto pelas vivências dos refugiados e imigrantes econômicos narradas nas entrevistas, além da observação participante na ONG que auxilia os refugiados e imigrantes, na cidade de Uberlândia, a qual sou voluntária.

A ONG TAARE possui várias frentes de trabalho, sendo uma delas as aulas de português ministradas para imigrantes e refugiados recém-chegados em Uberlândia, que pretendem aprender o idioma com vistas para conseguir um emprego de forma mais rápida. Ingressei nesta ONG no dia 10 de abril de 2019. A partir de então, fiz parte do dia de matrícula das aulas de português para os imigrantes que possuíam interesse em ingressar no curso, fiz parte das aulas de português, que aconteceram semanalmente, no primeiro semestre de 2019, a fim de auxiliar os professores e observar como as aulas eram conduzidas. A turma era composta por venezuelanos. No segundo semestre de 2019, fui professora de português e, semanalmente, estive em contato com haitianos que estavam aprendendo o básico da língua portuguesa.

Por meio desta ONG, passei a ter contato semanal com refugiados e imigrantes econômicos que são alunos das aulas de português e que estão na cidade de Uberlândia. Foi a partir deste trabalho voluntário e de natureza etnográfica que obtive o consentimento da ONG para observar os alunos em sala de aula, além de obter o contato desses alunos para realizar as entrevistas.

Quanto ao número de entrevistados, a princípio defini um total de 15 a 25 entrevistas, sendo 50% delas feitas com refugiados e as outras com imigrantes. Esse número tem sustentação em Gaskell (2003), que recomenda um total de 15 a 25 entrevistas em pesquisas sociais qualitativas, justificando que, acima desse número, as entrevistas não acrescentariam mais informações, ou seja, alcançariam o critério de saturação.

Antes de dar início às entrevistas, esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética, da Universidade Federal de Uberlândia, a fim de garantir que normas e procedimentos éticos fossem seguidos. Reiterando o compromisso com a ética em pesquisa social, garanti aos entrevistados seu anonimato, mediante uso de nomes fictícios que garantissem a integridade de sua identidade.

Na décima sexta entrevista a saturação foi atingida, estando em conformidade com a recomendação de Gaskell (2003) quanto a esse critério. Depois de um total de 16 entrevistas, sendo oito com refugiados e oito com imigrantes, avaliei que os relatos se assemelhavam, não sendo necessária a inclusão de novos participantes.

Para coletar o material empírico, a estratégia utilizada foi a de entrar em contato com alunos, imigrantes e refugiados da ONG em que trabalhei por 8 meses, além de contar com a técnica de bola de neve, conforme Vinuto (2014). Assim, a partir de um contato inicial com um dos sujeitos de pesquisa, solicitei a essa pessoa que outras, com as mesmas características que pretendia estudar, fossem indicadas para que eu pudesse entrar em contato e entrevistar. Essa técnica foi adequada para este tipo de pesquisa, pois é utilizada em estudos de temas sensíveis, com grupos difíceis de serem acessados, estudados ou, até mesmo, grupos estigmatizados ou reclusos (Vinuto, 2014). A técnica da bola de neve foi utilizada não apenas com os entrevistados, mas também com voluntários da ONG. Uma das voluntárias, além de me auxiliar no contato de vários potenciais entrevistados, me acompanhou em várias das entrevistas que realizei.

As entrevistas foram realizadas no local escolhido pelo entrevistado, tendo todos eles optado por fazer em suas casas. Para tanto, me desloquei entre os meses de outubro e novembro de 2019 a fim de encontrar e realizar as entrevistas com aqueles que se dispuseram a contribuir com este estudo e compartilhar suas histórias.

Antes de dar início à entrevista, expliquei a cada um dos entrevistados o objetivo da dissertação e garanti a todos eles seu anonimato. Solicitei a gravação da entrevista e informei que os arquivos seriam apagados após a transcrição, além de garantir todos os cuidados necessários à proteção de suas identidades, levando em consideração o compromisso com as normas éticas. Todos os entrevistados deram seu consentimento e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Ao longo dos dois meses de entrevistas, tive contato com diversas nacionalidades. Realizei entrevistas com pessoas da Venezuela, Síria, Palestina, Gâmbia, Senegal, Bangladesh, República Dominicana e Haiti. Não só as entrevistas, mas o processo de realização delas trouxe muitas reflexões pessoais e intelectuais para além da temática estudada. Ser recebida na casa de cada uma das 16 pessoas que entrevistei e conhecer um pouco de sua cultura, de seus hábitos,

de suas histórias e ter sido recebida por todos eles de forma tão amistosa fez com que o relacionamento pesquisador e entrevistado se estreitasse e eles me enxergassem de forma mais amigável e informal para contar suas histórias.

Alguns dos entrevistados não tinham fluência em português e desejaram conceder as entrevistas em seu idioma nativo, espanhol, por isso, tanto a entrevista quanto a tradução no momento da transcrição foram feitas por mim, pelo fato de possuir fluência nesse idioma. No entanto, nos casos em que os entrevistados falavam francês ou árabe, contei com o auxílio de outro entrevistado que estava presente no momento e que sabia ambos os idiomas e traduziu para o português no momento da entrevista.

A duração das entrevistas variou de 10 a 60 minutos, com uma média de 25 minutos, totalizando 85 laudas após as transcrições. A transcrição foi feita respeitando a fala de cada um dos entrevistados, portanto, com os erros de vocabulário ou conjugação verbal, ou até mesmo, palavras em português misturadas com o espanhol, já que alguns entrevistados falantes do espanhol optaram por conceder a entrevista em português, porém, com alguma dificuldade de modo a misturar o português com seu idioma nativo. Optei por considerar as falas originais, a fim de conceder maior fidedignidade às entrevistas.

A etapa das entrevistas me colocou diante de diversos desafios, a maioria deles relacionados a aspectos emocionais, já que se trata de um tema sensível. As narrativas eram muitas vezes tristes, precisei parar por alguns minutos a entrevista com algumas pessoas, pois se emocionaram ao me contar suas histórias, revivendo momentos de dificuldades, angústias, saudades e tristezas.

Outro desafio foi em relação à comunicação. Pelo fato de muitos entrevistados não serem fluentes no português, inglês ou espanhol, que são os idiomas que consigo me comunicar bem, o entendimento, no início, era difícil. Em várias ocasiões precisei refazer a pergunta de outra forma para que a pessoa conseguisse compreender e me responder.

Ainda sobre a dificuldade na comunicação, houve um grupo de imigrantes da Gâmbia, Senegal e Bangladesh que foram entrevistados juntos, no entanto, não compreenderam muito bem sobre o que se tratava minha pesquisa. Posteriormente, descobri que esses vieram ao meu encontro imaginando que eu iria ajudá-los com a documentação para visto permanente, pois estão com problemas para obter essa documentação há meses. Quando entenderam que meu propósito não era esse, sentiram-se frustrados, pois minha visita não era com a finalidade de ajudá-los com a documentação, mas, sim, ser ajudada por eles com seus depoimentos. No entanto, ainda que frustrados com a quebra de expectativa por não conseguirem solução para seus problemas com a documentação, eles aceitaram me auxiliar com seus depoimentos.

As diferenças culturais e religiosas estiveram presentes em muitas entrevistas. Em uma delas, com esse grupo mencionado anteriormente de gambianos, senegaleses e bengaleses, por exemplo, precisei parar a entrevista em determinado momento, para que pudessem lavar a sola dos pés e o topo da cabeça para realizar uma das 5 rezas que pessoas da religião mulçumana precisam fazer durante o dia, segundo o que me explicaram. Compreender um pouco mais sobre seus costumes e peculiaridades de sua religião foi algo bastante interessante de ser presenciado e de se perceber o quanto é rico estar na presença de pessoas de culturas tão distintas.

Outra dificuldade foram os barulhos nos áudios, já que as entrevistas foram realizadas na casa dos entrevistados, muitas vezes, junto com seus familiares, assim, muitas falas foram difíceis de serem compreendidas no momento da transcrição, o que levou maior tempo.

Por fim, encontrar pessoas para serem entrevistadas não foi tarefa fácil, principalmente por se tratar de um tema delicado, um tema em que muitos deles têm medo de falar, pois temem ser prejudicados de alguma forma. As pessoas as quais foram entrevistadas se sentiram mais confortáveis e confiaram mais em abrir suas casas e suas histórias de vida para mim, quando sabiam que eu era voluntária na ONG ou quando haviam sido indicadas por outra pessoa, para que eu pudesse entrar em contato.

No entanto, alguns potenciais entrevistados se recusaram a participar da entrevista. Gostaria de mencionar, em especial, um haitiano, eu não o conhecia, mas conhecia sua esposa e filhos e fui até a casa deles explicar sobre a pesquisa e questionar se ele gostaria de contribuir, pois era o único da casa que possuía experiência profissional. No entanto, ele recusou-se de imediato, dizendo não querer ser prejudicado profissionalmente, e explicou ter medo de acontecer algo a ele ou à sua família, caso mencionasse algo que não deveria. Ainda que eu deixasse claro que ele não seria identificado, ele foi relutante e recusou. Ficou uma indagação sobre o que ele poderia ter enfrentado de exploração para que tivesse tanto medo em me conceder um depoimento.

Enfim, apresento um resumo de características dos entrevistados. Optei por não selecionar uma única nacionalidade, pois diferentes nacionalidades poderiam contribuir ainda mais com o tema, já que as experiências de uma e outra poderiam ser comparadas. Também não fiz distinção de gênero ou tempo no Brasil.

Foram selecionados, no entanto, apenas refugiados ou imigrantes que fossem maiores de 18 anos de idade e já tivessem tido alguma experiência profissional no Brasil e, mais especificamente, em Uberlândia, a fim de verificar possíveis relatos de explorações ou relações de poder existentes no âmbito do trabalho. Os nomes são todos fictícios e foram escolhidos aleatoriamente, mantendo apenas a inicial de cada pessoa.

Quadro 2 - Entrevistados Refugiados e Imigrantes Econômicos

PERFIL DOS ENTREVISTADOS - REFUGIADOS					PERFIL DOS ENTREVISTADOS - IMIGRANTES ECONÔMICOS				
Nome	Sexo	Idade	Nacionalidade	Tempo no Brasil	Nome	Sexo	Idade	Nacionalidade	Tempo no Brasil
Vera	F	31 anos	Venezuelana	1 ano	Mário	M	39 anos	Gambiano	1 ano e 3 meses
Osmar	M	33 anos	Venezuelano	1 ano	Márcio	M	37 anos	Senegalense	4 meses
Adriano	M	20 anos	Venezuelano	9 meses	Burli	M	25 anos	Gambiano	1 ano
Elen	F	46 anos	Venezuelana	9 meses	Helder	M	32 anos	Bengalês	4 anos
Alisson	M	26 anos	Sírio	2 anos?	Murilo	M	28 anos	Gambiano	3 anos
Bernardo	M	30 anos	Venezuelano	10 meses	Luís	M	32 anos	Senegalense	1 mês
Wander	M	36 anos	Palestino ⁶	4 anos	Raul	M	54 anos	Dominicana	5 anos
Georgina	F	26 anos	Venezuelana	7 meses	Délio	M	35 anos	Haitiano	5 anos

Fonte: Dados da pesquisa

Nota: Elaborado pela autora

Foi elaborado apenas um quadro com características dos entrevistados refugiados e imigrantes para facilitar posterior comparação entre as experiências pessoais e profissionais de um e outro.

3.4 Análise do material empírico

A análise do material empírico se deu por meio da análise de narrativas. Esse tipo de análise se concentra em compreender as histórias contadas pelos atores, tendo em vista experiências passadas vivenciadas por eles (Fleming, 2011). Ao contar histórias, os sujeitos pesquisados conseguem organizar suas experiências de vida e fornecer sentido sobre si mesmos. Por meio desse método, é possível alcançar maior compreensão e aprofundar a análise sobre o que acontece na vida social (Bastos & Biar, 2015). Esse método auxilia também na percepção da relação entre valores, razão e ação dos indivíduos (Boyce, 1996).

A história é um tipo de produção de discurso, em que eventos e ações acontecem organizados por meio de um enredo, conforme afirmado por Polkinghorne (1995). O autor se utiliza de uma história simples para explicar essa ideia: “O rei morreu; o príncipe chorou”,

⁶ O entrevistado Wander, apesar de ter se identificado como palestino, viveu na Síria desde a infância e, por esse motivo, todos os relatos do entrevistado se referem à Síria, e não à Palestina.

segundo ele, isoladamente, os dois eventos são acontecimentos independentes, mas, quando juntos, compondo uma história, o significado aparece, pois há um contexto por trás da compreensão do choro do príncipe (Polkinghorne, 1995, p. 7).

Pretendo então, interpretar e analisar, de forma crítica, a narrativa fornecida por refugiados e imigrantes sobre as experiências por eles vivenciadas, principalmente, no âmbito do trabalho, de modo a comparar tais narrativas para encontrar padrões que emergem das relações de poder presentes no local em que ambos trabalham.

A estrutura proposta por Polkinghorne (1995) foi minha escolha para a análise de narrativas desta dissertação. O autor destaca que, para a análise de narrativas, é necessário um enredo em que os eventos se configuram numa história por meio de: (a) delimitar um espaço temporal que marca o começo e o fim de uma história; (b) definir critérios para seleção dos eventos que serão incluídos na história; (c) Ordenar os eventos de forma temporal, de modo a se desdobrar em uma conclusão, por fim; (d) esclarecer e explicar eventos significantes que contribuem para a história como um todo unificado.

Conforme proposto por Polkinghorne (1995), agrupei as narrativas por histórias de vida qualitativamente semelhantes e as rotulei conforme qualidades dominantes na categoria. Ainda sobre a estrutura proposta pelo autor, utilizada nesta dissertação, cabe destacar que: (a) O espaço delimitado que marca o começo e fim de cada uma das histórias que serão apresentadas, não necessariamente estarão ligado a datas, mas sim, a episódios que aconteceram na vida dos entrevistados; (b) Os critérios de seleção dos eventos que foram incluídos estão relacionados ao problema de pesquisa e objetivos específicos propostos nesta dissertação; (c) As histórias não necessariamente serão apresentadas de forma linear, já que o tempo, nas histórias narradas, tem direção unilinear, podendo passar do passado para o presente ou futuro, de modo a fornecer interpretações que podem afetar as ações e resultados humanos, e as conclusões se darão com as análises feitas por mim enquanto pesquisadora; e (d) eventos significantes irão compor as histórias selecionadas para dar sentido ao todo e serão analisados.

A subjetividade do pesquisador é parte importante no processo de pesquisa, suas reflexões, atitudes, observações, impressões, sentimentos, tornam-se parte dos dados a serem analisados e são parte da interpretação (Flick, 2009). A subjetividade esteve presente tanto na interpretação da estrutura proposta por Polkinghorne (1995) para a análise das narrativas, quanto na análise dos dados que será apresentada no próximo capítulo.

A fim de auxiliar na categorização após as entrevistas, utilizei como apoio o software MAXQDA, que possui o recurso de nuvem de palavras, para que pudesse vislumbrar as

4 O QUE REVELAM AS NARRATIVAS DE REFUGIADOS E IMIGRANTES ECONÔMICOS

Neste capítulo, apresento respostas aos questionamentos iniciais propostos nesta dissertação, que consistem em interpretações subjetivas feitas com base nas narrativas dos entrevistados. Esta seção foi dividida em 3 tópicos principais, levando-se em consideração a ordem das narrativas dos entrevistados.

4.1 Motivações para sair de seus países de origem e a chegada em local estrangeiro

Dei início à entrevista com todas as 16 pessoas, questionando o que os motivou a sair de seus países de origem e vir para o Brasil, local antes desconhecido e, portanto, estranho a todos eles. Minha intenção era conhecer suas principais motivações para essa mudança em suas vidas e compreender suas trajetórias pessoais, a saída de seus países e a chegada em uma terra desconhecida.

4.1.1 Instabilidade econômica e política

Muitos relatos sobre a motivação a qual fizeram com que as pessoas saíssem de seus países e migrassem para outro país estavam relacionados à instabilidade econômica e política que o país de origem estava enfrentando. De maneira unânime, todos os venezuelanos entrevistados sofreram problemas similares e, em decorrência deles, foram forçados a sair de seu país, de forma não planejada, contra suas vontades, de tal modo que, se não o fizessem, estariam colocando suas vidas em perigo.

Algumas das narrativas deixam explícita a gravidade do problema que essas pessoas estavam enfrentando:

Eu saí de lá como todos os venezuelanos pela situação. Não havia comida, tudo era muito caro o salário lá não dava pra custear os gastos com comida, roupa, tudo isso. Só para comida e não se podia comprar muita comida, só pouca. Eu ia ser pai, então eu pensei “aqui não vou poder fazer os gastos do menino, fralda, comida dele, roupa, medicamentos pra ele” então isso foi o que me impulsionou a sair mais rápido do meu país, porque não ia conseguir manter meu filho lá. Eu estou procurando um jeito de trazer ele, minha mãe e minha namorada. Só conheço meu filho por foto, por vídeo, mas esse foi o motivo mais forte pra eu sair de lá. (Bernardo, venezuelano, em entrevista)

As vezes pode soar exagerado, porque uma pessoa que passa toda a semana trabalhando e que ao final da semana não possa comprar alimento para toda a semana, ela vai morrer de fome, não ter para comprar sabonete, shampoo, absorvente, medicamentos e só limitar a comida, 3 ou 4 coisas porque você não pode comprar mais, então é muito difícil e achei que eu tinha que sair (Elen, venezuelana, em entrevista).

O motivo de sair de Venezuela foi porque lá não tinha trabalho, não tinha emprego, os meninos não se alimentavam bem, eles, era muito complicado comprar sapato, eles queriam brinquedo não tinha o que dar a eles, aí Osmar fazia um trabalho, e não dava para tudo o que nós precisávamos, então aí, para poder sair tínhamos que vender a casa, as coisas de eletrônicos para nós conseguirmos a passagem. Aí, vendimos casa, vendimos cama, vendimos todo o que tínhamos, né? Eee... vim (Choro). Com as malas e roupas, só. (Vera, venezuelana, em entrevista)

Os relatos de Bernardo, Elen e Vera mostram que ficar ou sair não se tratava de uma opção para elas, já que, mesmo trabalhando e recebendo um salário, o dinheiro não dava nem mesmo para suprir as condições mais básicas.

Vera e Osmar são casados e possuem dois filhos pequenos. Os relatos de Vera deixam claro a preocupação com as crianças e a dificuldade em ter que sair do país às pressas, sem se planejar previamente, trazendo apenas algumas poucas malas com roupas, deixando para trás uma vida, uma história e precisando recomeçar em um local estranho.

Alguns dos refugiados entrevistados fizeram aulas de português na ONG em que trabalhei, como é o caso de Vera e Osmar. Na falta de ter com quem deixar os filhos, levavam as crianças para a aula. Por meio das observações feitas no diário de campo, relatei o comentário do filho de Vera sobre sua vivência na Venezuela:

Enquanto ele desenhava, perguntei se ele gostava de seu país, como era lá, ele me respondeu que era muito ruim, que faltava comida, luz e que os ladrões roubavam a comida que tinham, além disso, a polícia manejava bombas. Em meio a mistura de espanhol com português seu relato me marcou por pensar no que aquela criança, com tão pouca idade, já havia passado na vida, as dificuldades que seu país vivenciava e no fato de possuir lembranças tristes relacionadas à sua nação. (diário de campo)

O relato da criança de nove anos, ao lado da mãe, deixa claro as dificuldades vivenciadas por toda a família, situação que os forçou a sair de seu país na tentativa de salvarem suas vidas.

O cenário econômico também foi ressaltado em entrevistas, revelando que a alta oscilação no preço das mercadorias na Venezuela levou a um contexto de hiperinflação, acentuando a crise no país e forçando um maior número de pessoas a migrar, já que nem mesmo o salário era suficiente para suprir suas necessidades básicas.

Ontem o presidente aumentou salário, mas na Venezuela cada vez que ele aumenta salário, sube mais ainda a inflação, mais de 300% que o salário, mas não resolve, porque ele subindo o salário, as pessoas escondem a mercadoria pra depois vender mais caro. Você passou aqui, viu uma sacola de farinha, uma sacola de arroz, é por exemplo 20 conto, você foi lá, voltou, quando passou aqui de novo, já estava em 120 conto. Muda a cada dez segundos. (Osmar, venezuelano, em entrevista)

O cenário político foi mencionado por eles também, de modo que, as organizações ou pessoas que não apoiavam o governo estavam fadadas a sofrer as consequências de perder seus empregos ou não terem condições de levar uma vida normal, frequentar uma faculdade, por exemplo.

Bom, a situação de Venezuela, a situação econômica foi piorando e chegou um ponto em que, ainda que eu trabalhava, o dinheiro não alcançava para nada. Eu sou assistente administrativo e não consegui mais trabalhar por que as empresas começaram a fechar, eles perderam o serviço que eles prestavam para a empresa petroleira venezuelana, eles começaram a perder, a não apoiar eles, a não ter um bom relacionamento com o governo, eles perderam. (Elen, venezuelana, em entrevista)

A faculdade que ficava mais perto da minha casa era do governo, aí se você não ia fazer alguma coisa do governo, tipo assim, eles tinham uma reunião lá no Uberaba, você tem ir lá para apoiar o governo, mesmo você não gostando do governo, mas se você não ia você ia.. sua carreira ia fechar. (Adriano, venezuelano, em entrevista)

Corroborando a definição de Freitas e Dantas (2011), essas pessoas são refugiadas pelo fato de que não tiveram escolhas quanto a ficar ou sair de seus países, como mencionado por Elen: “ou saia da Venezuela ou morria” (Elen, venezuelana, em entrevista). Assim, pela falta de opção, a não ser fugir do local em decorrência de tentar salvar a própria vida, bem como devido à grave violação de seus direitos humanos pela instabilidade econômica e política do país, essas pessoas vieram solicitar refúgio no Brasil e por isso são consideradas refugiadas.

A solicitação de refúgio é analisada individualmente, portanto, vários podem ser os fatores os quais alguém pode solicitar refúgio e asilo em outro país. Outro fator também

relacionado a questões extremas e que apareceu nas entrevistas como motivo para saída do país foi o risco devido à guerra.

4.1.2 Busca de sobrevivência pelo país de origem estar em guerra

Outra motivação para saída do país de origem levantada por alguns entrevistados foi o fato do país estar em guerra. Essas pessoas também precisaram fugir para que suas vidas fossem salvas.

Porque meu país tá em guerra agora, você sabe. Eu não consigo ficar lá agora. Eu fiquei lá 7 anos com guerra, mas eu estava estudando lá porque quando eu acabei a faculdade, eu tem que ser soldado, entende? Mas eu saí. Lá agora tá muito bagunçado, ninguém sabe quem mata o outro e por isso eu saí. Porque não quero fazer isso. (Alisson, sírio, em entrevista)

Foi por causa de guerra. Lá começou guerra, eu convivi com a guerra 5 anos e depois eu não consigo trabalhar mais, eu tenho 3 crianças, 3 filhos e não consegui trabalhar mais. Tudo fechado, empresas... tudo parado. Então por isso a maioria das pessoas fugiu pra fora. (Wander, palestino, em entrevista)

As histórias narradas na entrevista trazem o horror vivenciado pelos dois entrevistados em seus países que os motivou a fugir de forma também não planejada, para que pudessem se salvar. Ambos vivem na Síria, país que está em guerra desde 2011 e que trouxe consequências trágicas à população, pois milhares de pessoas morreram e outras tantas migraram para salvar suas vidas.

Wander relata um pouco do terror cotidiano em um país com guerra, da tensão em sair de casa e não saber se irá retornar, do medo de ficar em casa com perigo de cair bomba, da angústia em ter que criar filhos em meio ao caos. Por fim, o sofrimento e a dor por ter presenciado tantas mortes de perto:

Olha, imagina que você sai todo dia, você não sabe se vai voltar ou não, então tem que ver sobre os filhos primeiro, chora, todo dia chora, quando volta fica feliz. E em casa não tem segurança, porque eles acabaram até com as casas, qualquer casa pode cair com uma bomba, fica uma loucura. Aí fica difícil, eu saí, não sabe se volta, bomba. Olha, eu convivi com guerra 5 anos, eu vi mortes, muitas mortes, morei em Damasco capital, estava forte, bem forte. (Wander, palestino, em entrevista)

Na história de Wander, a impossibilidade de permanecer no país de origem é evidente. Trata-se de um imperativo de mudança, uma fuga para não ser morto e para não matar, como mencionado por Alisson, quando disse que deveria se tornar soldado após concluir seus estudos. Freitas e Dantas (2011) mencionam que ser refugiado não se trata de um planejamento, mas, sim, de uma obrigação em sair de seu país para salvar a própria vida, sem a possibilidade de regresso.

Wander, na tentativa de minimizar o terror vivido, informou na entrevista que não relatou muito do que sofreu e das mazelas que presenciou, porém, relatou sobre os danos psicológicos que foram causados e mencionou que não gostaria de ter me concedido a entrevista, pois não gosta de reviver lembranças que lhe acarretam em dor:

Porque eu já perdi muitos amigos por causa de guerra, eu não falei o que aconteceu mesmo, mas já perdi muitos amigos na minha frente, cai bomba, muito triste. Prefiro falar de coisas boas. Tenho traumas dos 5 anos da guerra. Eu não queria te dar essa entrevista, sabe? Porque eu já cansei de fazer entrevista pra falar dessas coisas, porque as vezes eu quero esquecer dessas coisas, pra não ficar sofrendo e quando eu quero esquecer, vem uma nova entrevista. (Wander, palestino, em entrevista).

O entrevistado me disse que já concedeu inúmeras entrevistas sobre a situação em seu país e sobre a vida no Brasil, inclusive, para programas televisivos, e me informou que não se sente bem em frequentemente ser questionado por brasileiros sobre as tragédias ocorridas em seu país, pois relembrar momentos de dor lhe faz mal, afinal, estão atrelados aos desafios advindos do processo da diáspora e a quebra de vínculos com seu território de origem (Silva & Xavier, 2018).

Outros refugiados, ainda que não tenham vivenciado guerra em seus países, também não se sentem bem ao falar sobre as situações difíceis que a nação enfrenta, como foi possível observar em meio a conversas entre venezuelanos e voluntários, durante uma das aulas de português:

antes da aula começar, falamos sobre a política na Venezuela, Elen mudou seu jeito sempre alegre para um olhar triste, disse-nos, com raiva, que não compreende como existem pessoas a favor do atual governo, que geralmente são pessoas menos esclarecidas que apoiam Maduro, que ele foi o responsável por acabar com o país e deixar tantas pessoas em sofrimento, percebi a mesma revolta no olhar e na feição dos outros refugiados que lá estavam, geralmente eles não reclamam de nada, neste dia não foi diferente... Elen foi a única a reclamar, os outros não quiseram falar sobre o assunto, penso que falar de seu país e de tudo que tem acontecido é um peso ainda

muito grande para eles, de tal modo que preferem não se lembrar ou fugir do assunto.
 (diário de campo)

Pude perceber que os refugiados em geral, não se sentem confortáveis em falar sobre as tragédias que enfrentaram e que seus países seguem enfrentando. São lembranças que lhes causam dor e sofrimento e, por isso, preferem seguir em frente e não falar sobre o assunto, numa tentativa de esquecer o passado.

Todas essas pessoas buscam por melhores condições de vida em outro país, não importando se a vinda tenha sido ou não planejada. A diferença é que, enquanto imigrantes econômicos saem de seus países com a intenção de melhora na qualidade de vida, os refugiados saem com esse mesmo objetivo, além da busca pela sobrevivência.

4.1.3 Baixas oportunidades profissionais e financeiras no país de origem

Diferentemente daqueles que tentam salvar suas vidas migrando para outro território, existem aqueles cuja mudança de país foi planejada, sem que haja a impossibilidade de retorno. Alguns dos entrevistados planejaram a mudança para o Brasil em busca de melhores condições de vida e melhores oportunidades profissionais, já que seus países não lhes ofereciam essa possibilidade.

Mário revela que o problema encontrado em seu país que o motivou a vir para o Brasil foi o desemprego: “No nosso país não tem problema, só desemprego, muito desemprego, não tem trabalho” (Mario, gambiano, em entrevista). Burli confirma a mesma narrativa ao dizer que também veio para o Brasil devido à dificuldade em achar trabalho em seu país e conta que, quando encontravam trabalho, era sempre informal, sem estabilidade, trabalhos temporários: “Ah.. tipo assim, lá você trabalha um dia aqui outro ali. Você pode trabalhar 1 mês num lugar e 3 meses em outro. Eu passei um ano sem trabalho” (Burli, gambiano, em entrevista). Outras narrativas revelaram o mesmo problema:

Foi por causa de não tem muito emprego. Eu vim aqui para fazer uma vida melhor, por isso eu vim aqui pra conseguir trabalho e ganhar dinheiro pra mandar pra minha família. (Murilo, gambiano, em entrevista).

Eu queria trabalhar aqui. Lá não tava muito bom porque tem pouco serviço, entendeu? Por isso viajei para chegar aqui. Para conseguir um emprego. Para ter uma melhor condição de vida. porque tá pouco emprego, entendeu? Si eu por exemplo, eu ficar 6

meses trabalhando, depois quando acaba o serviço tá enrolado para conseguir outro. (Délío, haitiano, em entrevista)

Porque lá no nosso país não tem muito emprego lá, não tem muito emprego lá, por causa disso eu veio aqui pra sobreviver, porque faz vida mais melhor que nós lá. E trabalhar aqui e ganhar dinheiro pra mandar para família também. Nossa família lá e nós estamos aqui, trabalha aqui, ganha um pouco de dinheiro, manda pra lá. Só que lá não tem muito emprego, tem um pouco de dificuldade com isso. (Mário, gambiano, em entrevista).

As narrativas evidenciam as dificuldades de emprego que enfrentavam essas pessoas em seus países. Muitos dos entrevistados vieram para o Brasil na busca de emprego e obter melhores condições financeiras, para isso, precisaram deixar suas famílias. Márcio, entrevistado do Senegal, conta que, em virtude do desemprego, ele deixou dois filhos em seu país de origem, juntamente com a esposa e outros parentes para buscar por melhorias de vida no Brasil e enviar dinheiro à família: “Saí, vim aqui e procurei trabalho pra ver se manda dinheiro pra família para sobreviver” (Márcio, senegalense, em entrevista).

Além da dificuldade de conseguir emprego em seus países de origem, quando encontravam eram ocupações em postos de trabalho instáveis e temporários, dificultando a sobrevivência da família. No entanto, a vida no país de destino não significa corresponder com as expectativas de vida melhor e melhores condições financeiras, fator esse que será analisado posteriormente em um tópico dedicado a analisar questões relacionadas ao trabalho.

4.1.3 Motivos de ordem emocional

Dentre as entrevistas, houve também aquelas em que entrevistados mencionaram motivos de ordem emocional que estiveram relacionados à mudança para o Brasil. Dois foram os motivos que apareceram relacionados a sentimentos: Gostar do Brasil ou ter um(a) companheiro (a) que tivesse chegado anteriormente no país.

Quando questionados sobre o motivo pelo qual vieram para o Brasil, Helder respondeu que “Brasil é melhor e mais bonito que Bangladesh” (Helder, bengalês, em entrevista). No mesmo sentido, Luís disse: “Vim pra turismo, mas gostei e fiquei” (Luís, senegalense, em entrevista), comprovando os fatores de cunho emocional dessas pessoas, por não mencionarem questões de dificuldade financeira em seus países, mas apenas o fato de terem gostado do país.

Houve também entrevistados que mencionaram o fator sentimental, pelo fato de seus companheiros terem vindo anteriormente para o Brasil:

Eu vim ao Brasil porque tinha uma namorada Dominicana e ela decidiu vir ao Brasil e um mês depois eu vim, porque concordamos que íamos estar juntos aqui e ela voltou do Brasil e eu fiquei. Não deu certo entre ela e eu, ela seguiu seu caminho e eu o meu. E estamos aqui, lutando pra ver se sobrevivemos e vivemos uma vida mais ou menos, entende? De acordo com as leis do Brasil. (Raul, dominicano, em entrevista)

Acho que dois motivos, o primeiro é a crise que estava apresentando o país e o outro é motivo sentimental. Eu estava com um parceiro, ele veio um tempo antes pro Brasil aí eu estava trabalhando na Venezuela e tudo começou a ficar mais ruim, eu deixei de trabalhar, não tinha como sustentar minha filha e ele falou para mim que eu viesse pro Brasil ficar com ele, aí esses foram os motivos que eu vim. (Georgina, venezuelana, em entrevista)

Raul e Georgina mencionaram, em suas narrativas, seus relacionamentos afetivos como motivações para terem vindo para o Brasil. Embora Georgina também tivesse mencionado a crise na Venezuela, o fator impulsionador que a fez sair de seu país para o Brasil ao invés de qualquer outro país, foi o fato de seu companheiro ter chegado antes no país e, portanto, ela e a filha teriam onde ficar.

Apesar de terem sido poucos os relatos de ordem emocional, não os descartei, pois considero válido e pertinente a individualidade e a voz de cada um dos entrevistados, com a finalidade de compreender, neste primeiro momento, suas principais motivações para migrar. Por fim, os motivos foram distintos, mas a chegada foi em uma terra comum e estranha a todos eles, questionei, então, sobre a trajetória percorrida até a chegada no Brasil e os primeiros momentos no país.

4.1.4 O cruzamento das fronteiras e a chegada no Brasil como terra estranha

No intuito de dar continuidade à narrativa dos entrevistados e fornecer maior sentido e sequência às suas histórias no momento da entrevista, questionei a eles sobre a trajetória para vir ao Brasil. Muitos enfrentaram diversas barreiras para que fosse possível cruzar a fronteira e chegar no país escolhido como destino. O relato de Georgina retrata bem a dificuldade enfrentada por alguns dos entrevistados:

A fronteira estava fechada, ele (falando sobre seu companheiro) pagou para que pudesse passar pelos caminhos verdes, caminhos verdes significa passar pelo mato pra chegar, como a fronteira estava fechada, esse era o único meio para entrar no Brasil. É mais perigoso, é mais difícil. Eu levei comida, a menina estava em minhas pernas o tempo todo, porque não deu pra pagar outra passagem. Quando eu cheguei, um moço nos pegou e nos levou a cruzar a fronteira, pelos caminhos deles pelo mato. Aí não deu certo, porque a polícia militar que estava aí na fronteira, não deixava passar os carros, eles fecharam. Aí deu meio dia do outro dia, aí começamos a falar entre nós e decidimos cruzar pelo mato, caminhando, eu levando a menina carregada, uma mala, comida e água (choro). (Georgina, venezuelana, em entrevista)

A narrativa sobre a trajetória para cruzar a fronteira e chegar no país pretendido mostra os obstáculos enfrentados pela entrevistada, principalmente pelo fato de que Georgina não veio sozinha, mas, sim, com a filha, uma menina de apenas 5 anos de idade. O relato remete a Hall (2003) quando o autor diz que o fenômeno da diáspora está permeado pela existência de uma fronteira de exclusão, uma oposição entre os que estão dentro de um território e os que estão fora, que causa temores naqueles que necessitam atravessá-la para a própria sobrevivência.

A fronteira de exclusão apresenta também questões burocráticas que, ao invés de acolher, exclui aqueles que necessitam de urgência de refúgio, como é o caso do Sírio Alisson, que informou que, para vir ao Brasil foi necessário a comprovação de uma alta quantia de dinheiro:

Tava caro um pouco, na verdade. Porque eles pedem que você tenha dinheiro no banco, quase 8 mil dólares, 9 mil dólares, você tem que ter esse dinheiro no banco pra eles deixarem você sair. Eles pediu isso no Brasil, não no meu país, entendeu? Consulado do Brasil. Porque quando eu saio, eu fico vigiado, eu saí como se fosse só pra conhecer Brasil. Mas quando eu cheguei aqui, eu fui pra Polícia Federal, falei pra eles que no país tem guerra. (Alisson, sírio, em entrevista)

O trecho remete à ideia trazida por Bauman (1999) quando o autor retrata as que barreiras são difíceis de serem transpostas por imigrantes de países do Sul que buscam por melhoria de vida em outro território, essas pessoas estão confinadas no “espaço”, já que muitas vezes se utilizam de meios ilegais para cruzar a fronteira, como foi o caso de Georgina, ou quando possuem o processo dificultado, como foi o caso de Alisson que necessitou de uma alta quantia de dinheiro. Além disso, ao entrar no país de destino, essas pessoas são muitas vezes recepcionadas de forma humilhante e excludente (Bauman, 2017; Elias & Scotson, 2000;

Volkan, 2017). O relato de Vera confirma a hostilidade enfrentada por essas pessoas quando chegaram no Brasil:

Seguimos para Boa Vista, aí ficamos 4 noites na rua, com os meninos, as vezes íamos para os pontos de guardas, onde tinham barracas, aí ficávamos todo o dia, de noite a gente dormia na rua de Boa Vista, no centro, as vezes eram 6 da manhã e chegavam os guardas com apito ou com outros instrumentos, as vezes 4 ou 5 da manhã, acordavam a nós para não ficar aí, por que estávamos sujando a cidade. Sentamos fora de uma loja e eles falavam “aqui não pode ficar”, “você são venezuelanos, vai pra fora, sai fora, sai fora”, nós pegávamos a mala com as crianças e saíamos, seguia caminhando. Caminhava para que passasse o dia, a noite. E aí nos deu vontade voltar (para Venezuela) e aí falei “não, Osmar, não, já estamos aqui, não podemos voltar”. (Vera, venezuelana, em entrevista)

Os relatos de Vera retratam uma chegada cheia de humilhações no Brasil. Ela, o marido e os filhos pequenos saíram de uma situação de calamidade em seu país, Venezuela, e chegaram em outro território enfrentando preconceitos, humilhação e rejeição. Outras narrativas também demonstram o mesmo preconceito enfrentado por alguém de outra nacionalidade:

Em Boa Vista você vai buscar trabalho e aí as pessoas falam na rua “tem pra brasileiro, pra venezuelano não tem vaga!” Eu fui em duas oportunidades entregar currículo e nossa, o moço tinha em seu negócio uma frase de Deus, não sei se ele era evangélico, não sei. Mas ele era ruim, porque eu cheguei e quando eu fui entregar meu currículo ele falou “não, não tenho trabalho pra você”. (Georgina, venezuelana, em entrevista)

Lá tem muito venezuelano, que estão fazendo coisas ruins e coisas boas e por isso os brasileiros falam que todos os venezuelanos são maus. Como se fala, todos pagam pelos poucos. Então lá é difícil que deem trabalho aos venezuelanos. E como há muitos venezuelanos é muito difícil lá conseguir trabalho. (Bernardo, venezuelano, em entrevista)

O preconceito presente nas narrativas e enfrentado por esses refugiados na chegada ao Brasil revela uma separação entre os estabelecidos daquele local e os “de fora”, *outsiders*, e evidencia o pânico dos estabelecidos em receber *outsiders*, como se a cultura do local pudesse ser destruída ou contaminada com a chegada de um “outro” (Elias & Scotson, 2000; Volkan, 2017).

Similar a essa ideia, a maneira agressiva com que esses refugiados foram recebidos corrobora a afirmação de Bauman (2017) que, recém-chegados a um local são considerados estranhos de tal modo que causam incômodo e receio em uma sociedade já estabelecida, resultando em uma recepção excludente e humilhante a essas pessoas.

Outros refugiados venezuelanos, no entanto, obtiveram maior facilidade, pois contaram com a ajuda de outros imigrantes que já estavam aqui ou com o apoio de ONGs como a Fraternidade Sem Fronteiras, que os ajudaram no momento de migrar de Boa Vista para outra cidade brasileira.

As meninas já tinham feito um contato com uma Fraternidade, as venezuelanas que já estavam aqui. Então eles falaram com a gente da, pessoal da fraternidade e eles esperaram nós. Então nós ficamos num acampamento de acolhida, com só venezuelanos por um mês e meio era uns colchões pequeninhos e acomodamos todos na barraca. Havia muitas crianças, idosos, mas era tudo muito limpo, organizado, outros acampamentos, meu Deus, era muito bagunçados, era horrível, roubo. (Elen, venezuelana, em entrevista)

Eu tinha uma conhecida que estava aqui. Ela estava morando aqui. Ai eu falei com ela, ela me disse que ia me emprestar o dinheiro pra eu pagar a passagem da minha filha e meu pra vir pra Uberlândia. Ai ela pagou a passagem, agora eu estou pagando pra ela. (Georgina, venezuelana, em entrevista).

Muitas dificuldades foram relatadas pelos venezuelanos, tanto na trajetória para vir ao Brasil, quanto no momento da chegada, devido aos preconceitos e dificuldade enfrentados, pelo tratamento hostil recebido. A mudança foi mais fácil apenas para aqueles que receberam ajuda de pessoas já conhecidas, que chegaram anteriormente ao país ou por ONGs.

Os refugiados da Síria e os imigrantes econômicos, quando questionados sobre a trajetória para chegar ao Brasil, apenas mencionaram os meios de transporte que utilizaram. Quando questionados se sofreram algum tipo de preconceito ao chegarem no país, disseram que não, portanto, as mesmas dificuldades não foram mencionadas por todos eles na recepção ao chegar no Brasil, no entanto, mencionaram outros desafios, que serão discutidos no próximo tópico.

4.2 Os desafios advindos do processo da diáspora

Quando se chega a um local novo, com o propósito de recomeçar a vida, vários desafios se apresentam decorrentes do processo da diáspora. Ao serem questionados sobre as principais dificuldades enfrentadas ao chegarem no Brasil, os entrevistados responderam sobre a falta de domínio da língua, as questões da documentação, a saudade que sentem de seus familiares e seus países e, por fim, a busca por trabalho.

4.2.1 A chegada em um país monolíngue: dificuldades com o idioma

Grande parte dos entrevistados listaram o idioma como um dos primeiros e principais desafios ao chegar no Brasil. O idioma é algo de muita importância, já que uma boa comunicação no país de destino é fundamental para emancipação dessas pessoas que chegam em situação de vulnerabilidade, a fim de que possam começar a levar uma vida digna e independente da caridade alheia.

O princípio é complicado, especialmente para aqueles que fugiram de seus países, sem um planejamento prévio, como é o caso de Vera, que conta que nunca imaginou que um dia precisaria se comunicar em português: “Nem por la cabeça me passou que eu tinha que falar português, nem por la cabeça me passou” (Vera, venezuelana, em entrevista).

Alguns relatos demonstram o sofrimento daqueles que, a princípio, não souberam se comunicar bem em português:

você sai e a fronteira não é só uma linha, é um mundo novo. Você fala uma língua e entra e escuta todo mundo falar uma língua estranha, que você não conhece, então é um choque, é um choque. (Elen, venezuelana, em entrevista).

A primeira coisa foi a língua, muito difícil. Quando uma pessoa chega aqui, o primeiro que pensa é isso... a língua, como falo o português? Eu tinha medo de sair na rua por não saber falar. Porque tudo aqui depende da comunicação para fazer as coisas, então eu tinha como uma vergonha, sabe? Então essa foi a primeira dificuldade de chegar aqui. (Bernardo, venezuelano, em entrevista)

O que nos complicou no princípio foi o idioma. Eu passei por depressão, porque foi quase um mês que eu não saía de casa de minha irmã, porque não entendia, e chegava a ter dor de cabeça em casa porque aí falavam as professoras que ele (falando do filho) não entendia. (Vera, venezuelana, em entrevista)

Ah.. pouco, pouco difícil a língua, porque quando a gente chegar aqui as pessoas não entendem o meu idioma, precisei aprender, tive um pouco de dificuldade. (Murilo, gambiano, em entrevista).

O fato de o Brasil ser monolíngue e de grande parte da população não saber se comunicar em um segundo idioma dificulta a vida daqueles que escolheram o país como lar e não aprenderam o idioma antes da sua vinda. A narrativa de Wander retrata bem a frustração em chegar em outro país e perceber a dificuldade em encontrar alguém que falasse o inglês como segundo idioma: “Eu fui pra Campinas. Ninguém falava minha língua, ninguém falava inglês e eu ‘nossa’. Na rua é difícil achar um que fala inglês, né?” (Wander, palestino, em entrevista).

Os entrevistados reconhecem que, sem a fluência do idioma, se veem limitados em muitos aspectos. Dois relatos retratam bem a necessidade de aprender o português: (1) “quando você não entende bem o idioma vai ter um pouco de dificuldade para fazer amizades” (Márcio, senegalense, em entrevista). Márcio traz a questão relacionada a conhecer pessoas e fazer amizades; e (2) em seu relato, Alisson também menciona a dificuldade em conseguir emprego sem a fluência do português e reconhece que não está no país provisoriamente, mas, talvez, permanentemente: “A gente precisa pra trabalho, entendeu? Pra conhecer pessoas. Porque eu não vou ficar aqui 1 mês, 3 meses, eu tô aqui pra... ninguém sabe, talvez pra sempre, sabe?” (Alisson, sírio, em entrevista).

A realidade é, portanto, de muita dificuldade e desafios para aqueles que chegam, fragilizados, tendo vivenciado diversas dificuldades, sendo tratados de forma estigmatizada e sem a habilidade de falar a língua local (Phillips, 1997).

4.2.2 O não-cidadão: dificuldades com a documentação.

Ao serem questionados sobre os principais desafios, um deles foi bastante mencionado, especialmente por imigrantes econômicos: a dificuldade com a documentação. Em um dos momentos que me desloquei para realizar as entrevistas, me deparei com um grupo de imigrantes, todos eles com problemas na documentação e me informaram que, com o problema que tinham, não seria possível visitar suas famílias.

Isso que é o grande o problema com nós aqui (falando sobre o documento), porque eu estou aqui, 1 ano e 3 meses, eu tem esposa lá, filho e filha.. tudo lá, eu to com saudade para visitar eles, você sabe... um homem não pode ficar um ano sem ver sua

esposa. difícil, né? Eu não tem como ir pra ela, porque não tem documento. (Mario, gambiano, em entrevista)

Mário relata as dificuldades em não ter a documentação que o permita visitar sua família, mencionando, inclusive, que não pode sair do país, pois se sair, não poderá voltar, e, em seu país de origem, ele não pode ficar, devido ao alto índice de desemprego:

Se sai não volta mais. E eu tem dificuldade lá, não tem trabalho lá, aqui eu tem emprego, mas quando eu tem documento aqui, aí eu pode ir lá pra visitar 3 meses, 2 meses e voltar outra vez. (Mario, gambiano, em entrevista).

A maioria dos entrevistados imigrantes econômicos relataram a mesma dificuldade e o mesmo incômodo. Alguns entraram no país como refugiados, a fim de terem a entrada facilitada, porém, ao tentar mudar seu status e passar para imigrante com o visto de permanência, encontraram dificuldades e, por isso, não podem nem sequer sair do país, do contrário não poderão voltar:

Depois quando a pessoa quer trabalhar, precisa de documentação. Eu entrei refugiado, mas não tinha motivo pra ser refugiado, é imigrante, quando eu consegui trabalho aqui, precisava de documentação do Brasil, carta de trabalho. Precisa entrar como refugiado, conseguir protocolo pra tirar a carteira de trabalho. (Helder, bengalês, em entrevista)

Eu me sente mal porque não consegue documento para sair e visitar meu país. Mas se a gente tem visto de residência, tá tudo bem (Burli, gambiano, em entrevista)

Só sobre o documento que eu me sinto incomodado, porque isso é importante pra nós. Mas aqui tem respeito, não tem racismo, só sobre o documento. (Márcio, senegalense, em entrevista)

A questão da documentação foi bastante mencionada pela maioria dos imigrantes econômicos entrevistados. O fato de não poder visitar a família é algo desagradável para eles. Quando questionados sobre os desafios enfrentados, a documentação foi bastante enfatizada. Alguns refugiados, por sua vez, também mencionaram o mesmo problema, porém, por outro aspecto. Determinados relatos indicaram a falta de conhecimento sobre alguns documentos, como a carteira de trabalho ou sobre o processo para conseguir o documento:

Quando chegamos, que consegui o primeiro emprego, a primeira coisa que me perguntaram foi “tem carteira de trabalho?”, “não”, “tem algum jeito de tirar?”, “sim, mas não sei me situar, não sei fazer aqui”, então, por exemplo, a pessoa dizia “você vai tirar a carteira de trabalho e vai demorar um mês pra chegar a carteira de trabalho, talvez 15 dias, talvez 20 dias, talvez 1 mês”. E foi por isso que não tirei a carteira de trabalho. (Osmar, venezuelano, em entrevista)

O desconhecimento desses entrevistados acerca dos documentos necessários e do processo para consegui-los implica em fragilidade ainda maior e exposição a riscos de serem explorados, como é o caso de Osmar, em que lhe disseram que seria muito demorado para conseguir a carteira, e de Alisson, que trabalhou por muito tempo sem carteira de trabalho assinada e sem que soubesse da sua obrigatoriedade para o trabalho formal:

Eu cheguei eu não conhecia como lei de aqui, carteira de trabalho. Eu trabalhei com eles quase 1 ano sem carteira, porque eu não sabia que tem carteira, que tem que fazer carteira, não sabia e ninguém me falou. Eu não sabia falar português também muito direito. (Alisson, sírio, em entrevista)

A história de Alisson e Osmar são um indicativo de serem vítimas de organizações que se aproveitam da situação de fragilidade e desconhecimento desses entrevistados, juntamente com o status de migração irregular para que eles possam ser utilizados como instrumentos de acumulação de capital (Mascarenhas, Dias & Baptista, 2015). Fato esse que será melhor analisado no tópico 4.3.

Houve também imigrantes que, pelo fato de não serem cidadãos brasileiros, não gozam dos mesmos direitos que aqueles estabelecidos no Brasil, portanto, não conseguem ter uma vida digna em muitos aspectos:

Eu ainda não tenho residência, eu tenho 2 anos e 3 meses e ainda não tenho residência aqui, só tenho protocolo, não tenho Registro Nacional de Estrangeiro (RNE), ainda não tenho também. Eu não consigo fazer nada com esse documento. Eu não posso fazer carteira de dirigir, não posso abrir loja, não posso muita coisa. (Alisson, sírio, em entrevista)

Eu queria saber também para mudar meu status no país, porque eu tenho protocolo de refugiado e eu quero tirar já os papéis de residência e eu acho que é melhor, já estou aqui e acho que podem aparecer mais oportunidades. (Elen, venezuelana, em entrevista)

A questão da documentação é, então, um desafio para essas pessoas para que possam ter uma vida digna, o que acontece, no entanto, é a impossibilidade ou demora na mudança de status de seus documentos para permanência no país com a finalidade de gozar de maiores direitos. Por fim, há um desconhecimento dessas pessoas sobre os documentos necessários, ocasionando em exploração da posição fragilizada em que se encontram, em um momento em que estão indefesas, em outro país, com outro idioma, em condições, muitas vezes, precárias de vida e com um profundo desconhecimento sobre seus direitos e deveres.

4.2.3 O acolhimento em Uberlândia e a saudade do que ficou para trás

Durante as entrevistas, os entrevistados afirmaram que o acolhimento em Uberlândia foi algo positivo, muitos disseram que a relação com os brasileiros foi positiva na cidade e que receberam bastante auxílio, especialmente de ONGs ou de grupos de igreja:

Estou muito agradecida com Uberlândia, porque conheci os professores de TAARE, todas as pessoas que nos ajudaram com um pouquinho, com qualquer coisa, mas nos ajudaram bastante. Onde nós chegamos sempre falam “precisam de algo? O que querem? Qualquer coisa fala” (Vera, venezuelana, em entrevista)

Eu sou testemunha de jeová, eu busquei na mesma semana que cheguei a congregação, expliquei para eles quem era eu, porque estava aqui, tudo isso e sem eu saber eles começaram a fazer um trabalho de formiguinha, essa casa eles alugaram para mim, pagaram aluguel 3 meses e tudo, quando eu cheguei já estavam os sofás, o fogão, geladeira, pratos, colher, todas essas coisas, cama, lençol, comida, eles me ajudaram. (Elen, venezuelana, em entrevista)

Ainda que alguns dos entrevistados tenham sido recebidos de forma humilhante em Boa Vista, eles são muito gratos aos brasileiros que os auxiliaram de alguma forma, essa ajuda, em todos os relatos, vieram sempre de alguma ONG ou algum grupo de igreja, por exemplo. Os entrevistados expressaram que se sentem acolhidos por perceberem que não são tratados com indiferença, mas, sim, com consideração e afeto advindo de alguns grupos específicos, que os ajudaram com algum tipo de assistência.

No diário de campo, menciono a grande quantidade de voluntários dispostos a ajudar imigrantes e refugiados, na ONG TAARE, a qual sou voluntária e desempenhei pesquisa de natureza etnográfica, relatei, em um dos primeiros dias de trabalho, a seguinte percepção:

“Aparentemente há bastante voluntários na ONG, as vezes até falta espaço para todos aqueles que querem ajudar, o que me deixa feliz em saber que a sociedade se interessa em auxiliar” (diário de campo).

Também menciono no diário de campo, parte da história de Vera que, apesar de não ter sido mencionada por ela em entrevista, foi relatado por ela em sala de aula, quando informou que:

“a irmã chegou sem dinheiro em Boa Vista, ficou na rua com o filho, passando necessidade e pedindo dinheiro por dois meses, até que uma mulher de uma ONG os ajudou, os acolheu e os enviou de avião para Uberlândia, aqui estão em uma casa, que também foi fornecida à eles por caridade. A mesma mulher que ajudou a irmã, ajudou Vera e família a também vir para Uberlândia, vieram de avião e aqui vivem em um apartamento que não pagarão aluguel por um ano.” (diário de campo)

Durante o trabalho de natureza etnográfica conduzido na ONG, minha percepção foi a de que as pessoas são bem acolhidas por outras que trabalham com algum tipo de caridade, seja em igrejas, grupos religiosos ou por voluntários que trabalham em alguma ONG. Foi o caso de Vera e Elen, que relataram ter conseguido auxílio com passagens de avião de Boa Vista para Uberlândia e o fato de que lhes foi dado moradia em Uberlândia, por alguns meses, sem que precisassem pagar aluguel. Essa ajuda lhes foi dada com a finalidade de terem onde morar com a família, até que conseguissem um emprego formal.

Em entrevistas, algumas pessoas manifestaram a felicidade que sentem com o interesse das pessoas por suas histórias. Em seus relatos eles mencionam que, por vezes, quando falam no idioma nativo de seus países, há sempre alguém que percebe que são *outsiders* e se interessa em conhecer seus relatos de vida.

Aqui as pessoas como que se emocionam quando veem um estrangeiro, ou seja, escutam outro tipo de idioma, eles se emocionam, querem ver, querem como se diz, saber a experiência de vida dessa pessoa que está chegando. E assim, muitos curiosos querem saber a vida de nós lá, eles querem saber o custo da gasolina, valor das casas, se as pessoas isso, se as pessoas aquilo. (Osmar, venezuelano, em entrevista)

Aaah (suspiro de alívio), aqui (em Uberlândia) foi bem melhor. Eu não posso falar que fui recebida por brasileiros ruins, não! Fui recebida por brasileiros bons. Aí eles estavam muito preocupados conosco e procuravam que estivéssemos bem. Perguntavam se tínhamos o que comer, perguntava se já tinha arrumado emprego, estavam atentos. (Georgina, venezuelana, em entrevista)

Os entrevistados se sentem alegres com os brasileiros em geral, pois pensam possuir um bom relacionamento com eles.

Agora tenho amigos brasileiros, olha eu gosta aqui Brasil, Brasil acho que é um país mais difícil para trabalho, para ganhar dinheiro, não é igual a Europa e outros lugares, mas as pessoas aqui, muito legal. Por isso eu prefiro aqui. Eu tenho amigos em Europa, em outros países, eles falam pra mim que lá tem racismo, entendeu? Não igual aqui, brasileiros não tem nada com isso, eu nunca senti aqui que eu sou refugiado, eu sou estrangeiro, entendeu? (Alisson, sírio, em entrevista)

Me sinto bem também. Eu me sinto aqui no Brasil como se estivesse em Dominicana no âmbito social, no econômico talvez não, mas me sinto bem. (Raul, dominicano, em entrevista)

No entanto, apesar do bom acolhimento em Uberlândia e da boa relação com brasileiros no geral, a saudade foi bastante mencionada por eles, especialmente por aqueles que saíram do país sem possibilidade de retorno.

Para nós, o mais complicado é fazer uma ligação para lá e sempre o coração fica pequenino. Faz pouco tempo, faz dois meses, recebemos uma notícia, que um tio de Osmar morreu e isso nos deixou mal, porque sempre se pensa nos demais familiares que ficaram, que estão lá, é muito difícil que um esteja aqui e quer ir pra lá, estar aqui e não poder voltar pra lá. (Vera, venezuelana, em entrevista)

Cada vez que eu falo com minha mãe eu começo a chorar porque eu tenho saudade dela, da minha avó, da minha família. Eu falei que ia trazer ela e ela falou que não. Ela não quer porque ela tem sua mãe viva e ela quer cuidar dela. Mas ela falou pra eu voltar, penso no futuro vou poder voltar. (Georgina, venezuelana, em entrevista)

Eu não tenho nem filhos, nem meus pais, mas ficaram meus irmãos, minhas irmãs, sobrinhos, eles estão doentes e eles também estão com fome, estão com muitas necessidades. Então pensar nisso, que eles não estão comendo enquanto eu como, faz as vezes que a comida seja amarga. (Elen, venezuelana, em entrevista)

A saudade foi mencionada principalmente por refugiados. Ao mencioná-la, eles se lembram de quem ficou para trás e se sentem mal com o fato de que suas famílias ainda estejam

em situação de calamidade no país em que viviam e a impossibilidade de trazê-los os deixam ainda mais fragilizados.

Além da saudade do que ficou para trás, é difícil para alguns dos refugiados entrevistados aceitar que não há possibilidade de retorno para o país de origem. Muitos ainda mencionam a esperança de voltar para seu país algum dia, como, por exemplo, Vera, que menciona que está feliz que seus filhos estejam aprendendo um novo idioma no Brasil, porque, “ao voltar, em um futuro para Venezuela, eles já sabem falar português”, deixando explícita a expectativa em um dia retornar para seu país. Georgina, venezuelana, em seu relato também crê um dia poder voltar: “penso no futuro vou poder voltar”.

Outros entrevistados refugiados, no entanto, compreendem que voltar já não é mais uma opção: “É muito difícil quando uma pessoa tem que assimilar que já não pode voltar. Porque se volta, ela não vai achar o que deixou (choro). Isso já não existe mais.” (Elen, venezuelana, em entrevista). Elen continua a reflexão sobre a impossibilidade de voltar e deixa claro o fato de que é preciso seguir em frente:

Em uma noite eu me despertei, acordei e foi assim, como falam vocês, cáí a ficha e... não estou na Venezuela, não vou voltar pra Venezuela, não há jeito, não há forma, não há como ir lá por enquanto e se vou agora, porque estou toda ansiosa, toda cheia de problema, toda estressada, pego a mala, vou de volta, o que vou fazer lá? Não, não é igual ao que eu deixei, não é igual ao que estava acostumada, não é igual ao que eu quero, então eu falei “não, não posso voltar”, porque eu não sou a mesma pessoa e a situação lá não é igual, nunca mais vai voltar a ser igual. Então parar e olhar para trás, não tem jeito, não tem pra quê. Chorei e depois falei “pra frente” (Elen, venezuelana, em entrevista).

Elen mencionou muitas vezes que, apesar das dificuldades enfrentadas, e da saudade diária, é necessário seguir adiante. A entrevistada olha para o Brasil como o país que a acolheu e o qual ela possui muita gratidão, reconhecendo que é um país que também possui muitos problemas, mas que é necessário ser grato. No entanto, se coloca em posição de submissão quando diz que não deve exigir muito, apenas agradecer pelo que foi recebido até o momento:

Brasil também tem pessoas que não tem empregos, que não tem casa, que tem filhos doentes, que eles mesmos são doentes, Brasil também está passando por transformação, Brasil também tem problemas econômicos, eles tem um problema de corrupção tão grande como o nosso, então nós não podemos exigir nada, só receber e agradecer o que tem, porque eles estão dando ainda tendo pessoas deles, gente deles,

sua gente, passando dificuldades, então não podemos esperar mais e nem exigir mais, só esperar e agradecer e fazer nosso melhor. (Elen, venezuelana, em entrevista)

O relato de Elen corrobora com a afirmação de Kaya (2002) em que a autora afirma que os sujeitos diaspóricos permanecem atrelados aos seus passados. Essa é uma maneira de não serem críticos com as condições presentes. E contribui para terem uma identidade que não foi imposta por outros e que, portanto, eles podem reivindicar para si. Assim, é possível perceber que mesmo que as condições não estejam satisfatórias para Elen, ela não reclama, apenas agradece pelo que entende ter recebido.

Ainda que o otimismo seja a maneira escolhida por muitos para enfrentar os desafios, muitas vezes ele é apenas uma máscara para esconder a tristeza que carregam pelas dificuldades que enfrentaram na vida. No diário de campo relato o dia em que Elen fez matrícula para as aulas de português, “toda feliz e sorridente ela nos informou que a maneira com que os venezuelanos lidam com as dificuldades que o país vem vivenciando, é por meio de sorrisos” (diário de campo). Da mesma forma, Vera relatou que “a gente aqui o tempo todo está brincando, rindo, fazendo piada, mas sempre há tristeza dentro de nós” (Vera, venezuelana, em entrevista).

Elen, em entrevista, novamente voltou a mencionar o que relatei em meu diário de campo, disse que o otimismo, o sorriso, e as brincadeiras são formas de superar os problemas:

as vezes eu acho que mais que uma máscara é uma forma de superar, de transpassar aquilo. Eu estava pensando esses dias que a gratidão é para mim um bastão, é uma bengala e também é uma arma, as balas que ele tem é o sorriso, é a felicidade, é o otimismo. Porque se você fica depressivo, triste, pensando naquilo que foi, naquilo que deixou, naquilo que aconteceu, não vai adiantar, você não vai pra frente. (Elen, em entrevista)

As falas de Elen e Vera remetem à afirmação de Arendt (2013) que diz que, em decorrência das várias dificuldades que acompanham a vida dos refugiados, a forma como escolheram viver é por meio do otimismo. Por isso, devem ser fortes e otimistas para reconstruir a vida em outro território, seguir em frente em meio a um futuro ainda incerto. Segundo a autora, quanto menor a liberdade desses refugiados, maior é a necessidade de representar papéis e viver de fachada, para mascarar a realidade difícil e inventar para si mesmos uma existência mais leve e branda de ser vivida. Talvez por isso a gratidão esteja sempre tão presente também, a fim de camuflar a existência sofrida que levam e trazer algum sentido e alívio do que vivem.

4.2.4 Desafios para conseguir trabalho

O desafio para encontrar emprego também foi bastante mencionado pelos entrevistados, A procura não é simples e os trabalhos encontrados são geralmente em posições de subemprego, mal remuneradas e em condições precárias de trabalho.

Os entrevistados foram questionados sobre a busca por emprego, disseram que, quando há indicação, é sempre mais fácil, mas quando não há, eles buscam por trabalhos temporários, por “bicos”, para que possam se manter financeiramente.

Eu fazia limpeza, alguma coisa, pra ir arrumando dinheiro diário. Mas estava sem nada, aí comecei a entregar currículo, entregar, entregar. Fiz entrevista num restaurante perto da praça dos museus que ele é árabe, aí não deu certo e segui, segui, até que uma amiga me enviou uma mensagem com um endereço de um restaurante que tinha vagas e eu falei com uma vizinha e ela disse que conhecia o restaurante, fomos as duas, fui levei currículo e às 16h a moça falou que eu podia ir em uma prova no outro dia como limpeza, no outro dia fui pra prova e deu certo. (Georgina, venezuelana, em entrevista).

Esse amigo da Fraternidade sem Fronteiras que me conseguiu um trabalho no Pacaembu, um amigo dele, era o dono da padaria e fazia faculdade de noite e ele perguntou se o pai não tinha uma vaga de trabalho e tal, e ele disse que sim, que eu fosse fazer o teste para a padaria dele, eu fui, mas aí durei só um mês porque não tinha carteira de trabalho e não podia passar mais de um mês porque podia chegar uma fiscalização na padaria. (Osmar, venezuelano, em entrevista)

As narrativas comprovam que são muitos os percalços para se conseguir emprego, já que, por vezes, são em postos de trabalho abaixo da qualificação profissional. Esse é o caso de Georgina, que era Técnica em Segurança do trabalho em seu país, trabalhou em grandes empresas e, ao chegar no Brasil, precisou fazer “bicos” para se manter até que conseguisse um trabalho, tendo sido empregada como auxiliar de limpeza, em um restaurante de comida árabe, na cidade de Uberlândia. Já Osmar disse que buscou vários empregos e sempre foi mais fácil conseguir trabalho quando há indicação de alguém, pois, sem a indicação, eles ficam meses sem trabalhar, entregando currículo e buscando oportunidades em mídias sociais.

Os relatos vão ao encontro dos achados da pesquisa de Mello (2015) e Franco (2018), que mencionam os transtornos enfrentados por essas pessoas ao chegar em outro território, ao

trabalharem em ocupações inferiores a posição profissional que possuem, em condições precárias de trabalho, muitas vezes sem registro profissional e sem estabilidade.

Muitos imigrantes, porém, disseram que foi fácil encontrar emprego devido à sua religião. A maioria dos entrevistados mulçumanos trabalha ou já trabalhou em uma grande empresa localizada na cidade de Uberlândia, do ramo alimentício, responsável por produtos refrigerados. Para essas pessoas, não houve tanta dificuldade em conseguir emprego.

O trabalho encontrado pelos entrevistados de religião mulçumana consiste no abate de animais pela técnica mulçumana sagrada de abate denominada Halal. Um dos requisitos da técnica é de que o profissional deve fazer uma reza antes do abate e a face do animal deve estar voltada para a Meca, cidade da Arábia Saudita, considerada sagrada pelos mulçumanos (Mendes, 2018). Apenas carnes halal podem ser ingeridas por pessoas da religião mulçumana. A demanda do mercado externo é crescente e as carnes abatidas na empresa em que esses entrevistados trabalham são exportadas para países árabes (Mendes, 2018).

Diversas regras devem ser seguidas para que o animal seja abatido da forma correta, dentre elas, apenas mulçumanos podem realizar a técnica, o que facilita com que essas pessoas sejam empregadas. Quando questionados sobre a dificuldade e o tempo levado até encontrar trabalho, aqueles que são mulçumanos e que trabalham como Sangrador, pessoa responsável pelo abate da carne halal, responderam que não houve dificuldade, Mario, por exemplo, informou que: “Não, não foi difícil, levou 1 mês pra achar trabalho. É porque a empresa só contrata mulçumano, só nós mulçumanos matamos vaca pra exportar pra outro país.” (Mario, gambiano, em entrevista). Os relatos confirmam a facilidade em encontrar emprego como Sangrador e alguns requisitos para que a técnica sagrada seja seguida:

Eu trabalho com matar frango, né? Se chama Sangrador. É porque isso é coisa da religião, como você mata, precisa falar algumas coisas quando você mata. Mas eu não gosto de lá porque coisa de matar. Mas as galinhas não chegam vivas, eles entram numa água com energia, ela fica tonta, ela não sente nada quando chega pra matar. Mas por matar que eu não gosto do trabalho. (Alisson, sírio, em entrevista)

Esse grupo chama grupo Halal, da religião dos mulçumanos. O problema é que nós não come sangue, o jeito de outras religião, quando eles matam, o jeito deles deixa sangue no corpo do animal. Então, jeito dos mulçumanos, não fica sangue no corpo do animal, eles corta tudo a cabeça, nós não corta a cabeça. (Wander, palestino, em entrevista)

Para aqueles que não são mulçumanos, no entanto, é mais complicado encontrar emprego, eles reconhecem que o fato de serem estrangeiros dificulta serem contratados

Se é difícil para os brasileiros, que tem toda sua documentação, estão nacionalizados, é seu país, arranjar um trabalho. Muito mais difícil é pra nós estrangeiros, que estamos como imigrantes, refugiados, temporários, que isso é uma das coisas que afetam aqui também, porque, tanto em benefício como em trabalho que em qualquer momento você se pode ir. Você está como temporário, não está nem como permanente e nem como estável aqui no país, com residência permanente, está temporário. (Osmar, venezuelano, em entrevista)

Osmar reconhece que o fato de ser estrangeiro, ainda sem toda a documentação e sem os documentos de residência permanente, dificulta muito ser empregado por alguma organização e encontrar um emprego estável. No entanto, o que não foi mencionado por ele é a falta de valorização dessas pessoas e da diversidade nas organizações, levando à não contratação, ou a exploração, quando contratados.

A fim de comparar a ocupação em seus países de origem e aquela encontrada no Brasil, elaborei um quadro comparativo para refugiados e imigrantes:

Quadro 3 - Ocupação- Refugiados e Imigrantes Econômicos

Ocupação antes e depois de vir para o Brasil - Refugiados			Ocupação antes e depois de vir para o Brasil - Imigrantes Econômicos		
Entrevistado	Ocupação no país de origem	Ocupação no país de destino	Entrevistado	Ocupação no país de origem	Ocupação no país de destino
Vera	Operadora de caixa em casas lotéricas	Auxiliar de limpeza	Mário	Professor de religião	Sangrador
Osmar	Tatuador, padeiro, funilaria e pintura	Padeiro	Márcio	Vendedor	Sangrador
Adriano	Não trabalhou, apenas concluiu o Ensino Médio	Estoquista	Burli	Trabalhou no departamento de água	Sangrador
Elen	Área administrativa/contábil de uma empresa petroleira	Costureira	Helder	Jogador de futebol	Sangrador
Alisson	Proprietário de um supermercado (Junto de sua família)	Sangrador	Murilo	Trabalhou em uma empresa que fabricava sabonete	Sangrador
Bernardo	Segurança	Auxiliar de mecânico em uma pista de Kart	Luís	Militar	Sangrador

Wander	Estoquista	Ajudante de cozinha	Raul	Proprietário de uma Oficina Mecânica	Funcionário de Oficina Mecânica
Georgina	Técnica Superior em Segurança do Trabalho	Auxiliar de limpeza e ajudante de cozinha	Délio	Carpinteiro / Pedreiro	Pedreiro

Nota: Elaborado pela autora

Boa parte dos entrevistados não possuía formação em seu país de origem e encontraram profissões similares no Brasil. No entanto, aqueles que possuíam alguma formação ou profissão em seu país não tiveram seus conhecimentos e aptidões reconhecidos no Brasil, encontrando emprego em posições diferentes em relação às ocupadas no seu país de origem.

Não apenas a busca por emprego foi difícil. Para muitos dos entrevistados, a exploração e perversidade foram encontradas por eles no âmbito do trabalho, e a análise dessas narrativas será realizada no próximo tópico.

4.3 A exploração no âmbito do trabalho

A exploração existente no âmbito do trabalho esteve presente em vários momentos das narrativas de quase todos os 16 entrevistados, corroborando a ideia de que é tirada vantagem da posição de vulnerabilidade dessas pessoas por parte das organizações. Três pontos principais foram identificados em meio às falas dessas pessoas como as principais formas de violência contra esses trabalhadores: Exploração financeira no trabalho; exploração de mão de obra por meio de horas extras não pagas; e, condição de trabalho análoga à escravidão.

Cada um desses três pontos será analisado separadamente nos tópicos abaixo:

4.3.1 Exploração financeira no trabalho

Uma realidade perversa está presente no contexto laboral desses imigrantes econômicos e refugiados. São pessoas em situações de vulnerabilidade, que passaram por dificuldades em seus países, enfrentaram situações difíceis na trajetória até que chegassem em outro território e, ao chegar, foram confrontadas com inúmeros desafios provenientes da diáspora. A violação do direito desses trabalhadores foi uma constante em muitas entrevistas. Por exemplo, foram

reveladas situações em que recebiam um salário ínfimo ou outras situações em que trabalharam por meses sem que o salário fosse pago.

Comecei a trabalhar em uma fábrica de bolacha, embalando bolacha, no Pampulha. Eu fiquei quase 3 meses, só que aí não recebia certinho por não ter carteira de trabalho. Aí por exemplo, quando chegava o dia do pagamento o cara saía com 200 conto, 300 conto. Ele não pagava. Não tinha benefício, não tinha vale de transporte, não tinha vale refeição, porque ele aí davam por exemplo, café da tarde e café da manhã e aí eu só fiquei aí 3 meses, quando me mudei de Pampulha para cá para Dona Zulmira, ele falou que eu já não podia seguir trabalhando por la distância. (Osmar, venezuelano, em entrevista)

Osmar conta sobre sua primeira experiência de trabalho em Uberlândia, em uma fábrica de empacotar bolachas, local em que não recebia o salário de forma correta. Osmar recebia apenas o montante conveniente ao proprietário, que o empregou por três meses sem assinar sua carteira e nem mesmo o informou que era necessário ter uma carteira de trabalho. Visto que Osmar desconhecia como funcionava o processo para ter esse documento, a organização se aproveitou dessa fragilidade.

Em seguida, ele conta sobre seu segundo emprego, no qual também houve exploração. Ele e outros dois venezuelanos entrevistados trabalharam na mesma construtora, como pedreiros, juntamente com outros trabalhadores e todos eles foram vítimas de um golpe:

No trabalho, por exemplo, nós trabalhamos quase 2 meses cada um, porque não trabalham com brasileiros só com estrangeiros, só que durou 2 meses e no final não sei o que aconteceu que, como se diz, amanheceu e de repente, como se diz, o galpão estava fechado, ele se foi e nem pagou. Isso foi uma empresa de construção civil aqui em Uberlândia. (Osmar, venezuelano, em entrevista)

Um dia eu fui lá trabalhar e tava fechado e com cadeado e ficamos ligando pra ele e ele não atendia. Eu tinha o *whatsapp* dele, eu escrevi para ele e ele só falou que ele foi embora porque sua mulher havia morrido no Paraguai, então que ele já estava no aeroporto aguardando um voo para lá e eu perguntei “e você, porque não falou? Como não falou nada?” E ele começou a falar de mal jeito, de uma forma ruim e aí eu não falei mais nada, só deixei. Pensei “vamos ver quando você vai voltar” e ele não apareceu até hoje. Era uma construtora, era uma empresa, mas não assinava carteira, só pegava gente pra trabalhar e pronto. (Bernardo, venezuelano, em entrevista)

Os relatos mostram a face repugnante das organizações, também conhecida como *Dark Side*, no que se refere ao aproveitamento de trabalhadores mais vulneráveis com a finalidade de enriquecer, não importando se suas condutas se constituem em ações imorais ou criminosas, ocasionando em consequências drásticas e nefastas aos trabalhadores (Linstead, Maréchal & Griffin, 2014; Gaulejac, 2007; Vaughan, 1999).

Os relatos relacionados ao trabalho e não pagamento foram os mais comuns. Outro venezuelano que também trabalhou como pedreiro na mesma construtora concede seu depoimento sobre ela e sobre um lava-jato que trabalhou logo em seguida, sem receber salário, sendo explorado, assim como Osmar, por duas vezes seguidas:

Só no trabalho que eu tive preconceito, no primeiro trabalho com o rapaz da construção e o segundo com o rapaz do lava jato. O primeiro emprego foi ajudante de pedreiro, que não recebi. E no segundo trabalho também, comecei o curso de lava-jato e ele me deu emprego. Ele pagou aos poucos o primeiro mês. Só assim ele pagou o primeiro mês. Aí o segundo mês correu inteiro, aí ele não me passou nada. Aí chegou o terceiro mês, no terceiro mês ele passou a metade do segundo mês, ficou faltando dinheiro. Aí correu o terceiro mês e ele não me passou dinheiro. Tipo o quarto mês nem passou dinheiro do restante do segundo, nem nada do terceiro, nem o quarto mês, os dois últimos meses que eu fiquei lá, ele nem passou dinheiro, nem vale, nem nada e também nem a metade do segundo mês. Mas já tava correndo o quinto mês no trabalho, aí eu parei, eu falei “não, não vou ficar aqui não”. (Adriano, venezuelano, em entrevista)

Adriano conta sobre situações similares em organizações distintas. Na primeira empresa, uma construtora, ele não recebeu seu salário; na segunda vez, em um lava-jato, ele recebeu seu salário de forma parcial: apenas o primeiro e metade do segundo mês, dos quase 5 meses que trabalhou lá. E releva ainda que um amigo haitiano trabalha na mesma empresa, nas mesmas condições, mas não saiu por esperança de receber o salário:

Até hoje tem dois cara que ainda tão trabalhando lá no lava-jato e ele não quer sair de lá, aí eu passei pra ele um *whatsapp* “ou, vai levar o currículo”, mas eu acho que ele quer ficar lá só esperando, só esperando, trabalhando. Aí eu sempre escrevo para ele “há pagamento para você?”, “Ainda não, não recebi, tem duas semanas que ele não vem para cá. Ele só vem pra pegar o dinheiro e vai embora e volta tipo assim, daqui duas semanas”. (Adriano, venezuelano, em entrevista)

Quando eu cheguei aqui no Brasil, patrão usou nois, ele enganou nois porque trabalhava no Alphaville, eu não sabia falar português, e aí eu comecei a trabalhá em outubro, aí chegou dezembro, ele fez uma festa para nois, então a empresa pagou ele

um dinheiro para dar a nois e ele não deu o dinheiro e fez só um churrasco para nois, ai ele ficou com o dinheiro, quando mandou nois embora, eu não recebi nada, fiquei um ano e dois meses, entendeu? (Délío, haitiano, em entrevista)

A situação mencionada por Adriano e Délío revela uma relação de poder entre empregador e empregado, em que os estrangeiros são tratados de forma hostilizada, como resquício da colonialidade ainda existente em muitas organizações. Isso pode ser observado nas narrativas de Osmar e Adriano, em que tanto na construtora quanto no lava-jato, apenas estrangeiros foram contratados, exatamente por sua vulnerabilidade e desconhecimento de seus direitos enquanto trabalhadores. A eles foi concedido tratamento desumano e perverso, enquanto são percebidos como raça dominada/inferior por aqueles que se entendem como raça dominante e detentores de poder, ou seja, os empregadores (Limki, 2017; Quijano, 2005).

A relação de poder entre estabelecidos e *outsiders* também se dá por meio de salários ínfimos, como foi o caso de alguns entrevistados quando chegaram em Boa Vista. Os entrevistados disseram que, além do preconceito contra os Venezuelanos nessa cidade, também há exploração por aqueles que conseguem algum tipo de trabalho. O trabalho é informal e o salário denota preconceito e discriminação, o que é também uma forma de demonstrar poder. A narrativa de Elen e Georgina são exemplos de exploração salarial enquanto estavam em Boa Vista. Por serem *outsiders*, as entrevistadas foram contratadas de maneira informal e para receber menos da metade de um estabelecido que possui carteira e recebe um salário mínimo:

E trabalhei um mês aí com elas de costura, em Boa Vista. Não tinha carteira assinada não, ela pagava para mim só 20 reais por dia, eu trabalhava de 8 horas da manhã, até 7 horas da noite. (Elen, venezuelana, em entrevista)

Eu trabalhei com a mulher cuidando dos meninos, eu levava minha filha e cuidava dos filhos dela e ela pagou R\$40 reais pela semana. Trabalhei desde a manhã até as 17h da tarde. foram tempos muito difíceis, eu tive que trabalhar com um pagamento muito pequeno, eu tive que deixar de comer pra dar pra minha filha. (Georgina, venezuelana, em entrevista).

Houve narrativas de imigrantes que também reclamaram de baixos salários em Uberlândia, como foi o caso de Raul, que era proprietário de uma oficina mecânica em seu país, com 30 anos de profissão e não teve sua experiência valorizada em seu salário:

Quando cheguei me ofereceram só 1000 reais e eu acreditava que como mecânico de muita experiência, porque eu cheguei com 49, quase 50 anos, e já era mecânico já faziam 30 anos, me ofereceram somente 1000 reais, enquanto os demais mecânicos brasileiros ganhavam muito mais. Eu aceitei pela necessidade e porque já havia acabado o dinheiro que havia trazido de Republica Dominicana e aí me senti explorado. Mas também eu entendi que não posso reclamar onde não sei as leis e nem os costumes, nem nada e isso me levou a sofrer um pouquinho, mas já, graças a Deus, todos era bons serviços. (Raul, dominicano, em entrevista).

Por fim, houve relatos de trabalhadores que foram explorados por outros estrangeiros da mesma nacionalidade, ampliando, portanto, a noção de estabelecidos fornecida por Elias e Scotson (2000) que utilizam o termo *establishment* ou *established* para designar aqueles pertencentes a uma sociedade, grupo de indivíduos pertencentes à determinado local e que ocupam posições de notoriedade e poder, e se reconhecem como um modelo a ser seguido pelos outros. Assim, os estabelecidos não necessariamente são os nativos de determinado local, mas podem ser outros estrangeiros que ocupam posição de notoriedade e, por isso, pensam ser superiores a outros *outsiders*, a ponto de trata-los como pessoas de menor valor humano (Bauman, 2017; Elias & Scotson, 2000).

Os dois relatos abaixo são de Wander, palestino que viveu na Síria por muitos anos. Ele foi empregado por outro Sírio que possui um restaurante árabe em Uberlândia e, em seus relatos, ele deixa clara a exploração financeira advinda do empregador:

Eu trabalhei com ele 8 meses, briguei com ele, porque ele falou pra mim que ia assinar carteira, prometeu salário bom... fiquei aqui 8 meses e ele não fez isso. Ele não assinou minha carteira, não deu salário bom, só da R\$60 por dia, pela noite, eu trabalho das 18h às 2h da manhã. Eu vou de ônibus, mas 2h da manhã não tem ônibus, tenho que pegar Uber, então R\$4,00 pra ir e R\$10,00 a volta, são R\$14,00, tira de R\$60,00 fica quanto? Uns R\$40,00? Pra ficar a noite toda? Ai fiquei 8 meses nesse trabalho, 8 meses desse jeito. Aí saí. (Wander, palestino, em entrevista)

E Eu não recebi o dobro do salário que os brasileiros receberam no natal e eu fiquei calado, e os brasileiros perguntaram do meu salário pra ele e um entregador me deu R\$20,00 eu falei “porque?” ele disse “feliz natal”, na frente do chefe. Voltei pra casa, no ano novo o mesmo problema, ele dá pra brasileiros e não dá pra mim, falando que nós mulçumanos não têm. Falei pra ele “pelo amor de Deus, nós não tem ano novo na Síria? Você ta mentiroso? Você fala coisas pra brasileiros pra...? Você não quer me dar tudo bem, mas não fala assim”. E aí eu trabalhei até de manhã e falei “eu não gosto desse trabalho. Tchau”. e ele falou “ah, porque?”, respondi “cansei de trabalhar a

noite!”, “ah, você não quer trabalhar?”, “sim, eu não quero trabalhar! Quero ficar em casa!”. (Wander, palestino, em entrevista)

Nos dois relatos de Wander, é possível perceber que seu chefe Sírio exerce sobre ele uma relação de estabelecido e *outsider*, concedendo a Wander o mesmo tratamento desigual que, possivelmente, aconteceria entre um nativo e um estrangeiro. Assim como descrito por Bhabha (1994), binarismos representam opostos existentes, gerando uma relação de poder. Segundo Elias e Scotson (2000), os estabelecidos, então, conseguem impedir que os *outsiders* os alcancem, pois generalizam características negativas do grupo minoritário, representado pelos *outsiders*, a fim de garantir e dar continuidade à posição de notoriedade que possuem, enquanto estabelecidos. É essa relação que acontece entre Wander e seu empregador, ambos da mesma nacionalidade, se for considerado que, apesar de palestino, Wander viveu na Síria a vida toda.

Todas as narrativas reiteram a relação de poder existente entre estabelecidos e *outsiders*, e na colonialidade existente proveniente dessa relação de dominação, humilhação e exploração do primeiro grupo perante o segundo. Relação essa que ocasiona em práticas de acumulação de capital por meio de relações de poder e má conduta organizacional, independentemente se refugiado ou imigrante econômico, pois ambos os grupos se manifestaram com problemas similares (Banerjee, 2008; Gaulejac, 2007; Limki, 2017; Quijano, 2005; Vaughan, 1999).

4.3.2 Exploração de mão de obra por meio de horas extras não pagas

Além da exploração que acontece por meio de baixos salários ou da falta de salário, conforme mencionado pelos entrevistados, no tópico anterior, há também exploração da mão de obra desses trabalhadores, que, geralmente, trabalham além do horário previsto, algumas vezes com acúmulo de funções, sem que recebam por isso. Algumas narrativas confirmam essa situação:

Eu gostei desse trabalho, mas eu penso em deixar porque as vezes, eu faz muitas coisas aí em essa loja, eu faço muito e mesmo as brasileiras falam “nossa você cobra muy poco para o que você faz”. elas falam “busca outro trabalho” e me ponho a pensar que não posso pensar assim porque pra entrar em outro lugar não vai dar certo. tenho que ficar ai porque depois para conseguir outro emprego vai costar. Aqui as vezes a pessoa fala “ a coisa em Uberlândia está difícil” então a gente fica com medo. Estou em duas funções, do meio dia até oito. Sábado e domingo também. (Vera, venezuelana, em entrevista)

Então eu trabalho em uma semana 52 horas, no contrato está 44 horas. E não me pagam a mais e ainda chega sábado eu tenho que trabalhar sem receber hora extra? Eles me mandaram embora. Mas eu falei pra eles o que é certo e o que é errado. Ninguém aceita isso lá, mas tudo obrigado a ficar porque tem família, precisa de dinheiro. Eu pelo menos não tenho família, eu posso sair pra procurar emprego, mas eles não, eles não aceitam, eles ficam porque precisam. (Wander, palestino, em entrevista)

Pagava direitinho só que lá, as vezes a gente trabalha até 19h, mas ele não paga hora extra, ele colocava no papel que a gente faz hora extra, mas ele não paga. Mas eu trabalhava com brasileiros, só eu que era estranho lá, tudo é brasileiro. Mas a hora extra não recebia e não tirava folga. (Murilo, gambiano, em entrevista)

As três narrativas revelam a quantidade de horas e dias excedentes trabalhados, sem que recebam ou folguem pelas horas extras, além do acúmulo de funções, como é o caso de Vera. Essa situação deixa evidente que a mão de obra remanescente trata-se de meio para acumulação de capital das organizações, uso de poder e abuso do elo mais fraco da cadeia (Mascarenhas, Dias & Baptista, 2015).

Além disso, a situação é ainda mais crítica como o caso de Vera, que possui uma família, e prefere não reclamar pelo medo de perder o emprego e não encontrar outro. Já Wander, que reclamou na empresa em que trabalhava com abate de carnes, foi demitido no outro dia. As duas situações demonstram situação de opressão advinda das organizações e de calamidade e sofrimento por aqueles que estão em posição de fragilidade, sofrendo as consequências da má conduta organizacional (Quijano, 2005; Vaughan, 1999).

4.3.3 Condição de trabalho análoga à escravidão

Por fim, um dos entrevistados, o refugiado Wander, que veio da Síria, viveu em condição de trabalho análoga à escravidão e contou a situação vivenciada em suas narrativas:

Aí eu fui pra Campinas, eu trabalhei em um restaurante pra sobreviver, sem ganhar dinheiro, pra sobreviver. Eu morava junto com eles e comia. Por isso minha esposa se separou de mim. Porque não mandava dinheiro pra eles. Por isso ela pediu pra Juiz pra divorciar. Viu? Muito feliz! Eu estou muito feliz no Brasil. (Wander, palestino, em entrevista)

O entrevistado conta que não recebia nada para trabalhar nesse lugar, a não ser casa e comida. O local era um restaurante árabe, gerido por árabes, portanto, novamente a noção de estabelecidos é ampliada para pessoas da mesma nacionalidade. Wander veio para o Brasil na esperança de conseguir dinheiro e enviar para que sua família, que ainda está na Síria, pudesse vir para o Brasil. No entanto, por ter trabalhado um ano em um local que não lhe pagavam, ele não pode enviar dinheiro à sua família e, por isso, sua esposa preferiu se divorciar. Wander, de forma irônica, diz não estar feliz no Brasil.

Ao fim desse primeiro ano trabalhando em condições análogas à escravidão, Wander encontrou um anúncio sobre um trabalho em Angra dos Reis, não contou aos empregadores sobre o trabalho, mas precisou inventar uma desculpa e lhes pedir dinheiro para viajar até lá:

Eu pedi pra eles. “Dá pra mim, só pra ônibus”, eu já havia achado trabalho em um grupo de *facebook*, achei trabalho em uma lanchonete, eu fui e ele dava R\$1.200,00 em Angra dos Reis, imagina... Angra dos Reis é mais caro que aqui, aqui um cigarro é R\$3,00 lá é R\$7,00, o dobro, o dobro de tudo, também lá é lugar turístico. E ele falou lá “Salário do Brasil é assim”, perguntei R\$1.200? e ele falou que não, que era 900 e pouco. (Wander, palestino, em entrevista)

Quando questionado se conseguia viver com o salário recebido em Angra dos Reis, o refugiado respondeu “Nem pra viver, R\$1.200,00 não dá nem pra viver. Aí saí de Angra dos Reis e voltei pra Campinas de novo” (Wander, palestino, em entrevista). Wander demonstrou seu desespero em não conseguir pagar as contas para sobreviver ao ter que voltar novamente para Campinas, em uma condição desfavorável, na urgência de conseguir sobreviver.

Mascarenhas, Dias e Baptista (2015) afirmam que não é difícil encontrar notícias de organizações que utilizam da vulnerabilidade e sofrimento de estrangeiros como mão de obra escrava, revelando, assim, uma face nefasta e sombria das organizações (Linstead, Maréchal & Griffin, 2014; Mascarenhas, Dias & Baptista, 2015).

Por fim, Wander demonstra completa falta de esperança na vida, se vê de pé e mãos atados por não poder voltar para seu país e não conseguir trazer sua família para o Brasil:

Eu não consigo voltar, eu volto e vou morrer, não tem dinheiro ou o Governo vai e me mata ou outros me matam, não consigo trazer meus filhos, não consigo voltar, nem se eu ficar 10 anos nesse país não vou conseguir trazer eles, com um salário de R\$1.500,00, com um custo de vida alto, não consigo.. (Wander, palestino, em entrevista).

Os relatos de Wander deixam claro as situações extremas de exploração que vivenciou no âmbito do trabalho. O entrevistado passou por todas as situações precárias enfrentadas por imigrantes e refugiados, no âmbito do trabalho, aqui descritas e encontradas por mim nas narrativas. Em seu último relato, sobre não poder voltar e sobre ficar no Brasil, ser explorado e não poder ter sua família por perto, há completa falta de esperança em suas palavras. Wander, por ter passado por tantas situações desfavoráveis, é a representação de todas as pessoas que entrevistei e que passaram por situação de violência contra seus direitos, de exploração, de dificuldades e que, muitas vezes, não veem saída para seus problemas, revelando o lado mais sombrio das organizações e da sociedade.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Diante o exposto em tópico anterior, me proponho a discutir os resultados apresentados e interpretá-los tendo como base o referencial teórico, que fornece sustentação a essa dissertação, a coleta de dados por meio de entrevistas e observação participante, além da utilização da indagação inicial: **De que modo as experiências construídas por imigrantes econômicos e refugiados da violência, no âmbito do trabalho, podem ser compreendidas enquanto fenômeno da diáspora?**, juntamente com os objetivos gerais e específicos, a afim de orientar as discussões que aqui farei.

Os resultados apresentados no tópico anterior foram dispostos de maneira a responder cada um dos objetivos específicos: **(a) Conhecer as trajetórias pessoais e laborais de imigrantes e refugiados. (b) Analisar, comparativamente, padrões que emergem dessas trajetórias, de modo a reconhecer relações de poder no âmbito do trabalho. (c) Compreender o lado sombrio (*Dark Side*) das organizações**, no que tange ao trabalho de imigrantes e refugiados, com base nas suas narrativas.

Concentrei os esforços dessa pesquisa, portanto, em conhecer as experiências vivenciadas por refugiados e imigrantes econômicos, residentes na cidade de Uberlândia, a partir de suas narrativas, e, teço aqui considerações advindas das interpretações dos resultados apresentados.

As motivações as quais foram mencionadas por refugiados e imigrantes econômicos para saída de seus países, corroborou a definição dos termos, dada por Freitas e Dantas (2011). Comparativamente, foi evidenciado que ambos buscam por melhorias sociais e econômicas em outro país, no entanto, os refugiados, além disso, clamam pela oportunidade de salvarem suas vidas, ao fugirem de seus países e buscar refúgio em outro. Tais motivações remetem ao conceito da diáspora contemporânea, em que povos são dispersados de maneira forçada (Hall, 2003; Pereira, 2016), como é o caso de ambos os grupos apresentados, refugiados e imigrantes econômicos, que possuem questões mais relevantes, relacionadas à própria sobrevivência, seja financeira ou relacionadas à própria vida, que independe de suas vontades e os forçaram a migrar.

As dificuldades das trajetórias percorridas para chegar no Brasil e os desafios enfrentados devido do ajustamento doloroso proveniente da chegada em outro território, foram mencionados enquanto questões relacionadas às diásporas contemporâneas, já que elementos foram encontrados nas narrativas relacionados à fronteira de exclusão existente entre pessoas estabelecidas naquele país e *outsiders*, evidenciando dificuldades em se adaptar em uma

sociedade a qual o tratamento recebido é hostil e excludente (Bauman, 2017; Ben-Rafael, 2013; Elias & Scotson, 2000; Volkan, 2017).

A rejeição e exclusão aos *outsiders* pôde ser percebida em várias situações narradas pelos entrevistados, fosse na dificuldade em transpor fronteiras, na maneira como os venezuelanos foram recebidos em Boa Vista, nas dificuldades apontadas pelo sírio em vir para o Brasil devido a alta quantia de dinheiro necessária para adentrar o país ou, até mesmo, nas dificuldades encontradas por imigrantes e refugiados para obter a documentação de permanência no país. É possível concluir que, muitas vezes, não há um preconceito explícito, a hostilidade se traduz de formas distintas, o *outsider* se torna objeto de curiosidade dos estabelecidos, ao mesmo tempo que representa motivo de preocupação, desprezo e rejeição por se tratar de um “outro”. Todas essas situações mencionadas evidenciam, em maior ou menor grau, exclusão dessas pessoas em uma sociedade já estabelecida (Elias & Scotson, 1964)

Segundo as narrativas dos entrevistados, especialmente em Uberlândia, eles se sentiram bem acolhidos e relataram não haver sofrido preconceitos, no entanto, a exploração e humilhação dessas pessoas se traduziu de outra forma em suas narrativas: no âmbito profissional. Dentre os vários desafios decorrentes da diáspora, apontados pelos entrevistados, o mais mencionado esteve relacionado ao âmbito do trabalho.

Os refugiados e imigrantes econômicos que aqui estão e que foram entrevistados, são provenientes de países, assim como o Brasil, pertencentes ao Sul Global, no entanto, países ainda inferiores economicamente ao Brasil. O que ocorre, então, é que a mesma relação de poder existente entre um país do Norte Global e Sul Global, se articula também em uma relação Sul-Sul, ou seja, entre dois países do Sul Global, de tal modo que um deles se sinta superior e exerça formas de dominação e exploração em relação ao outro que, normalmente, é menos desenvolvimento social ou economicamente.

As pessoas advindas de países do Sul para o Brasil, na esperança de obter melhores condições de vida, não necessariamente encontram o que buscam, pois se tornam vítimas das relações de colonialidade ainda existentes dentro das organizações. Colonialidade essa que se traduz na ideia de que uma raça dominante, no caso dessa dissertação, aqueles tidos como estabelecidos, exerce poder e autoridade sobre aqueles tidos como raça dominada/inferior, ou seja, aqueles entendidos como *outsiders* (Elias & Scotson, 1964; Quijano, 2005).

As narrativas exemplificaram diferentes formas de exploração sofridas por essas pessoas no âmbito organizacional e, evidenciaram em suas falas, corroborando o exposto por Limki (2017), que são colocadas em posições de inferiorização, sendo exploradas por suas

vulnerabilidades e expostas a situações absurdas e desumanas por seus superiores no contexto do trabalho.

Comparativamente, tanto refugiados quanto imigrantes reportaram situações de exploração, evidenciando que enfrentam dificuldades similares no contexto do trabalho, ambos possuem vulnerabilidades que são exploradas pelas organizações. O fato dessas pessoas estarem em país diferente, em posição de fragilidade por possuírem profundo desconhecimento das leis e cultura daquele local, facilita que as organizações as utilizem de forma maliciosa, perpetuando o ciclo de exclusão e hostilidade a que foram submetidos por sua condição enquanto *outsiders*.

A relação de poder e colonialidade existente entre estabelecidos e *outsiders* no âmbito do trabalho, revela o lado sombrio das organizações, em outras palavras, o *dark side* organizacional. Trata-se de mão de obra invisível, pessoas sujeitadas a jornadas extensas de trabalho, com acúmulo de funções, em posições que exigem baixa qualificação, sem o pagamento do salário devido ao final do mês e, em casos extremos, trabalham em condições análogas à escravidão. Situações que os deixam ainda mais fragilizados, já que desconhecem seus direitos, não sabem a quem recorrer e possuem medo de perder o emprego e não encontrar outro (Bhabha, 1994; Linstead, Maréchal & Griffin, 2014; Mascarenhas, Dias & Baptista, 2015; Quijano, 2005; Said, 1978).

A vulnerabilidade de refugiados e imigrantes econômicos é o mecanismo que possibilita a má conduta organizacional e exploração de estrangeiros que não possuem, para seu sustento, nada além de sua capacidade de trabalho. Condutas desumanas e nocivas advindas das organizações, decorrentes de seu lado sombrio, favorece que a hostilidade e rejeição à *outsiders* extravase o ambiente organizacional e se reflita na sociedade a qual essas pessoas se inserem.

Mesmo com o acolhimento dessas pessoas por parte de ONGs ou grupos de igreja, isso não evita que sejam exploradas na cidade de Uberlândia, e, além disso, em se tratando do âmbito da regionalidade, vários foram os relatos de exploração no contexto do trabalho, não apenas em Uberlândia, mas em outras cidades também, como Campinas ou Boa Vista. Isso me permite inferir que a má conduta organizacional e a hostilidade enfrentada por essas pessoas não acontecem apenas em Uberlândia, mas sim, está presente no contexto brasileiro como um todo.

A partir da discussão dos resultados aqui apresentada, volto à indagação inicial desta dissertação, para fornecer a ela uma resposta: Sim, as experiências de imigrantes econômicos e refugiados da violência, em Uberlândia, podem ser compreendidas como fenômeno da diáspora; uma vez que enfrentam situações de exclusão e colonização, inerentes à diáspora e advindas da migração forçada a qual foram submetidos, independente se para salvar suas vidas

ou para buscar por sobrevivência em termos financeiros. Dessa forma, tanto refugiados quanto imigrantes econômicos, ainda que os termos sejam distintos, possuem situações semelhantes quando em outro país, no sentido que ambos vieram em busca de melhores condições de vida, possuem vulnerabilidades semelhantes e, portanto, são explorados pelas mesmas debilidades.

Os conceitos clássico e contemporâneo de diásporas não incluem refugiados e imigrantes econômicos como grupos inseridos no fenômeno da diáspora. Os conceitos são utilizados de forma abrangente, focalizando em grupos antigos que foram dispersados, como o caso mencionado dos judeus e dos negros escravos ou o termo é utilizado de maneira ampla, como é o caso da diáspora contemporânea. Assim, a fim de fornecer um novo contorno conceitual, nesta dissertação insiro tais grupos, refugiados e imigrantes econômicos, na compreensão das diásporas contemporâneas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: RELAÇÕES DE COLONIALIDADE ENTRE ESTABELECIDOS E OUTSIDERS

Primordial ao desenvolvimento desta pesquisa, era reconhecer as principais experiências relacionadas ao âmbito do trabalho de refugiados e imigrantes econômicos, de modo a perceber possíveis narrativas que estivessem relacionadas à exploração, dificuldades e perversidade vinculadas a experiência da diáspora, como forma de encontrar possíveis relações de poder entre estabelecidos e *outsiders*. Para tanto, defini como problema de pesquisa e questão orientadora, o seguinte questionamento: **De que modo as experiências construídas por imigrantes econômicos e refugiados da violência, no âmbito do trabalho, podem ser compreendidas enquanto fenômeno da diáspora?**

Questão que levou a estabelecer o objetivo geral de **compreender, comparativamente, como são construídas as experiências sociais e culturais no âmbito do trabalho, por refugiados e imigrantes econômicos que optaram por viver em Uberlândia**. Para que o problema de pesquisa e objetivo geral fossem respondidos, defini então os seguintes objetivos específicos: (a) Conhecer as trajetórias pessoais e laborais de imigrantes e refugiados; (b) Analisar, comparativamente, padrões que emergem dessas trajetórias, de modo a reconhecer relações de poder no âmbito do trabalho; (c) Compreender o lado sombrio (*Dark Side*) das organizações, no que tange ao trabalho de imigrantes e refugiados, com base nas suas narrativas.

Com a finalidade de analisar, de forma crítica, as vivências de refugiados e imigrantes econômicos, que se encontram na cidade de Uberlândia, participei da ONG TAARE por oito meses e fiz pesquisa de natureza etnográfica por seis meses, a fim de estar próxima dessas pessoas semanalmente, trabalhando como voluntária, além de reunir narrativas de 16 entrevistados, para que pudesse melhor compreender e analisar suas experiências.

Foi possível então adentrar, não apenas nas vivências profissionais, mas também pessoais e sociais de cada um dos entrevistados. Por esse motivo, além da análise feita a respeito da exploração no âmbito do trabalho, também foram destacados suas trajetórias pessoais, motivações para sair do país e a trajetória percorrida até chegar no Brasil, além dos primeiros desafios enfrentados ao chegar em terra desconhecida, inclusive desafios e trajetórias laborais, respondendo, portanto, o objetivo específico relacionado a conhecer as trajetórias pessoais e laborais de imigrantes e refugiados.

Ao analisar relações de poder no âmbito laboral, várias situações de exploração foram mencionadas pelos entrevistados, entre elas, o fato principal de serem utilizados como fator de acumulação de capital ao serem empregados em posições precárias, serem utilizados como mão

de obra barata, não receberem seus salários, trabalharem com acúmulo de funções sem receberem a mais por isso, fazerem horas extras que não são pagas, e, até mesmo, trabalharem em condições análogas à escravidão.

As situações de exploração não ficaram limitadas apenas aos refugiados ou aos imigrantes econômicos, **ambos os grupos sofreram ao serem colocados em posições de raça inferior no âmbito do trabalho**, revelando uma colonialidade ainda presente nas organizações e consequentemente na sociedade, de tal modo que **o Brasil, enquanto país subdesenvolvido, colonizado e oprimido se coloca em posição de opressor ao receber *outsiders* em posição de fragilidade**, que veem no país possibilidades para uma vida melhor.

A relação de poder e hostilidade entre estabelecidos e *outsiders* não está relacionada apenas a nativos e estrangeiros, mas a uma ideia mais ampla, de tal forma que pessoas da mesma nacionalidade possam estabelecer a mesma relação hostil, partindo daquela que se sinta como estabelecida em determinado local e consequentemente se sinta em posição superior à outra.

O lado sombrio ou *dark side* organizacional esteve presente em diversos relatos, confirmando a má conduta organizacional existente com fins de acumulação de capital e exploração de trabalhadores em situação de vulnerabilidade proveniente do processo da diáspora, ampliando a desigualdade social e um maior silenciamento das vozes de pessoas que, por vezes, possuem seus sofrimentos totalmente desconsiderados e ignorados em uma sociedade de estabelecidos.

Por todas as análises realizadas, comparativamente, entre as narrativas de imigrantes econômicos e refugiados, estabeleço que, ainda que refugiados estejam numa condição de maior vulnerabilidade por terem fugido de situações de calamidade de seus países, a exploração no âmbito do trabalho encontra tanto imigrantes quanto refugiados.

Ao compreender como as experiências construídas por refugiados e imigrantes, no âmbito do trabalho em Uberlândia, se configuram como um fenômeno da diáspora, os resultados encontrados trazem implicações práticas e teóricas. Quanto às primeiras, os resultados contribuem para o conhecimento de elementos de regionalidade, pois caracteriza o contexto vivido por imigrantes e refugiados em Uberlândia como um fenômeno de exclusão e rejeição, estimulando os responsáveis por políticas públicas e organizacionais a implementarem maneiras que quebrem as fronteiras invisíveis e “construam pontes”, além de conter denúncia social em relação à exploração e má conduta organizacional enfrentada por eles. As contribuições teóricas se assentam no preenchimento de lacunas nos estudos organizacionais, por ampliar a compreensão de um fenômeno contemporâneo, incluindo dois tipos de narrativas

que são, de certa maneira, originadas de grupos com nomes diferentes, mas com experiências similares enquanto grupos diaspóricos.

As limitações encontradas nessa pesquisa foram principalmente os desafios encontrados durante o período de coleta de dados, conforme já mencionado no capítulo da metodologia, além do fato de que foi produzido mais conteúdo, durante as entrevistas, em relação aos refugiados que imigrantes, o que dificultou a análise no momento de comparação.

Como pesquisas futuras, proponho: (1) Analisar o conceito relacionado à diáspora de modo a preencher lacunas teóricas e propor a compreensão dos contextos sociais de refugiados e imigrantes enquanto grupos diaspóricos (2) Pesquisar sobre políticas que beneficiam ou dificultam a vivência de refugiados e imigrantes nas organizações, no território brasileiro e na cidade de Uberlândia; (3) Pesquisar principais formas de acolhimento de refugiados em Uberlândia, o que poderia revelar elementos de regionalidade; (4) pesquisar o contexto das relações de trabalho de imigrantes e refugiados, com foco nos seus direitos .

REFERÊNCIAS

- Arendt, H. (2013). *Nós, os refugiados*. Covilhã: LusoSofia:press.
- Armbruster, H. (2008). 'With Hard Work and Determination You Can Make it Here': Narratives of Identity among German Immigrants in Post-Colonial Namibia. *Journal of Southern African Studies*, 34(3), 611-628. <https://doi.org/10.1080/03057070802259852>
- Banerjee, S. B. (2008). Necrocapitalism. *Organization Studies*, 29(12), 1541-1563. <https://doi.org/10.1177/0170840607096386>
- Banerjee, S. & Prasad, A. (2008). Introduction to the special issue on "Critical reflections on management and organizations: a postcolonial perspective". *Critical perspectives on international business*, 4, 90-98. <https://doi.org/10.1108/17422040810869963>
- Banerjee, S. B. & Linstead, S. (2001). Globalization, Multiculturalism and Other Fictions: colonialism for the new millennium?. *Organization*, 8(4), pp. 683-722. <https://doi.org/10.1177/135050840184006>
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70 Ltda.
- Bastos, L. C. & Biar, L. A. (2015). *Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social*. D.E.L.T.A., 31-especial, 97-126. <https://doi.org/10.1590/0102-445083363903760077>
- Bauman, Z. (1999). *Globalização: As Consequências Humanas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2005a) *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2005b). *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2017). *Estranhos à Nossa Porta*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Ben-Rafael. (2013) Diaspora. *Current Sociology Review*, 61, 842-861. <https://doi.org/10.1177/0011392113480371>
- Brah, A. (1996) *Cartographies of diaspora: contesting identities*. London; New York: Routledge.
- BBC. (2015). Como a Europa enfrenta o desafio da imigração? . Recuperado de: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150103_qa_imigracao_lab>.
- BBC-NEWS (2015). A História por trás da foto do menino sírio que chocou o mundo. Recuperado de: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150903_aylan_historia_canada_fd>.
- Boje, D. M. (2001). *Narrative methods for organizational and communication research*. London: Sage. <https://doi.org/10.4135/9781849209496>
- Boyce, M. E. (1996). "Organizational story and storytelling: a critical review", *Journal of Organizational Change Management*, 9, 5 – 26. <https://doi.org/10.1108/09534819610128760>
- Bhabha, H. K. (1994). *The Location of Culture*. Routledge: London.
- Campbell, S. (2018). National identity among economic and non-economic immigrants. *Rev. Econ. Household*. <https://doi.org/10.1007/s11150-018-9439-8>

Cláudio, A. L. A. (2009). *Diásporas, transculturação e migrações contemporâneas: um foco nas fotografias de Sebastião Salgado*. XIV Congresso Brasileiro de Sociologia. Rio de Janeiro.

Creswell, J. W. (2014). *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa. Escolhendo entre cinco abordagens*. São Paulo, Penso Editora LTDA.

Dalmônica, M. (2018). Uberlândia é a 3ª cidade com maior número de imigrantes de Minas. Diário de Uberlândia. Recuperado de: <<https://diariodeuberlandia.com.br/noticia/16902/uberlandia-e-a-3--cidade-com-maior-numero-de-imigrantes-em-minas>>

Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. (2005). *Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks: Sage.

Elias, N. & Scotson, J. L. (2000). *Os Estabelecidos e os Outsiders*. (Trad: Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Fernandes, D. A. de. (2013). Representações da diferença: a mulher brasileira migrante na mídia impressa da Europa. *Anuario Americanista Europeo.*, 11, 217- 237.

Fleming, D. (2001). Narrative leadership: Using the power of stories. *Strategy & Leadership*, 29. <https://doi.org/10.1108/sl.2001.26129dab.002>

Flick, U. (2009). *Introdução à Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.

Franco, M. (2018). Brasil tem 86 mil estrangeiros aguardando resposta sobre refúgio e 14 funcionários para avaliar pedidos. G1. Recuperado de: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/brasil-tem-86-mil-estrangeiros-aguardando-resposta-sobre-refugio-e-14-funcionarios-para-avaliar-pedidos.ghtml>>

Freitas, M. E. & Dantas, M. (2011). O Estrangeiro e o Novo Grupo. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, 51(6), 601-608. <https://doi.org/10.1590/S0034-75902011000600008>

Gaskell, G. (2003). Entrevistas individuais e grupais. In: Bauer, W. & Gaskell, G. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*. (pp. 64-89). São Paulo: Vozes.

Gaulejac, V. (2007) *Gestão como doença social*. São Paulo: Ideias e Letras.

Godoy, A. (1995). Pesquisa qualitativa – tipos fundamentais. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, 35(3), 20-29. <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000300004>

G1. (2015). Foto chocante de menino morto revela crueldade de crise migratória. Recuperado de: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/foto-chocante-de-menino-morto-vira-simbolo-da-crise-migratoria-europeia.html>>

G1. (2019). A trágica história por trás da foto de pai e filha afogados ao tentar cruzar fronteira dos EUA. Recuperado de: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/06/26/a-tragica-historia-por-tras-da-foto-de-pai-e-filha-afogados-ao-tentar-cruzar-fronteira-dos-eua.ghtml>>

Hall, S. (2003). *Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

- Hermann, N. (2016). É possível o acesso ao outro? In: Carvalho, A. D. & Escola, J. Atas do V Colóquio Internacional SOFELP- Migrações, cidadania e direitos humanos: Um puzzle para a educação? Revista Itinerários de Filosofia da Educação.
- Juss, S. S. (2013). The Post-Colonial Refugee, Dublin II, and the End of Non-Refoulement. *International journal on Minority and Group Rights*. <https://doi.org/10.1163/15718115-02002010>
- Juss, S. S. (2015). Recognizing Refugee Status for Victims of Trafficking and the Myth of Progress. *Refugee Survey Quarterly*, 107-123. <https://doi.org/10.1093/rsq/hdv003>
- Kaya, A. (2002) Aesthetics of diaspora: Contemporary minstrels in Turkish Berlin, *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 28:1, 43-62. <https://doi.org/10.1080/13691830120103921>
- Kristeva, J. (1994). *Estrangeiros Para Nós Mesmos*. Tradução: Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lakatos, E. M. & Marconi, M. A. *Fundamentos de pesquisa metodológica científica*. São Paulo: Atlas.
- Limki, R. (2018). *On the coloniality of work: Commercial surrogacy in India*. Gender Work Organ. <https://doi.org/10.1111/gwao.12220>
- Linstead, S., Maréchal, G. & Griffin, R. W. Theorizing and researching the dark side of organization, *Organization Studies*, 35 (2).
- Loftsdóttir, K. (2017). ‘Europe is finished’: migrants lives in Europe’s capital at times of crisis. *Journal for the study of Race, Nation and Culture*. <https://doi.org/10.1080/13504630.2017.1414594>
- Magalhães, C. M. (2001). *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras-UFGM.
- Manzini, E. J. (2003). Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. *Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos*, 2, 58-59.
- Mascarenhas, A. O. (2002). Etnografia e Cultura Organizacional: Uma Contribuição da Antropologia à Administração de Empresas. *RAE – Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, 42 (2), 88-89. <https://doi.org/10.1590/S0034-75902002000200008>
- Mascarenhas, A. O., Dias, S. L. G. & Baptista, R. M. (2015). Elementos para Discussão da Escravidão Contemporânea como Prática de Gestão. *RAE – Revista de Administração de Empresas*, 55 (2). <https://doi.org/10.1590/S0034-759020150207>
- Medeiros, C. R. O. (2013). *Inimigos Públicos: crimes corporativos e necrocorporações*. Tese (Doutorado) – EAESP, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 1-314.
- Mello, J. (2015). Refugiados enfrentam barreiras para viver e trabalhar no Brasil. GGN. Recuperado de: <<https://jornalggm.com.br/direitos-humanos/refugiados-enfrentam-barreiras-para-viver-e-trabalhar-no-brasil/>>
- Mendes, J. (2018). Brasil se especializa no halal, uma técnica mulçumana sagrada de abate. Correio Braziliense. Recuperado de:

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2018/04/24/internas_economia,675731/brasil-se-especializa-no-halal-uma-tecnica-muculmana-sagrada-de-abate.shtml>

Nardelli, A. (2015). The media needs to tell the truth on migration, not peddle myths. The Guardian. Recuperado de: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/dec/11/the-media-needs-to-tell-the-truth-on-migration-not-peddle-myths>>

OECD/ILO (2018). *How Immigrants Contribute to Developing Countries' Economies*, OECD Publishing, Paris.

ONU BRASIL. (2019) Notícias sobre Refugiados e Migrantes. Recuperado de: <<https://nacoesunidas.org/tema/refugiados-migrantes/>>

Packer, A. L. (2011). Os periódicos brasileiros e a comunicação da pesquisa nacional. *Revista USP*, São Paulo, 89, 26-61. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i89p26-61>

Parker, M. (2004). *Against Management: Organization in the age of managerialism*. Polity Press.

Pereira, M. G & Galvão, T. F. (2014). Etapas de busca e seleção de artigos em revisões sistemáticas da literatura. *Epidemiol. Serv. Saúde*. Brasília. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742014000200019>

Pereira, R. R. (2016) Diáspora Contemporânea: Um convite à reflexão numa perspectiva histórico-literária. *GrauZero – Revista de Critica Cultural*, v.4, n.1, 71-89.

Polkinghorne, D. E. (1995). Narrative Configuration in Qualitative Analysis. *International Journal of Qualitative Studies in Education*. <https://doi.org/10.1080/0951839950080103>

Phillips, N. W. (1997). Managing Multiple Identities: Discourse, Legitimacy and Resources in the UK Refugee System. *Discourse and Organization*, 4, 159-185. <https://doi.org/10.1177/135050849742002>

Prasad, A. (1997). The colonising consciousness and representations of the Other: a postcolonial critique of the discourse of oil”, in Prasad, P., Mills, A.J., Elmes, M. & Prasad, A. *Managing the Organisational Melting Pot: Dilemmas of Workplace Diversity*. London: Sage, 285-311. <https://doi.org/10.4135/9781452225807.n12>

Quijano, A. (2005). *Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina*. CLASCO – Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales.

Reis, M. (2004) Theorizing Diaspora: Perspectives on “Classical” and “Contemporary” Diaspora. *International Migration*, v. 42 <https://doi.org/10.1111/j.0020-7985.2004.00280.x>

Rogaly, B. & Taylor, B. (2010). ‘They Called Them Communists Then... What D’You Call ‘Em Now? Insurgents?’. Narratives of British Military Expatriates in the Context of the New Imperialism. *Journal of Ethic and Migration Studies*, 36 (8), 1335-1351. <https://doi.org/10.1080/13691831003687741>

Rosa, A. R. & Alcadipani, R. (2013). A Terceira Margem do Rio dos Estudos Críticos Sobre Administração e Organizações no Brasil: (Re)pensando a Crítica a Partir do Pós-Colonialismo. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 14 (6), 185-215. <https://doi.org/10.1590/S1678-69712013000600009>

- Said, E. (1978). *Orientalism*. Nova York: Viking.
- Santos, M. (2001). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record.
- Silva, L. N. (2015). A Produção Do Conhecimento E Seus Lugares de Enunciação: Considerações Em Torno Do Pós-Colonialismo, Decolonialismo E Epistemologias Do Sul. *Enfoques*, 1 (14), 49-64.
- Silva, L. H. O. & Xavier, R. C. L. (2018). Pensando a Diáspora Atlântica. *História (São Paulo)*, v. 37, 1-11. <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2018020>
- Simmel, G. (2005). O Estrangeiro. *RBSE*, 4 (12), 265-271.
- Sposito, M. E. B. (1994). *Capitalismo e Urbanização*. São Paulo: Contexto.
- Vaughan, D. (1999). The Dark Side of Organizations: Mistake, Misconduct, and Disaster. *Annu.Rev.Sociol.* 25, 271-305. <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.25.1.271>
- Vinuto, J. (2014). A Amostragem em Bola de Neve na Pesquisa Qualitativa: Um Debate em Aberto, *Temáticas*, Campinas.
- Volkan, V. D. (2017). Immigrants and Refugees: Trauma, Perennial Mourning, Prejudice, and Border Psychology. Londres: Karnac Books Ltd. <https://doi.org/10.4324/9780429475771>
- Weiß, A. (2018). Tornar-se refugiado: uma abordagem de trajetória de vida para a migração sob coação. *Sociologias*, Porto Alegre, 20 (49), 110-141. <https://doi.org/10.1590/15174522-02004904>
- Westwood, R. (2006). International business and management studies as na orientalist discourse: a postcolonial critique. *Critical Perspectives on International Business*, 2 (2), 91-113. <https://doi.org/10.1108/17422040610661280>
- Young, R., J. C. (1998). Ideologies of the postcolonial. *Interventions: International Journal of Postcolonial Studies*, 1, 4-8. <https://doi.org/10.1080/13698019800510021>

APÊNDICE A

TÓPICO GUIA PARA ENTREVISTAS COM REFUGIADOS E IMIGRANTES, BASEADO NA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

(Perfil do entrevistado)

Nome fictício:

Sexo:

Idade:

Nacionalidade:

Motivo pelo qual saiu de seu país e ingressou no Brasil:

DEFINIÇÃO IMIGRANTE / REFUGIADO

- 1- Narrativa sobre os motivos que levaram a sair do país de origem e vir para o Brasil.

IDENTIDADE IMPOSTA

- 2- Narrativa sobre como foi a chegada ao Brasil.
- 3- Identidade a qual o entrevistado se identifica (refugiado ou imigrante). Como ele se sente com essa identidade.
- 4- Como o entrevistado é tratado no Brasil.
- 5- Quais os principais desafios encontrados até o momento.

COLONIALIDADE NO ÂMBITO DO TRABALHO

- 6- Desafios da busca por emprego.
- 7- O preconceito existe? De que forma?
- 8- Formação do entrevistado antes de vir para o Brasil.
- 9- Qual o emprego encontrado?
- 10- Emprego encontrado está relacionado à formação do entrevistado ou ao que fazia em seu país de origem?
- 11- Como o entrevistado se sente em seu trabalho e nas relações pessoais que lá existem?
- 12- Houve alguma situação em que o entrevistado se sentiu injustiçado ou explorado em seu local de trabalho?
- 13- Em geral, qual a relação do entrevistado com os brasileiros?